

Para Bestwig

Oneº micos inicie com
este brinque oferecido pelo
acres de Amélia Batista

Um brinque

doce

21/3/91

Class:	DISSERTAÇÃO
Registro:	001
Data:	1991
Docente:	Renan Augusto Barcellos Guazzelli

DOAÇÃO	
DE:	Renan Augusto Barcellos Guazzelli
EM:	21.03.91



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÉNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CAUDILHOS E "MONTONEROS" DE LA RIOJA
SOCIEDADE E DISCURSO (1862-1867)

CÉSAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI

ORIENTADORA:

PROF DRA CELI REGINA JARDIM PINTO

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em História no Curso de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 1990



Guazzelli, Cesar Augusto Barcellos
6919c 1990 Caudilhos e "montoneros" de La Rioja:
sociedade e discurso (1862 - 1867). Por-
to Alegre: UFRGS/IFCH, 1990.

249p.

Dissertação (mestrado) UFRGS/IFCH

1. História-Argentina 2. Caudilhismo
3. História-La Rioja

CDU: 982

DEDICATORIA

Este trabalho é dedicado à
Vera Maria Rosak, companheira de
longos anos, cujo apoio foi
decisivo para uma reviravolta
completa na minha vida
profissional e meus primeiros
passos como historiador. Também
o dedico ao nosso filho Pedro
que, dentro do possível,
entendeu as ausências do pai e
procurou "ajudar".

PREFACIO

A história dessa Dissertação no tema do caudilhismo platino é de certa forma minha história como historiador. Minha curiosidade pela realidade argentina é quase tão antiga quanto eu mesmo, pelas narrativas que desde a infância me faziam meu avô, fronteiriças, que viveram muito tempo na vizinha Corrientes e com muitos laços familiares do "outro lado". Assim, de uma forma fragmentária, foi se construindo o imaginário de uma sociedade, ao mesmo tempo muito semelhante e muito diferente. Mais tarde, o contato com a literatura regional riograndense – como "Anjo da Vitória" de Sírides Lopes Neto – e com aquela produzida no Prata – o "Martin Fierro" de José Hernandez e o "Don Segundo Sombra" de Guiraldes – enriqueceu muito o universo que ia sendo montado em relação à Argentina, despertando naturalmente uma sede maior de conhecimento.

Minha primeira aproximação física com a Argentina ocorreria no início dos sombrios anos 70, época justamente em que o Brasil "dava as costas" para a América Latina e nossas autoridades propalavam o divórcio brasileiro com o resto do continente e insistiam em nossa vocação predestinada ao primeiro mundo. O que eu percebia, no entanto, eram os problemas comuns, as semelhanças sociais e culturais. Daí um interesse mais acentuado pela literatura, pela música popular, pelos costumes, pelo folclore, pela história.

Foi então que surgiram os caudilhos. As imagens brumosas de Artigas, Ruímes, Ramírez, Facundo, Rosas, Peñaloza, Varela, foram se desenhando nas "coperas populares", mostrando

uma América Latina que dizia não ser nossa mas que cada vez mais me parecia familiar. Veio daí uma profunda avassaladora em busca dos caudilhos: sucederam-se em pouco tempo leituras de autores desaparecidos, como o uruguaiense Galeano e seu "As Velas Abertas da América Latina", Sarmiento e seu "Facundo", José Hernández e "Vida del Chacito", o folclorista Félix Luna e o livro "Los Caudilhos", que proporcionou meu primeiro acesso a documentos primários, os autores revisionistas, etc.

A necessidade de por fim ao caos que as aproximações ao tema tinham construído levou-me de volta à Universidade para fazer graduação em História. A seguir o Curso de Pós-Graduação é a esperada chance de defrontar-me face a face com os caudilhos. Assim, os caudilhos do Prata estão no início e no final da história do meu curso de História. Espero que essa tentativa de compreensão do caudilhismo me sirva para voltar outras vezes ao tema e, quem sabe, estimular a outras pessoas o interesse pelo estudo do caudilhismo.

Essa dissertação não seria possível sem o prestimoso auxílio de algumas pessoas e instituições.

Nomeio primeiramente minha orientadora, Professora Célia Regina Jardim Pinto, que acompanhou sua realização desde os passos iniciais, pelo seu sentido crítico apurado e pelo estímulo que sempre deu ao desenvolvimento do trabalho.

Faço também uma menção especial às minhas colegas no Curso de Pós-Graduação, Cláudia Wasserman e Helen Osório, pelas discussões e estudos em comum que tivemos, fundamentais para um crescimento intelectual que possibilitasse a feitura da dissertação.

Agradeço à CAPES, cuja bolsa de estudos tornou possível minha estadia na Argentina durante os meses necessários para a investigação em fontes primárias.

Agradeço também aos funcionários do Archivo General de la Nación e do Archivo de Mitre, ambos em Buenos Aires, pela orientação e paciência, permitindo o acesso aos documentos que interessavam à pesquisa! um agradecimento especial ao Archivo Histórico de La Rioja que, dada a impossibilidade de meu deslocamento a essa cidade, teve a gentileza de enviar-me cópias de seus documentos via postal.

Há ainda aqueles que, durante o tempo em que trabalhei na Argentina, com seu carinho e amizade, fizeram com que rapidamente me ambientasse e tivesse tranquilidade para trabalhar numa cidade estranha! Carlos Spessot e Rejane Born - ele argentino, ela brasileira -, Ana Maria Xavier Correa e Angela Pagani - brasileiras -, Marcela Tacub, Alvaro e Lucía Ruiz, Antonia Ruiz, Jorge e Graciela Lupo, Norma Uguenin - argentinos -, e minha prima Regina Dornelles, também "estudante pobre" em Buenos Aires.

Finalmente - "last, but not least" -, a amiga Emmi Borges de Freitas Xavier, cuja dedicação e domínio dos segredos do computador tornaram possível a apresentação final do trabalho, ou seja, a prova material de sua existência.

S U M A R I O

INTRODUÇÃO

Caudilhos e Historiografia 001

PRIMEIRA PARTE

Estrutura Social e Emergência das "Montoneras" 032

CAPÍTULO I

Caudilhos: Apropriação da Terra e Acumulação Primitiva 033

CAPÍTULO II

A Emergência das Últimas "Montoneras" 084

"Chacho, el gobierno de hecho" (1862-1863) 089

"Allá viene Varela" (1866-1867) 120

SEGUNDA PARTE

O Discurso dos Caudilhos 141

CAPÍTULO III

"El Guerrero Gaúcho": Angel Vicente Peñaloza 148

CAPÍTULO IV

"Cinco mil Ferocidades": Felipe Varela 197

CONCLUSÃO 223

RESUMO 238

ABSTRACT 239

BIBLIOGRAFIA 240

INTRODUÇÃO

Caudilhos e Historiografia

A história dos países platinos durante quase todo o século XIX é marcada pela presença dos caudilhos. A arrancada do processo de independência em 1810 já se faz com o aparentemente súbito despontar de diversos caudilhos, desde um Artigas na Banda Oriental a um Güemes em Salta no final do século ainda encontramos um López Jordán em Entre Ríos, ou um Aparicio Saravia no Uruguai. O que explica a existência dessas lideranças dispersas por todo o espaço platinio, em atividade por quase cem anos? Por que sua recusa em aceitar determinações de uma autoridade superior, o Estado Nacional, que se tentava organizar? Quais as bases de seu poder, que permitem-lhes tão longa sobrevivência? Por que, depois de passados tantos anos, ainda hoje os caudilhos são uma referência frequente nos temas populares e em associações políticas que resistem à ordem dominante? Essas e muitas outras questões fazem o estudo do caudilhismo ser fundamental para uma compreensão da realidade latino-americana.

Caudilho é a tradução portuguesa da palavra "caudillo"; esta, por sua vez, deriva do latim "cabdillo", caudat. O caudilho é alguém que arrasta uma "cauda" de seguidores.¹ A palavra, por sua vez, tem um sentido amplo e um estrito. Na literatura hispânica em geral, pode-se encontrar a expressão caudilho aplicada a qualquer governante, dirigente ou militar,

¹ Félix Luna, "Los caudillos" (Buenos Aires, Peña Lila, 1971) pag.20.

que estivessem a frente de movimentos envolvendo grande número de pessoas. Nesse sentido amplo, poderia ser a palavra aplicada a um Alexandre, a um Atila, a um Cid Campeador, etc. No sentido estrito, que é o que nos interessa, caudilho se usa para designar lideranças afiançadas em bases regionalizadas, que resistem ou se insurgem contra uma organização política que pretende nível mais elevado e centralizado de poder. Classicamente, é o principal líder de uma região que recusa obediência às instituições pretendidamente nacionais.

Estando à margem das instituições, characteristicamente o caudilho se apóia em forças armadas de tipo irregular. Nos exércitos nacionais, ele opta a "montonera", seu braço armado. Não existe caudilho sem a "montonera", essa é a expressão concreta do seu poder. "Montonera" por sua vez, é uma das tantas palavras de curto pejorativo que adquiriu com o passar do tempo um caráter honorífico. É derivada da palavra espanhola "montón", montão ou amontoado, sendo usada pelos representantes das tropas espanholas estacionadas em Montevideo para descharacterizar o exército irregular de Artigas.² Da "montonera" não fazem parte soldados profissionais, uniformizados, dentro dos padrões hierárquicos castrenses; os "montoneros" são gaúchos, petes, ex-escravos, índios, enfim, gente oriunda do "montón".

Caudilhos e "montoneros". Os caudilhos, "terratenientes" e pecuaristas, lutaram em nome de suas províncias ou regiões, contra a afirmação de uma organização política contrária aos seus interesses, o Estado Nacional. Os "montoneros", peões de estância, aderiram aos caudilhos fazendo suas as ban-

² Waldo Ansaldi, "Montoneras", in "Términos latinoamericanos para el diccionario de ciencias sociales" (Buenos Aires, Clacse, 1976) pag.123.

de trás dos seus chefes. Isso não motivaria maiores discussões se encontrássemos nas propostas dos caudilhos vantagens para a população rural em relação ao que oferecia a pretendida organização nacional, muito menos transformações concretas das duras condições de existência dos trabalhadores do campo. Não é essa a realidade. A luta caudilhesca dizia respeito unicamente a interesses específicos da classe dominante; tampouco outros grupos remanescentes do período colonial, como pequenos agricultores ou artesãos, são contemplados pelas reivindicações dos caudilhos. As razões que levaram a plebe rural a cerrar fileiras em torno dos caudilhos é o objetivo desta investigação.

Durante o longo processo de guerras civis no Prata, esse binômio "caudillo-montonera" servirá para descharacterizar a legitimidade de um dos polos da luta, legitimando por consequência o outro. Quem combate em nome de instituições ou leis, com forças armadas constituídas em nome destas, tem em princípio um aval de que não dispõe o adversário, cujas hostes se formam a partir de adesões de pessoas "de abajo". O caudilho se afirmaria contra um sistema legal vigente, estando pois colocando contra este sistema, associado ao bandoleirismo comum. "Montonero" será sinônimo de bandido, de criminoso, não estando inscrito nos regulamentos que se devem respeitar em relação aos beligerantes. Encontraremos os próprios caudilhos renegando a expressão pejorativa, entitulando-se generais ou governadores, e se referindo às suas tropas como soldados ou cidadãos.

Mais recentemente, a partir do chamado Revisionismo Histórico, é que se tentou, como veremos, um resgate dos caudilhos

Ihos enquanto verdadeiros representantes dos interesses genuinamente populares. Em consequência, ser "montonero" adquiriu o sentido de guerreiro por causa popular. Esse justamente foi o nome adotado pelos membros da esquerda do peronismo que optou pela luta armada contra os governos ditatoriais da Argentina nos anos 60.

Como apareceram os caudilhos? Por que lutaram? Por que eram capazes de amarrar nessa luta as pessoas do campo, formando as "montoneras"? A história platina vai até o início do século XIX sem mencionar caudilhos; o fim do poder colonial, trazendo à tona os grupos urbanos influenciados pelo ideário jacobino da Revolução Francesa acaba tomando rumos em grande parte dirigidos pelos caudilhos regionais que até então aparentemente não existiam. Esse confuso processo em que a queda de um poder centralizado é seguido por um longo período de "anarquia" política até que se organizem e se afirmem as instituições de um Estado moderno foi objeto de diversos estudos, por variados intelectuais, e as respostas são até hoje incompletas e insatisfatórias. Cumpre, pois, antes de entrarmos no tema que pretendemos desenvolver, fazer um breve apanhado do que a historiografia platina desenvolveu acerca do caudilhismo.

Essa historiografia inicia com os autores liberais, sendo o fundamento do que se poderia chamar de "história oficial" presente ainda nos dias atuais. O primeiro escrito importante sobre a questão do caudilhismo, é o livro de Domingo Faustino Sarmiento, "Facundo". Sarmiento, além de ser um intelectual multifacetico autor de uma obra imensa, foi político

dos mais atuantes, participando ativamente dos acontecimentos como militar, governador de província e presidente da Argentina. Ele é o autor de uma dicotomia que se tornou clássica: civilização e barbárie. Civilização era a Europa, suas instituições, sofisticada cultura, seu desenvolvimento econômico; bárbara era a América, ausente de instituições e só dispor dos caudilhos, atrasada e inculta, condenada à estagnação econômica. Desfazer a dicotomia era tomar o caminho da Europa — malte bande, em função dos explosivos acontecimentos de 1848, a moderna passaria a ser os Estados Unidos —, abandonando a trajetória em que se encontrava a América.

O caminho pretendido passaria necessariamente pela superação do caudilhismo. É aqui que vamos encontrar o vigor maior dos escritos de Sarmiento. Estabelecida a dicotomia, o autor vai em busca das razões que explicariam a barbárie. No "Facundo", Sarmiento chega a duas determinações fundamentais para a barbárie: uma antropológica e uma geográfica; o resultado seria uma persistência do "feudalismo" na América Latina, manifestado por uma oposição entre campo e cidade. A primeira causa, a racial, deriva de uma combinação de raças claramente inferiores, índios e negros, com europeus meridionais que também são inferiores aos do norte da Europa:

"Por lo demás, la fusión de estas tres familias ha resaltado un todo homogéneo que se distingue por el amor a la ociosidad y incapacidad industrial. (...)"

"Pero no se ha mostrado mejor dotada de acción la raza española cuando se ha visto en los desiertos americanos abandonada a sus propios instintos." 3

3 Domingo Faustino Sarmiento, "Facundo" (Buenos Aires, Sopena, 1962) pag.23-24.

Somada à inferioridade dos tipos humanos que haviam composto a sociedade americana, havia a questão ambiental. Esta se definia fundamentalmente pela extensão do território, o "deserto", e pelas duras condições que impunha à sobrevivência dos habitantes:

"El mal que aqueja a la Republica Argentina es la extensión el desierto la rodea por todas partes, se le insinúa en las entrañas la soledad, el despoblado sin una habitación humana... (....)"

"Así es como la vida argentina empieza a establecerse por estas peculiaridades el predominio de la fuerza brutal, la preponderancia del más fuerte, la autoridad sin límites y sin responsabilidad de los que mandan, la justicia administrada sin formas y sin debates." ⁴

Estão em jogo os dois principais fatores explicativos de Facundo e outros caudilhos: a população formada por pessoas atrasadas "geneticamente" e o meio ambiente hostil e agressivo que favorece a lei "darwinista" do mais forte. O caudilho será aquele que, aproveitando essas condições, se imponha como o mais forte, tentando manter sem alterações essa situação ideal para o exercício do seu mando.

Essa sociedade anormal que se criou no campo platino, é necessariamente contraditória às "ilhas" de civilização, como Buenos Aires, onde o intenso convívio com a Europa trouxe os hábitos modernos: Buenos Aires tem instituições, leis, cidadãos, debate político, jornais, moda, teatro, etc., que aparecem como agressões aos hábitos do campo. Por esse razão os caudilhos lhe fazem guerra, porque não querem sair da feudalidade que lhes garante o poder que possuem.

⁴ Ibid, pag.23.



"Es, en fin, algo parecido a la feudalidad de la Edad Media, en que los barones residían en el campo, y desde allí hostilizaban las ciudades y asolaban a los campesinos, pero aquí faltan el barón y el castillo feudal." ⁵

Seguindo no mesmo raciocínio do "diagnóstico feudal", o autor procura explicar a adesão dos habitantes da campanha argentina aos seus caudilhos, recusando as normas civilizadas de participação política:

"La tradición es, por otra parte, el arma colectiva de estas estolidas muchedumbres embrutecidas por el aislamiento y la ignorancia. Facundo Quiroga había creado desde 1825 el espíritu gregario; al llamado sayo, reaparecería el levantamiento en masa de los varones a la simple orden del comandante o jefe; la primitiva organización humana de la tribu nómada, en país que habla vuelto a la condición primitiva del Asia pastora. El sentimiento se transmite de padres a hijos y al fin se convierte en segunda naturaleza." ⁶

É o feudal contraposto ao moderno que sintetiza a dicotomia civilização e barbarie. O feudalismo, essência da Ásia incivilizada e superado pelo paradigma europeu, precisa ser suplantado pelo oásis civilizado que se concentra nas cidades, como Buenos Aires. Daí a indissolubilidade entre o credo civilizador e seu corolário. Os hábitos civilizados se impõem via transformações econômicas, como incentivo ao comércio ultramarino e atividades industriais, pela difusão do telégrafo, ferrovias, imprensa e escolaridade. Essa tarefa civilizadora terminaria por converter os caudilhos nos "glijptodontes" que as escavações pampeanas descobriram. E isso era uma tarefa dos liberais, herdeiros do unitarismo clássico dos tempos de Rivadavia. Buenos Aires e seus representantes tinham como encargo es-

⁵ Ibid, pag.27.

⁶ D.F.Sarmiento, "El Chacho" in: "Vidas del Chacho" Vários Autores (B.Aires, Redelito Alonso, 1973) pag.75.

sa tarefa; portanto, a história argentina se construia com a história do partido liberal, único capaz de colocar a república no patamar da civilização.

Um outro escritor liberal contemporâneo dos acontecimentos e participante ativo de muitos deles foi Bartolomé Mitre. Jornalista, militar, governador de Buenos Aires e presidente da Argentina, Mitre deixou também uma obra bastante extensa, além de um rico acervo de documentos atualmente organizados no museu que leva seu nome. Mitre é um fiel defensor do liberalismo, coerente com sua liderança na província enriquecida pelo comércio de exportações os caudilhos provincianos representam, pois, um entrave que deve ser superado. Sua obra mais significativa, a "História de Belgrano", estabelece claramente que são minorias civilizadoras que tem o papel de fazer andar a história, construir o mundo moderno. Os liberais portenhos, herdeiros do unitarismo rivadaviiano, são também os herdeiros de Mayo e dos ideais da Revolução Francesa. Cabe a eles, portanto, o dever de superação do atraso representado pelos caudilhos provincianos. Referindo-se à falta de condições para a tarefa cívica que se impunha, exemplifica no caso de Artigas:

*"Sólos, mal armados, mal tratados, mal organizados, casi sin armas y desprovistos de todo, se mostraban empero dispuestos a hacer el último esfuerzo. Artigas, encuadrando esta valerosa resistencia, se habría levantado ante la historia, si hubiese poseído alguna de las calidades del patriota o del guerrero."*⁷

E o caudilho que, pelo seu papel contrário aos rumos da história, impede que as massas mobilizadas possam trilhar os

⁷ Bartolomé Mitre, "Historia de Belgrano" (Buenos Aires, Eudeba, 1967) Tomo III, pag. 226.

caminhos da civilização. Essa capacidade, por outro lado, apresentada pelos caudilhos de conduzir as massas em função de seus interesses, Mitré tenta explicar utilizando o exemplo de Martín de Güemes, nos movimentos de resistência à restauração espanhola em Salta:

"La guerra de Salta en 1817 es la lucha de un pueblo levantado en masa, que defiende sus hogares y su independencia contra un ejército regular que invade su territorio. (...)"

"Lo que imprime su carácter moral, es que fué un desenvolvimiento armónico de fuerza popular nacido de un movimiento de opinión espontáneo, en que abraba la acción individual y colectiva simultáneamente alimentada por una pasión política a la vez que por una idolatría personal." 8

Os liberais do século XIX inauguraram na Argentina um pensamento histórico que seria o legitimador de seus atos: o extermínio dos indios e dos gaúchos em nome do progresso; a aceitação do papel subsidiário pelas economias interioranas, com submissão de seus caudilhos, em nome do progresso; a reforma da atividade agro-exportadora, a vinda de imigrantes, enfim, são atitudes que o grupo liberal define como as necessárias para ultrapassar o atraso, portanto em si justificáveis. Para os liberais, a antinomia era o caudilhismo, maior dos males a ser superado. Os historiadores liberais, herdeiros dos pioneiros do XIX, ainda mantinham fundamentalmente a mesma forma de pensar em relação aos caudilhos; por exemplo, Ramón Cárcano em seu "Juan Facundo Quiroga":

"De su valor / Facundo / se forjan leyendas y de su crudeldad se forman anales. Atrae a las multitudes, que le admiran y temen. Aplica el terror como un método de

8 Ibid, Tomo III, pag.54.

dominio. En los espíritos simples la devoción alcanza el fanatismo, especialmente entre las gentes sin la menor cultura."⁹

Em suma, a historiografia liberal não supera uma visão dual da sociedade: convivendo civilizados e bárbaros, uns devem submeter-se aos outros. Por outro lado, a explicação da barbárie não supera o determinismo físico - geográfico e antropológico - alcançado por Sarmiento. O caudilho, bárbaro, bandido-leiro, é afastado pela civilização, pelas instituições e pelos seus heróis, tornados instituições e heróis nacionais, e objetos de "culto" para todos os cidadãos.

Aos liberais se contrapôs uma corrente histórica relativamente recente que se auto-entitula "revisionista". Em última análise, o revisionismo transforma e inverte o que era incensado pelos liberais: o herói passa a anti-herói, o nacional passa a antimaterial. Os caudilhos para esses autores, representam o que havia de mais legitimamente nacional e popular, enquanto os liberais da capital eram elitistas e entreguistas. Como veremos, o pensamento revisionista apareceu com bastante vigor associado ao populismo de Perón, procurando um substrato nacional para uma luta anti-oligárquica, anti-liberal; tentar-se uma ponte entre os caudilhos, marcadamente Rosas, e o governo Perón, como os legítimos representantes do povo argentino. O "montonero" do passado se converte no "descamisado" do presente.

Em Alberdi, um intelectual contemporâneo de Sarmiento e Mitre, já existem alguns esboços. Apesar de compartilhar algumas idéias de Sarmiento, como a questão das raças e do condi-

⁹ Randi Barreiro, "Juan Facundo Quiroga" (Buenos Aires, Losada, 1960) pag. 20.

cionamento que o "deserto" exercia sobre a população rural, Alberdi não optava pelo extermínio dos caudilhos. Sendo ele próprio o principal intelectual ligado a Urquiza, idealizador da constituição de 1853, pensava na incorporação dos caudilhos a um sistema político que, trazendo transformações modernizadoras, terminaria com o atraso que era a base onde se apoiava o caudilhismo.

*"Combatir el caudillo y el caudillaje, quiere decir acabar con el poder discrecional, o lo que es igualmente el 'derecho' y la 'libertad'. Pero si el caudillo es una expresión necesaria y útil de la vida pastoral tal qual hoy existe, no hay más medio de acabarlo que concluir con el deserto, con el aislamiento material, con la nulidad industrial, que hacen existir el caudillo como su resultado lógico y normal."*¹⁰

Se não chegava a fazer uma defesa dos caudilhos, Alberdi era no entanto um crítico dos liberais. Essa é a principal relação com os posteriores autores revisionistas. Por exemplo, numa página em que ataca a Rosas, accusa os liberais que combateram o ditador dos mesmos excessos:

"Con Rosas cayó el tirano, pero no la tiranía, que nunca cae por una batalla, como no nace jamás la libertad por un triunfo de la espada."

Esas tiranías vive constituida y concuerda con el modo de ser de las cosas, del suelo, del hombre, de la sociedad, tal como los dispuso y regló el orden colonial español que duró siglos.

*Esas tiranías precedió a Rosas y produjo a Rosas. Como una tiranía hace nacer y produce siempre al tirano o a los tiranos que la ejercen, después de caído Rosas no tardó en convertir a sus vencedores liberales en otros nuevos tiranos que le sucedieron."*¹¹

Com Alberdi se iniciaria uma historiografia anti-liberal

¹⁰ Juan Bautista Alberdi, "Cartas quillotanas" (Buenos Aires, Estrada, 1945) pag. 89.

¹¹ Idem, "Escritos póstumos" (Buenos Aires, Europea, 1893), apud Alberto Pia, "Ideología y método en la historiografía argentina" (Buenos Aires, Nueva Visión, 1972) pag. 42.

ral; foi porém com Saldías que apareceu esta versão de cunha "nacionalista" que contraria em Rosas, o anti-herói por exé-
lencia dos liberais, a revisão de fatos e personagens da histó-
ria argentina. Rosas passa a ser símbolo da defesa da naciona-
lidade, tão bem capaz de fazer frente ao expansionismo das na-
ções europeias; o "bárbaro" anti-estrangeiros dos liberais se
torna o verdadeiro defensor da pátria. Em sua "Historia de la
Confederación Argentina", diz Saldías a respeito de resistência
rosista ao bloqueio francês de 1838:

*"Contra todas las seguridades de éxito que se prometían para sí y sus aliados, Rosas les mostró treinta y cinco años antes que Juárez de México, que no se impondrían por la fuerza en América del Sur. El sentimiento de americanismo que provocaron desde principios del siglo las tentativas de Europa de enseñorarse de las fértilles tierras que baña el delta del Plata, se manifestó ardoroso, para resistir aquellas agresiones; y bárbaro, según los argentinos que pretendían defender la civilización del lado del extranjero que agredía a cañonazos la República Argentina y ocupaba una parte de su territorio, o lógico, según lo entiende todo el que se resuelve a sostener un derecho sagrado, sea cual fuere el poder de quien quiere hallarlo, acompañó a Rosas en esa época de prueba."*¹²

Rosas, assim, será ligado aos heróis da independência e transformado no verdadeiro herdeiro das tradições de Mayo. A espada que desde seu exílio San Martín remeteu a Rosas passa a ser o símbolo maior dessa ligação.

A partir do caudilho maior, Rosas, se estenderam aos demais as principais características que foram conferidas pelos revisionistas: nacionalismo, representação popular, defesa de

¹² Adolfo Saldías, "Cómo se formó la Alianza Antirrosista" (Buenos Aires, Plus-Ultra, 1971) pag.78-79. Esse livro é uma edição em separado de vi dos tomos da obra "Historia de la Confederación Argentina".

programas que genuinamente pretendiam o crescimento independente do país. As instituições liberais, a constituição ("cuadernito", como dizia Rosas), os enlaces comerciais, diplomacia, eram uns tantos instrumentos para atrelar a Argentina à dominação estrangeira; o anti-herói máximo será Rivadavia e seu programa unitário, seguido pelos liberais, como Mitre, Garmiento, etc.

Fundamentalmente, a aparentemente espontânea adesão das massas rurais a Rosas e outros caudilhos deixa de ser interpretada em função da ignorância e do atraso; agora as massas se mobilizam porque os caudilhos são seus legítimos representantes e, acima de tudo, seus protetores. Há um parágrafo de José María Rosa, um dos mais célebres defensores de Rosas, onde o autor faz uma antológica observação:

"El caudillo de la primera mitad del siglo XIX es, sobre todo, el estanciero no el simple propietario de campos como podría serlo Anchorena o Martín Rodríguez, sino el patrón que trabaja personalmente su estancia y convive con sus peones y habla, visto, se expresa y siente como ellos. Estancieros son Ramírez, Quiroga, Rosas y la mayoría de los caudillos; verdaderos jefes de esas pequeñas comunidades que son las estancias gerentes de la empresa económica, jueces que imponían penas a las faltas de convivencia, legisladores que dictaban reglamentos camperos, sacerdotes que rezaban el rosario a la caída de la tarde, bautizaban "de socorro" a los recién nacidos y casaban de apuro hasta que llegase el párroco distante capitán de la milicia formada por los peones en las horas de los malones o cuando había que irse a una patriada a la ciudad; médicos que curaban con sus conocimientos empíricos; y sobre todo, patriarcas que sabían dar el consejo oportuno y sensato a los que necessitaban ayuda moral. (...)"

"Eran los jefes. Sentían e

*interpretaban la comunidad y puede decirse que la comunidad gobernaba a través de ellos. Eran "aristócratas", como los han llamado, con protestas de quienes no han leído a Aristóteles y no saben dar a la palabra su acepción correctas porque un aristócrata es un auténtico representante del pueblo; solo se da la aristocracia en función del pueblo gobernado."*¹³

Esta página é uma síntese do pensamento de Rosa em relação ao caudilhismo; raramente em outros autores identificados com o revisionismo encontra-se tão bem articulada a fundamentação do poder e da popularidade dos caudilhos. O caudilho aparece como o "melhor entre iguais", como um "gaucho" a liderar outros "gaúchos". Aquilo que liberais como Sarmiento identificavam como a presença da "horda asiática" ou reminiscência dos "barões feudais", aparece como legítima representação de todos, revivendo o próprio conceito platônico-aristotélico de aristocracia. As funções que o Estado liberal reclama - ordenamento jurídico, código penal, direção da política econômica - são já exercidas pelos caudilhos, no pequeno universo da estância, bastando que se lhes preserve essa autonomia. O Estado liberal, nessa ótica, retirou aos legítimos representantes populares o seu poder, transferindo os interesses populares para os transnacionais, iniciando um processo de desagregação da nacionalidade.

A historiografia argentina pautada pelo revisionismo se constituiria numa permanente reivindicação dos variados caudilhos como heróis populares, combatendo o anti-herói smo dos liberais. Por exemplo, esse comentário de García Mellid:

13 José María Rosa, "Defensa y pérdida de nuestra independencia económica" (Buenos Aires, Mar, 1954) apud Pla, op.cit. pag.61.

"La historia argentina, por lo tanto, se bifurca en la lucha por la Ley y en la lucha por la libertad. Los 'grupos ilustrados', que son los que pujan por la primera, han constituido, en los diversos períodos el unitarismo, el progresismo, el apóstolato, el 'régimen' y la oligarquía. El pueblo, adherido a la causa de la libertad, ha sido impugnado por tales circunstancias como gaucho, montonero, campesino, chasqui y descampisado." 14

Por outro lado, ao caudilho provinciano deve ser somado um objetivo maior: não era a mesquinha luta pelos interesses regionais que os movia, mas algo mais amplo, significando o próprio ideal nacional ou mesmo panamericano. Por exemplo, o texto de Mercado Luna sobre as "montoneras" de La Rioja no período mitrista:

"La Rioja que fue Nación con Belgrano, América con Varela. Sueño de justicia e igualdad en la noche fría de los montoneros sin hogar, sin tierras, sin ternura, sin paz..." 15

Os autores citados e muitos outros mais - Fermín Chávez, Milcides Peña, Ortega Peña, Eduardo Duhalde, por exemplo, mantiveram essas linhas básicas de raciocínio. Se, por um lado, houve o mérito de desmistificar a "história oficial" com seus heróis, por outro criaram uma nova mistificação na construção dos representantes dos anseios populares. Caracterizado pela simplificada inversão do "herói" dos atores, o revisionismo não apresenta diferenças substanciais em relação ao liberalismo na compreensão dos fatos históricos. A história é desencadeada ao sabor das paixões humanas, havendo os líderes

14 Atilio García Mellid, "Montoneras y caudillos en la historia argentina" (Buenos Aires, Eudeba, 1985) pag.23.

15 Ricardo Mercado Luna, "Los coronelitos de Mitre" (Buenos Aires, Plus Ultra, 1974) pag.12

16 O que afirmamos fica claro em obras como "El revisionismo y las montoneras" de Chávez, "La era de Mitre" de Milcides Peña, "Facundo y la montonera" de Ortega Peña e Eduardo Duhalde.

condutores que estão no caminho "certo" ou "errado", sendo "heróis" ou "traidores".

Assim como os esboços "darwinistas" de um Sarmiento ficaram sem ser aprofundados, o diagnóstico de Rosa em busca da popularidade dos caudilhos igualmente permaneceu sem continuidade. As bases sociais explicativas da conduta dos diversos autores não são estabelecidas, e a história é o reflexo das ações políticas individuais. Há, caracteristicamente, a fuga de liberais e revisionistas da abordagem de determinados temas que poderiam trazer controvérsias. Os liberais ignoram as atitudes mais radicais de Mariano Moreno: nos programas unitários e liberais é admitido o Moreno da "Representación de los Haciendados", não o do "Plan de Operaciones", o jacobinismo que precisou ser afastado da Revolução de Mayo. Os revisionistas, por sua vez, passam por cima do movimento antiguista e da profunda alteração fundiária que pretendeu aplicar na Banda Oriental.¹⁷

Haveria um significativo progresso na historiografia argentina com o aparecimento de obras, geralmente de economistas, que procuravam resgatar a história econômica do País. Abandonando a descrição dos grandes fatos e feitos, bem como os grandes nomes nacionais, esses autores buscavam as causas do presente econômico argentino, articulando os diversos momentos pelos quais passou a sociedade platina com os movimentos da economia mundial, marcadamente a expansão do capitalismo. São importantes livros como "Historia Económica de la Argentina", do engenheiro Ricardo Ortiz, que representa uma tentativa séria

¹⁷ Pta, op. cit. pag. 43.

de interpretação marxista, "La Economía Argentina" de Aldo Ferrer, dentro do marco do desenvolvimentismo, e "História Econômica de la Ganadería Argentina" de Horacio Biberti.

Esses autores, na medida em que privilegiam o setor econômico de "ponta", restringem suas análises praticamente à província de Buenos Aires. Se têm enorme importância no sentido de desvendar os reais interesses dos proprietários e comerciantes portenhos, apenas secundariamente aparecem as economias provincianas, suas contradições e movimentos políticos de seus representantes. Por outro lado, aspectos sociais também aparecem em segundo plano.

Mais interessantes do ponto de vista historiográfico estão autores que, partindo dos fatores econômicos, procuraram estabelecer nexos com a estrutura social argentina. É marcante aqui o trabalho de Jacinto Oddone "La Burguesía Terrateniente Argentina" que busca as origens do latifúndio. No prefácio do livro o autor esclarece suas preocupações:

*"Primeras: cómo había podido pasar a manos privadas la enorme superficie del suelo argentino que constitúa, hace apenas pocas décadas, el patrimonio de la Nación. Segundo: cómo se habían formado en el país los latifundios existentes, que son la rúbrica del progreso social y de la prosperidad de los habitantes..."*¹⁸

Na mesma linha encontrarmos trabalhos como o de Emilio Coni "El Gaúcho", onde busca as origens do trabalhador rural e como se constituiu como morderaobra um amplo contingente de antigos habitantes da campanha argentina. Esses autores, no entanto, não chegam a tratar diretamente a questão do caudi-

¹⁸ Jacinto Oddone, "La burguesía terrateniente argentina" (Buenos Aires, La Vanguardia, 1930) pag.5.

Istmo.

Já Juan Alvarez na conhecida obra "Las Guerras Civiles Argentinas" procura uma resposta original. Através da quantificação - lista de preços, dados demográficos, etc - Juan Alvarez procura identificar as crises políticas argentinas a situações econômicas concretas, como queda de ingressos aduaneiros ou baixa dos preços de determinados produtos. Se bem que isso muitas vezes o tenha levado a conclusões muito mecanicistas, seu trabalho chega a muitos achados interessantes. Por exemplo, a relação que faz entre livre-câmbio e a população da campanha portenhata:

"Los gauchos del litoral, atentos solo a la conveniencia de tener carne, pan y tierra baratos para continuar viviendo en su holganza semisalvaje, eran partidarios, sin saberlo, del sistema restrictivo manejado por el rey. Además, rechazan el servicio regular en los ejércitos patrios. Entretanto la Revolución de Mayo había sido hecha por librecambistas, y eran los hacendados gaúchos suministraban recursos y ideas al gobierno de Buenos Aires..."

*"Pareceme que esta explicación de los hechos permite comprender por qué, desde Artigas a López Jordán, hubo permanentemente en nuestro país millares de hombres descontentos y dispuestos a rodear, con una popularidad que no conoció la guerra contra España, a cuantos se alzaran contra el gobierno autor de las nuevas fórmulas económicas."*¹⁹

Como corolário dessa historiografia que buscava os fundamentos econômico-sociais da realidade argentina, apareceriam os autores marxistas.²⁰ Um desses autores, Leonardo Paso, identifica nos caudilhos provincianos a resistência à penetração do capitalismo, agarrandose a uma série de práticas feu-

¹⁹ Juan Alvarez, "Las guerras civiles argentinas" (Buenos Aires, Eudeba, 1993) pag.76-78.

²⁰ Esses historiadores são muitas vezes controversos. Os diversos rumos que tomou o Partido Comunista Argentino, bem como suas dissidências, levaram a uma pluralidade de interpretações, habitualmente tratando de salvaguardar uma determinada postura política de seus autores.

dais. Nos unitários herdeiros de Mayo e nos liberais do período pós-progressista seriam encontrados os elementos que promoveriam as transformações burguesas. Dentro os caudilhos ele ressalva o programa artiguista como legítimo integrante do jacobinismo presente ²⁴ no inicio da Revolução. Acertadamente, Paseo identifica na base da luta caudilhesca uma tentativa desesperada de sobrevivência dos "terratenientes"; as exageradas medidas de autarquia eram o resultado da ausência de um mercado interno, que a elite pertinha não constituira com suas práticas voltadas para a agro-exportação.

"La primera tendencia de los caudillos reclamando la independencia absoluta se manifestó en la división artificial de las provincias, en la aparición de nuevas, tanto en el Norte como en el Litoral y que no respondían en verdad al desarrollo de sus economías. Tal como señalamos los mismos caudillos advirtieron pronto la inconveniencia de esas segmentaciones artificiales."

"El propio sentido de autodefensa los impulsó otras veces a las coaliciones. Los argumentos en uno o otro caso fueron los mismos y, en general no se fundamentaron en grandes cuestiones de principios." 25

Paseo obviamente se antepunha ao revisionismo, desqualificando a retórica do federalismo como panacéia contra os males da população rural, bem como o caráter "nacionalista" e "progressista" que se tentou conferir aos caudilhos. Porém, se conseguiu explicar a luta caudilhesca como circunscrita a setores de classe dominante. Paseo não tem uma explicação para a adesão das massas do campo aos seus caudilhos.

Juan José Real, num trabalho que se tornou clássico,

24 Leonardo Paseo, "Los caudillos y la organización nacional" (Buenos Aires, Futuro, 1965) pag.273.

saliente que não havia espontaneidade na formação das "montoneras", sendo a violência e a coerção os principais fatores a influir na constituição dos exércitos irregulares.

"Que este sistema pudiera sustituir y arrastrar a las masas en una adhesión sin límites al caudillo lugareño, es dudoso. Nada ganaban las masas con la dominación de los caudillos, ni en lo político, ni en lo económico-social. No gozaban de mayores libertades porque el gobierno de cada caudillo era la réplica provinciana del gobierno del gran caudillo porteño. No disfrutaban de un mejor nivel de vida bajo aquellos gobiernos, que por una parte, impedían el desarrollo de la producción y por otra, las arrancaban de ella continuamente para incorporarlas a los ejércitos."²²

Oriundos do Partido Comunista, alguns autores aproximaram-se do peronismo, apostando numa aliança com os reprezentantes "progressistas" da burguesia. A repercussão desta postura não seria insignificante: os dissidentes considerariam os historiadores como Passo e Real como adeptos do stalinismo – logo não verdadeiros marxistas – e intelectuais que na verdade reabilitavam a visão liberal da história argentina. Uma visão histórica que polarizava a realidade argentina do século XIX entre o "feudalismo" dos caudilhos e o "capitalismo" da burguesia exportadora de Buenos Aires, não fazia mais que afiançar a legitimidade desta burguesia.

A alguns desses autores, partindo do referencial teórico do marxismo, terminaram por cair no mesmo raciocínio desenvolvido pelos revisionistas, o que, aliás, estava de acordo com sua aproximação com Perón. Por exemplo, escreve Jorge Abelardo Ramos no seu "Revolución y Contrarrevolución en la Argentina":

²² Juan José Real, "Notas sobre caudillos y montoneras" in "Unitarios y federales" Vários Autores (Buenos Aires, Hispanérica, 1987) pag. 151.

"Algunos seudomarxistas y liberales han pretendido ver en la barbarie la vieja Argentina y la era de 'progreso' que supuestamente le sucede a partir de Caseros, una contradicción entre el feudalismo y el capitalismo moderno. Nada más equivoco que este aserto. La Argentina se incorpora plenamente a partir de Caseros al mercado mundial subordinada a las necesidades del capitalismo inglés, en cuyo beneficio se destruye la economía precapitalista criolla. El desarrollo capitalista argentino es reprimido y el país se pliega a Europa como provincia agraria. La metrópoli industrial no será Buenos Aires sino Londres; a la oligarquía se le reservará solamente la función de proveedora de alimentos a bajo costo del consumidor europeo. Este hecho irrefutable destruye por la base la teoría seudomarxista de Real, Paso, Yanque y otros historiadores comunistas tendientes a demostrar desde 'la izquierda' la legitimidad histórica de la política del mitrismo, esto es, de la burguesía comercial porteña a la que atribuyen el papel de 'burguesía industrial'.²³

Para Ramos, de acordo com o que foi exposto, os caudilhos voltam a ter o papel de resistência à expansão do capitalismo internacional, o verdadeiro opressor. O caudilho, se não é a expressão dos interesses populares, é a melhor opção com que contavam os peões do campo; a oligarquia exportadora de Buenos Aires visava sua destruição e a entrega do país ao estrangeiro. Em última análise, Ramos esquece a diferença de classes do caudilho e seus "montoneros", bem de acordo com a noção de apoiar o setor burguês representado pelo peronismo.

Uma obra mais consistente, também oriunda das divergências internas do marxismo argentino, é a de Rodolfo Puiggrábe. Este autor também se aproximou do peronismo, chegando a

²³ Jorge Abelardo Ramos, "Revolución y contrarrevolución en la Argentina" (Buenos Aires, Plus Ultra, 1974) vol. I ("Las masas y las lanzas") pag. 198.

pensar no Estado organizado por Perón como algo dissociado da burguesia, pairando "acima" das classes sociais. Assim como em Abelardo Ramos, sua visão histórica dos movimentos do século XIX seria comprometida pela política do presente; Rodolfo Puiggrós teria também que resgatar aos caudilhos o papel de "condutores" da peonada do campo, uma escolha nacionalista e mais consistente que o "progressismo" dos liberais.

*"Han desfilado por estas páginas los caudillos de la década más tempestuosa de la historia patria. También los políticos y militares que - para proyectar en las Provincias del Plata el modelo de la sociedad capitalista idealizada - recurrieron al exterminio o al soborno de aquellos caudillos. Los primeros interpretaron intuitivamente ('genialmente' dirían luego sus severos censores como Sarmiento y Mitre) la lucha por la vida de los de abajo (gauchos, artesanos, indios), hombres y mujeres ensajenados a una existencia aniquilada por la miseria, el desamparo y el aislamiento, a que los condenaba la absorción del poder y de las rentas por la clase dominante del puerto monopólico."*²⁴

Outros autores mais recentemente tentaram ver o caudilhismo a partir de categorias marxistas. Um desses é Rubén Zorrilla com seu "Extracción Social de los Caudillos" é um trabalho notável na medida em que prova claramente a procedência dos caudilhos da grande propriedade fundiária, em geral nas mãos das famílias dos caudilhos desde três ou mais gerações. As conclusões, no entanto, apresentam imprecisões teóricas: Zorrilla defende a existência na Argentina do século XIX da que chama "capitalismo ruralizado", onde as frações da classe dominante em luta cooptariam os trabalhadores do campo através da

²⁴ Rodolfo Puiggrós, "Los caudillos de la Revolución de Mayo" (Buenos Aires, Contrapunto, 1987) pag.467.

prática de um "populismo oligárquico":

"Es decir si la situación es de equilibrio, aquellos sectores interessados en definir la lucha a sus favor pueden llamar a intervenir, y en su apoyo, a otros sectores, inclusive las masas populares, creando en este caso lo que hemos definido conceptualmente como el 'populismo oligárquico'. Esto puede ser especialmente favorable si esas masas son de tipo rural - trabajan en, y están sometidas a, las determinaciones estructurales de la propiedad terrateniente - y se hallan en situación de dependencia de los jefes - al mismo tiempo terratenientes - que las movilizan en el conflicto intraclass."²⁵

Se é correto que devam existir determinações estruturais para a formação das "montoneras", deduzir daí uma situação de populismo é um equívoco realmente sério. Um outro autor bastante conhecido, León Pömer, chega muito próximo dos fundamentos da relação entre caudilhos e seus comandados, resgatando inclusive as raízes coloniais da dominação que se estabeleceu no campo:

"Pero lo habitualmente dominante es el poder en cuya cima - o detrás de ella, o al costado - tintinean la espuela del caudillo, y por debajo de este una red de jefazuelos menores cuya fuerza deriva de la aptitud para mantener relaciones personales que labran obediencias y subordinaciones merced una mezcla de prestigio y violencia de favores, paternalismo y linaje que legitiman ese poder. (...)"

"Todo lo que desestabilice estas relaciones, que nada tiene de justiceras e igualitarias, recibirá como respuesta la hostilidad de quienes están en ellas involucrados. Unos y otros - los 'de arriba' y los 'de abajo' - conforman una totalidad social pre-pacial con una cierta identidad que si desintegrada, promete a unos perdida de poder y a otros múltiples angustias."²⁶

25 Rubén Zorrilla, "Extracción social de los caudillos". (Buenos Aires, La Pleyade) pag. 153.

26 León Pömer, "Cinco años de guerra civil en la Argentina (1865-1870)" (Buenos Aires, Amorrortu, 1986) pag. 14.

Poder não chega, no entanto, a estabelecer como são geradas tais relações de subordinação. Se consegue desenvolver como se dá a averbação da população rural ao Estado e suas representações, restando os caudilhos como único arrimo, falta uma mais detalhada análise das relações entre os proprietários e peões para dar conta da adesão destes à luta caudilhesca.

Também Ansaldi, em trabalho bastante recente, engatilha na explicação das "montoneras" a partir de relações sociais estabelecidas antes da penetração do capitalismo, mas igualmente não desenvolve especificamente essas relações:

*"...Las montoneras expresan la defensa de los intereses coyunturalmente coincidentes de las clases dominantes del Interior y de las subalternas de la misma región. La coincidencia coyuntural de intereses entre unas y otras resulta del hecho de que unas y otras se ven inicialmente perjudicadas por la acción de la expansión capitalista en el sistema de propiedad y relaciones sociales de producción."*²⁷

Essa brevissima passada pela historiografia argentina em relação aos caudilhos do século XIX nos permite algumas considerações em relação ao que perguntávamos no início desse trabalho. Podemos, sem maiores problemas, situar a disputa caudilhesca como um conflito que diz respeito a interesses da classe dominante. Os caudilhos são representantes dos setores "terratenientes" das províncias, em luta contra a élite pecuarista e exportadora da província de Buenos Aires; justamente a intenção deste setor em formar uma organização nacional que beneficiasse sua economia, subordinando os demais, é a principal causa da fratura da classe dominante.

²⁷ Ansaldi, op. cit., pag. 127.

A questão não se limita, pois, na identificação de posições progressistas ou retrógradas, tampouco em identificar o nacionalismo de uns e a submissão ao capitalismo internacional de outros. O que interessa analisar é como essas fragões optaram ~~por~~ determinadas escolhas que acabaram por colocá-las em antagonismo. Na medida em que se concretiza este antagonismo, quais as soluções buscadas para superá-lo e como se envolvem as camadas subalternas da população são perguntas cujas respostas tornam-se indispensáveis para a compreensão do caudilhismo.

Os intelectuais liberais e revisionistas, na medida que priorizam os aspectos políticos da disputa, apenas minimamente satisfazem as perguntas que suscita a questão do caudilhismo. Em consequência, o entendimento que passam do problema é limitado aos movimentos intencionais de grupos que se identificam melhor ou pior com os interesses nacionais, criandose heróis e vilões de acordo com os posicionamentos políticos dos autores.

A partir do desenvolvimento dos trabalhos de história econômica foi possível um melhor mapeamento do problema. A luta política no século XIX aparece mediada por uma série de eventos econômicos, condicionadores das posições assumidas pelos agentes sociais. Foi possível compreender porque as diversas fragões da classe dominante abrigam também distintos projetos, e quais as limitações desses em função dos rumos que impunha a articulação ao capitalismo mundial. Uma grande interrogação, no

entanto, ficava sem resposta: como, na ausência de um projeto próprio, a população do campo argentino aderiria a determinados setores e combatia outros.

Essa é a questão fundamental que nos levou ao presente trabalho. Em suma, o que explica a "montonera"? Não sendo ela uma associação de trabalhadores com reivindicações próprias, que razões levavam os "montoneros" a defender os seus caudilhos? Tampouco se identificam nos caudilhos propostas que atendem problemas concretos da população rural. Por outro lado, não se pode encontrar nos caudilhos platinos aquelas características que Hobsbawm usa para definir "bandidos" ou "rebeldes primitivos".²⁸

A proposta deste estudo é encontrar as razões que explicam as "montoneras" argentinas. A hipótese que desenvolvemos é que as relações de trabalho estabelecidas nas unidades econômicas dedicadas à pecuária - as estâncias - são condicionadoras da formação das "montoneras". Explicando melhor, entre as atividades dos peões fazia parte a defesa da propriedade, e que a guerra caudilheira é em última análise uma extensão dessa defesa. Para tanto, temos que considerar uma situação peculiar: naquelas relações de produção é um trabalho formalmente livre, mas que encobre uma série de relações de tipo pré-capitalista. Um trabalhador em regime de assalariamento completo não sofre coações de tipo extra-económico num nível capaz de levá-lo à defesa incondicional dos interesses do patrão; tampouco uma relação de produção mantida a partir de uma coerção permanente

²⁸ Para Hobsbawm, os bandidos sociais são "prescritos rurais, encarados como criancas pelo senhor e pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade campesina", ("Bandidos" (Rio de Janeiro, Forense, 1976 p.11); Em "Rebeldes primitivos" (Rio de Janeiro, Zahar, 1978) o autor, além do banditismo social, trata dos movimentos milenaristas campesinos.

permitiria a formação dos exércitos irregulares (não há "montoneras" constituídas por escravos). A existência nas relações de produção do campo argentino de elementos pré-capitalistas, que ~~variavam~~ a base de uma coação extra-económica, explicariam a prestação de serviço militar dos peões aos estancieiros.

Por outro lado, o exame destas relações sociais não se esgota na análise do funcionamento da unidade económica fundamental, da apropriação da terra e do condicionamento para o trabalho. Existe nessa sociedade um mecanismo que simultaneamente atenua ou desfaz o antagonismo de classes - entre o proprietário e o trabalhador rural - e transfere para os dominados o antagonismo que existe entre as frações da classe dominante. O peão que se candidata à "montonera" não percebe seu antagonismo com o patrão-caudilho, mas identifica a luta desse patrão-caudilho como sendo sua. E aqui que seriam encontradas uma série de práticas discursivas que criam uma "igualdade" que não existe na realidade, e que fazem do caudilho um autêntico representante, não dos interesses que estão na verdade levando à guerra, mas da massa rural que constitui a "montonera". A luta dos caudilhos, em função desses mecanismos, se tornará a "guerra gaucha", a "patriada", a luta dos despossuídos contra um poder ao qual se atribui a opressão e as dificuldades na sobrevivência.

Neste trabalho, fizemos uma limitação temporoespacial que não é aleatória. O material pesquisado diz respeito aos últimos levantamentos armados ocorridos no norte argentino - especialmente a província de La Rioja - no período do governo

de Mitre. Serão estudadas as "montoneras" de Angel Vicente Peñaloza - el Chacho - nos anos de 1862 e 1863, e as de Felipe Varela, no ano de 1867. Um dos motivos que levaram à escolha desses movimentos é a sua "popularidade": foram os levantamentos que ~~responderam~~ a maior adesão da população rural de La Rioja, criando extremas dificuldades para o governo nacional na sua repressão. É um material, portanto, que se presta muito bem para estudar aquela indagação em relação ao irrestrito apoio dos peões do campo às lutas de seus caudilhos e como esses conseguem essa incorporação. Por outro lado, são as últimas manifestações "montoneras" do norte argentino; aqui podemos ver os limites extremos a que chegou a luta entre setores da classe dominante, com impossibilidade de cooptação desses caudilhos pelo governo nacional que se afirmava sob a condução de Mitre.

O estudo dos últimos caudilhos riojanos possibilita a abordagem do cisma no interior da classe dominante e as medidas tomadas pelo grupo exportador para cooptar ou afastar seus adversários, e as condições estruturais que viabilizaram a incorporação de amplos contingentes armados pelos caudilhos, numa disputa onde não estavam em jogo os interesses diretos da população rural. E pois, uma limitação de objeto que não invalida a possibilidade de compreensão do caudilhismo num universo mais amplo; particulariza-se o tema, limitam-se a época e os atores, para um melhor entendimento dos mecanismos sociais que explicam os caudilhos e sua "montoneras".

O trabalho constará de duas partes. A primeira parte será dedicada à constituição dos caudilhos e das "montoneras" e às condições de emergência dos últimos movimentos armados.

No primeiro capítulo, veremos como se deu a apropriação do gado e da terra no universo platino, definindo-se a partir da apropriação dos bens de produção fundamentais a estratificação social. A constituição dos proprietários de terra e dos que, impedidos ao acesso à propriedade, estão constrangidos ao trabalho, configura o terreno onde se desenvolvem relações de produção específicas que estão na base do caudilhismo. A apropriação delimita o grupo social de onde emergem os caudilhos; a desapropriação e impedimento no acesso à terra produz o trabalhador rural, o peão, base social da "montonera". Este capítulo será trabalhado em fontes secundárias, procurando estabelecer alguns nexos que não encontramos na bibliografia consultada.

O segundo capítulo examinará as condições emergenciais das últimas "montoneras", comandadas por Peñaloza e Varela. Procuraremos, sobretudo, identificar as razões explicativas para o aparecimento de movimentos armados quando, aparentemente, o governo Mitre conseguira a adesão dos principais líderes provincianos para seu projeto de Estado Nacional. Aqui aparecem, ao nosso ver, de maneira acentuada as contradições entre os setores da classe dominante, não apenas entre provincianos e portenhos, como entre diferentes províncias. Aparece ainda a ausência marcante de um projeto político acabado por parte dos caudilhos, e de maneira muito clara a defesa acirrada da manutenção da estrutura vigente como última forma de sobrevivência. Serão trabalhados muitos documentos primários: cartas trocadas por autoridades governamentais — nacionais e provincianas — informando os problemas encontrados para reprimir as "montoneras", medidas adotadas, convênios estabelecidos, etc.

A segunda parte tratará do discurso dos últimos caudilhos do norte argentino. Procuraremos ver de que forma Peñaloza e Varela conseguiram, através do discurso, criar para a população do campo aquele antagonismo que a fração "terratenente" ~~real~~ mantinha em relação ao grupo que se constituiria em poder nacional, bem como anular o antagonismo de classe, partindo de uma postura que igualava provincianos despossuídos com provincianos proprietários, contra o grupo exportador pertinho. Veremos ainda como esses caudilhos buscaram adesões fora de sua esfera de atuação direta, articulando apoios de aliados potenciais indiscutíveis, composições com adversários políticos e até a interferência de países que indiretamente estivessem interessados nas questões do Prata.

Esta segunda parte do trabalho também estará dividida em dois capítulos: um tratará do discurso de Peñaloza, comandante das "montoneras" dos anos 1862-1863, e outro do discurso de Varela, no movimento de 1867. Ambos os capítulos estarão fundamentados em documentos primários, consistindo em cartas dos caudilhos a seus aliados e inimigos, e suas proclamações convocando a população para formar as "montoneras". Apesar de ser um número relativamente pequeno de documentos, tratam-se muitas vezes de textos extensos; tanto pelo caráter peculiar da linguagem utilizada, que era ela própria criadora de significados, como pela importância de alguns detalhes de cada documento, na maior parte das vezes foi impossível suprimir trechos sob pena de comprometer o resultado pretendido. Assim, alguns desses papéis podem trazer dificuldades iniciais pelas expressões empregadas, pelos erros de grafia, mas sua tradução liter-

ral seria impossível sob pena de comprometer a integridade do material.

Em conclusão desse estudo, procuraremos comprovar a hipótese levantada com base na bibliografia consultada e nas fontes documentais que serão discutidas ao longo do texto.

PRIMEIRA PARTE

Estrutura Social e Emergência das "Montoneras"

*"El gaucho más infeliz
Tenía trampillas de un pelo
No le faltaba un consuelo
y andaba la gente lista...
Tendiendo al campo la vista
Solo via hacienda y cielo"*

(*"El Gaucho Martín Fierro"*
- Hernández)

CAPÍTULO I

Caudilhos! Apropriação da Terra e Acumulação Primitiva

*"Ya se fueron los gauchos
y quedó la policía".
(“Payando” - Guaraní)*

O aparecimento dos caudilhos no continente platino não pode ser associado de maneira simplificada a uma causalidade externa: o desaparecimento do poder metropolitano quando da invasão napoleônica na Espanha do início do século dezenove. O não aparecimento de um novo poder que conduzisse os destinos das diferentes regiões do Vice-Reinado do Prata deu margem ao surgimento em cada região de lideranças locais, que nas guerras civis se afirmariam como caudilhos. O caudilho é reduzido a uma mera antítese de uma forma política superior. Por outro lado, essa simplificação cria um aparente paradoxo: enquanto existiu um poder centralizado nas autoridades coloniais, não existiam caudilhos; eles surgem como por geragão espontânea no vácuo deixado pela queda da monarquia espanhola, criando um "estado de "anarquia" que impedia a constituição de um novo tipo de Estado centralizado que governasse a nação recém independente.

De onde surgem os caudilhos e como se afirmam como poderes locais e regionais é o objetivo desta capítulo. O que pretendemos demonstrar é que na estrutura da sociedade colonial se encontram as bases materiais que explicam o aparecimento dos caudilhos, e que a sociedade colonial não era incompatível com

sua existência. O processo de independência, com seu corolário de transformações, trouxe aos caudilhos uma ameaça a interesses específicos, que então passam a ser combatidos. A guerra civil será um reflexo da luta dos caudilhos pela garantia de privilégios de que dispunham no período colonial, contrariando projetos políticos que se desenvolvem na tentativa de uma organização nacional.

O que tentaremos ver é uma indissociável associação do caudilhismo com a apropriação da terra. Se a afirmação dos caudilhos se dá no período que segue a independência, suas bases estão situadas na formação do latifúndio colonial. É a propriedade da terra que vai definir a pertinência do caudilho à classe dominante, e é na propriedade da terra que se criam as relações de poder do caudilho. Não há gratuidade nesta afirmação: todos os caudilhos platinos, sem exceção, foram proprietários de terras, pertencentes a famílias "terratenientes" desde duas, três ou mais gerações.¹

Também será discutido o outro lado da questão: assim como é a apropriação da terra que define o caudilho, a desapropriação transforma um grande contingente de pessoas em trabalhadores rurais, em peões de estância, estabelecendo relações de trabalho peculiares, fundamentais para a formação de "monopólieras" no futuro.

A formação do latifúndio colonial no Prata apresenta a peculiaridade de ser tardia e não ser fundamentada na utilização de mão-de-obra servil. A essência do colonialismo espanhol era a acumulação de metais preciosos. A carência da negligen-

¹ Rubén Iorilla no seu livro "Extracción social de los caudillos" (Buenos Aires, La Pleyade, s.d.) demonstra que os dezoito caudilhos estudados tinham ancestrais ligados à propriedade da terra. (ver pag.36-65)

platina nesses metais ou em artigos tropicais que pudessem ter alto valor comercial, condonou o Prata a um papel secundário para os interesses metropolitano. Somente a orientação para o Atlântico traria importância para o que seria o Vice-Reinado do Prata: a maior distância do centro minrador de Potosí de Buenos Aires, deslocaria para esta localidade o papel de porto exportador de minério que tivera Lima. As cidades coloniais ao longo do trajeto entre Potosí e Buenos Aires - Salta, Tucumán, Santiago del Estero, Córdoba, Santa Fé - adquirem também uma maior importância.

Disputando esse espaço aberto pela colonização espanhola, os portugueses aproximam-se do Prata. O território do atual Rio Grande e da Banda Oriental passa a ser objeto dos interesses de ambas coroas ibéricas, em função de controlar os metais potosinos. Não havia, no entanto, qualquer produção local que despertasse o interesse das metrópoles coloniais. Apesar a partir do século XVIII, com o início da Revolução Industrial inglesa, a região platina passaria a ter importância por um bem que possuía em enormes quantidades: a demanda de couros pela indústria tornou o gado bovino que se disseminava pelo Prata um produto de alto valor.

Também no século XVIII ocorreram modificações importantes na política colonial espanhola: as assim chamadas reformas borbônicas procuraram reorientar a economia colonial, objetivando maiores ingressos. Entre essas medidas estava a criação do Vice-Reinado do Prata, com sede em Buenos Aires, o porto de exportação. Ocorre ainda uma articulação mais efetiva entre

as diferentes regiões do Vice-Reinado, voltadas para o abastecimento de Potosí. Desenvolvem-se diferentes produções, agropecuárias e artesanais, para suprir as carências da região especializada na mineração.

Veremos a partir de então uma situação diferente para cada região do Vice-Reinado do Prata: na província de Buenos Aires, na Banda Oriental e em áreas próximas aos afluentes do Prata (o assim chamado "litoral") desenvolver-se-ão unidades de produção voltadas para o abastecimento de cursos que exigia a demanda europeia nas regiões do noroeste, do centro, do Duyó, a produção é voltada para o mercado de Potosí. Isso traria diferentes projetos políticos para os detentores dessas produções regionais, além de distintas consequências resultantes do processo de independência.

Vejamos primeiramente o caso da regiões do "litoral". A origem do gado, bovino e equino especialmente, estaria ligada à primeira fundação de Buenos Aires em 1536. A ausência de predadores naturais e as boas condições dos campos nativos permitiram uma grande e rápida expansão dos rebanhos, com um crescimento vegetativo muito acima da capacidade da população em consumi-los, os bovinos disseminaram-se, voltando a um estado semi-selvagem. Não tendo valor comercial, o gado "cimarrón" pertencia a todos: muitas pessoas adaptaram-se à vida no campo, fora dos regulamentos dos centros urbanos, contando com essa alimentação farta e gratuita! também indígenas de várias "boidades" converteram o gado chileno em seu principal modo de vida. 2

² Horacio Giberti, "Historia económica de la ganadería argentina" (Buenos Aires, Solar, 1970) pag. 20-27; Fernando Assunção, "El gaucho" in Rev. Instituto Histórico Geográfico del Uruguay, Montevideo, 1958-59, Tomo XXIV, pag. 427-439.

A primeira consequência da valorização dos couros, foi o abate desenfreado do gado nos campos mais próximos aos núcleos urbanos. A atividade de caça dos rebanhos despertou a atenção de vários indivíduos que viam nela uma forma concreta de enriquecimento. Apareciam em cena os "gaudérios" ou "changadores", que contratados ou por conta própria se dedicavam ao abate das reses e retirada dos couros. A riqueza potencial representada pelos couros incrementou muito o contrabando no Prata, com um papel preponderante assumido pelos portugueses da Colônia do Sacramento, aumentando a penetração no sul de paulistas e lagunenses.

Em consequência, aumentaria também a repressão. A excessiva predação do gado e o avanço português motivaram as autoridades espanholas e locais a uma série de medidas. Primeiramente, visando preservar o bem natural que estava ameaçado, apareceram medidas restringindo as atividades de abate a um círculo reduzido de pessoas: de uma forma pragmática, os cabildos atribuem a origens do gado churrasco às reses pertencentes aos antigos moradores; conferem-se aos descendentes a exclusividade de direito de propriedade das rebanhos. O gado churrasco passa agora a ter proprietários. Apenas a estes se concede o direito de "vaquear"; esses privilegiados tornaram-se os primeiros empresários da economia pecuária do Prata. Na qualidade de "accioneros", contratam os "changadores" ou "gaudérios", a partir do final do século XVIII também conhecidos por "gauchos". O caráter estacional das "vaquerias" e a restrição ao abate para os que não estivessem compromissados com "accioneros"

ros", levou esses indivíduos ao exercício de atividades agora ilegais, como o abate clandestino e o contrabando.³

No Prata ocorre pois uma apropriação inicial dos rebanhos; a apropriação da terra seria um corolário daquela. Em pouco tempo houve conscientização por empresários e autoridades que a mera restrição ao abate não era suficiente para atender a crescente demanda de couros. Evolui-se das primeiras "vaquerias" para as "estâncias cimarronas". Essas primeiras estâncias eram delimitadas por acidentes ou marcas muitas vezes imprecisas, que definiam um espaço suficientemente amplo para a manutenção das reses do estancieiro. Os progressos técnicos implantados consistiam simplesmente na castração dos touros, diminuindo os riscos para o tratamento com os animais, e a preservação das fêmeas, aumentando as condições de reprodução. Em função da propriedade, os cabildantes legislam exigindo que os couros comercializados fossem sempre de animais marcados.

A região noroeste do Vice-Reinado apresentou algumas diferenças em relação à apropriação da terra. Primeiramente não havia o estímulo de uma crescente demanda de produtos, como no caso do litoral; em segundo lugar, porque havia uma vinculação, estável mas limitada, com o mercado de Potosí, que demandava uma série de produtos. O Cuyo e algumas áreas de La Rioja produzem vinhos, licores e farinhas; Catamarca e Tucumán produzem artesanatos têxteis; Tucumán fabrica carretas para o transporte. Havia, consequentemente, a presença de atividades agrícolas que normalmente eram desenvolvidas em propriedades de tamaneiro pequeno ou médio; também havia o envolvimento de muitas pessoas

³ León Pastor, "Cien años de guerra civil en la Argentina" (Buenos Aires, Amorrortu) pag. 205-223.

nas atividades artesanais. A pecuária desenvolvida no noroeste - os Llanos de La Rioja, os vales Calchaquies de Salta, por exemplo - não se praticou partindo de "vaquerias" como no litoral. As condições mais limitadas do meio ambiente, com pastos e aguadas em malas, desde o início trouxeram uma valorização da terra simultânea dos rebanhos.

Por outro lado, a demanda de gado não era pelo couro, mas pela carne. Isso se compensava pela pouca possibilidade de expansão dessa pecuária: a ocupação das terras favoráveis ocorreu em pouco tempo, sem chances de ampliação da "fronteira agrícola" como no litoral. Algumas áreas do norte, como Salta, resolveram o problema pela especialização nas atividades de invernamento. Os "terratenentes" salteños se especializaram como comerciantes de mulas, que compram do litoral e mantêm invernadas em seus campos até as feiras anuais.⁴

O noroeste argentino tem em relação ao litoral uma situação distinta no período da independência: uma economia aparentemente estável e mais diversificada, mas que já esgotou suas possibilidades de expansão; o litoral, ao contrário, iniciou um caminho que o afasta progressivamente dos interesses metropolitanos, já que o incremento comercial podia ser satisfeito pela ampliação das atividades de criação - pela melhoria técnica das estâncias e pela ampliação física das áreas de pastoreio - e do comércio internacional.

A formação da propriedade privada para fins pecuários, limitada a poucas pessoas dentro o universo dos habitantes, significou a etapa inicial do processo de acumulação pri-

⁴ Aldo Ferrer, "La economía argentina" (Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1986) pag. 38-50.

era extremamente difícil que pessoas sem maiores recursos econômicos ou que não contassem com a colaboração das autoridades coloniais pudessem legalizar toda a documentação de propriedade da terra os pequenos agricultores ainda sobreviventes são expelidos ao abandono de suas terras e ao trabalho na grande propriedade pecuária.

Algumas autoridades metropolitanas perceberam os riscos que trazia essa expansão da grande propriedade exclusivamente voltada para a criação. Essa especialização econômica provocou alguns graves problemas de abastecimento de cidades, obrigando inclusive importação de alimentos. Contradicitoriamente, as carcaças das reses abatidas eram abandonadas ao relento, desperdiçando-se tudo que não fosse o couro. Em função disso, funcionários "ilustrados" da coroa espanhola elaboraram planos para reverter essa situação. Merece destaque Félix de Azara, que pensava na oferta de terras nas áreas fronteiriças aos portugueses, constituindo pequenas propriedades voltadas à produção de gêneros; isso não apenas reverteria a situação de desabastecimento, sem comprometer a atividade pecuária já existente, como abriria um espaço para a ocupação da população rural. A formação de uma camada de pequenos proprietários também contrabalançaria o aumento crescente do poder dos estancieiros.

Tais planos nunca chegaram a ser colocados em execução no Prata. A lucratividade das estâncias era bastante evidente para que os cabildos colocassem como prioritárias as medidas que facilitassem os estancieiros. Os poucos agricultores não tinham poder econômico ou trânsito político capazes de pro-

teger suas propriedades e incentivar seus plantios. Uma política de fomento às atividades agrícolas somente apareceria formulada nos primeiros momentos da Revolução de Mayo, quando o grupo dirigido por Moreno tenta impor um projeto de desenvolvimento econômico baseado numa pluralidade de setores e com ênfase na pequena propriedade. No entanto, os proprietários de estâncias já estavam suficientemente estabelecidos para que suas terras corressem riscos. A estância seria até o final do século XIX a unidade de produção definidora da economia nas regiões do litoral.

A partir de 1790, se implantaria uma nova atividade econômica que reforçaria ainda mais a pujança da pecuária do litoral: iniciava-se a indústria dos "saladados". A demanda de carne para alimentação dos escravos das "plantations" do Brasil e do Caribe estimulara o desenvolvimento do preparo da carne para que se conservasse por bastante tempo; o "saladado" é uma unidade de produção que fundamentalmente procede a salgação e secagem da carne, preparadora para uma duração prolongada. Os "saladados" trariam uma melhor utilização da produção primária, na medida em que reduziam o desperdício das carcaças de forma quase total; além disso, não havia necessidade de melhorias zootécnicas para o gado. Assim como na produção dos couros não havia necessidade de aprimorar raças, para a fabricação do charque tampouco eram precisos aprimoramentos raciais ou cuidados mais especializados no manejo das reses.

Para os pecuaristas do noroeste argentino não se ofereceu a possibilidade de implantação da indústria saladeril.

Sendo o mercado externo fundamentalmente abastecido pelo litoral, dificilmente as regiões mais distantes do interior apresentariam produção equivalente em condições de competição. As dificuldades de transporte, no máximo poderiam permitir aos pecuaristas a venda de reses para os "saladados" localizados no litoral; a oferta sustentada de gado no próprio litoral evitava que mesmo em caráter subsidiário se estabelecesse uma ligação entre a pecuária do interior e os mercados externos. Por outro lado, o abastecimento das regiões mineiras do Alto Peru se fazia pelo transporte de gado em pé, formando enlaces econômicos entre produtores, tropeiros e invernadores da própria região.

Fundamentalmente era esse o panorama econômico quando se desencadeou o movimento de independência. O grupo que assume inicialmente a direção do processo, era formado por intelectuais urbanos, com interesses relacionados ao comércio de exportação. O interesse em transformar as relações de exclusividade comercial em livre comércio, conjugava-se com o ideário propagado pela Revolução Francesa. Nesse grupo pioneiro encontravam-se líderes "jacobinos", que na esteira de um movimento que busca autonomia em relação às autoridades coloniais, elaboravam projetos de transformação de sociedade, com fomento de atividades agrícolas e implantação de manufaturas. Evidentemente, boa parte desses projetos afetavam diretamente os interesses imediatos dos pecuaristas do litoral.

Para os estancieiros da região de Buenos Aires, a independência traria ganhos imediatos. A possibilidade de atender a um mercado de expansão, sem as travas da exclusividade pre-

tendida pela metrópole colonial, fizera com que a adesão dos "terratenientes" fosse completa. Também nas províncias do interior os cabildos sucessivamente se manifestam favoráveis à independência; não há, porém, qualquer intenção voltada para o livre-comércio como no caso dos produtores do litoral; não tendo ligações com o mercado europeu ou de outras regiões que não o Alto Peru, a independência não traria benefícios imediatos do ponto de vista econômico. Esses "terratenientes" são atraídos pela possibilidade de exercerem plenamente seus poderes locais, convertendo-se em próprios em autoridades nas respectivas regiões. O que se observa é uma sucessiva formação de juntas de governo, à semelhança daquela que se formara em Buenos Aires; por trás do apoio prestado, estava o aparecimento de unidades políticas que não estivessem submetidas a outros poderes.

Paulatinamente vão surgindo essas unidades políticas que se convertem em províncias: em 1813 a província do Cuyo, independentizada de Córdoba, que em 1820 resultaria nas províncias de Mendoza, San Juan e San Luis; em 1814 Salta se separa de Tucumán - Salta ainda está agregada a Jujuy, e Tucumán ainda inclui Santiago del Estero e Catamarca, que se separaram em 1820; também em 1820 se autonomisaria La Rioja separando-se de Córdoba. O apoio dos proprietários em todo o interior argentino à derrubada das autoridades coloniais não incluia qualquer projeto de construção de uma organização que colocasse outras autoridades superpostas às suas. Como jamais tinha havido uma economia integrando essas diferentes áreas do Viceréinado que se destruiria, estas regiões estariam exclusivamente voltadas

aos seus próprios problemas, eventualmente procurando resolvê-los pela submissão de outras províncias.

~~Os problemas para a nação que se criava apareceram logo~~ após a formação da Junta de Mayo. Primeiramente com os elementos mais radicalizados, que pretendiam implantar modificações na economia tradicionalmente praticada. Era incompatível para os principais empresários da campanha na região de Buenos Aires submeter-se a riscos. Precocemente são afastados os líderes mais "jacobinos", como Mariano Moreno, assumindo os sucessivos governos posturas mais conservadoras. Por outro lado, impor uma organização que controlasse todo o Vice-Reinado era uma tarefa impossível. A primeira unidade a se separar do projeto nacional foi o Paraguai, repelindo a expedição armada de Belgrano. A reação das tropas espanholas também recuperou o Alto Peru e ameaçava avançar, comprometendo a fronteira de Salta. Também a Banda Oriental vivia graves problemas, com Montevideo ocupada pelos realistas e os portugueses invadindo a campanha.

E no cenário dessas lutas que seguiram a independência que teremos a emergência dos primeiros caudilhos. A necessidade de contar com o apoio de todas as forças que pudessem ajudar o movimento de emancipação legitimou os proprietários das diversas regiões a formar suas próprias tropas, que seriam as milícias "gauchas" constituídas dos peões. A ausência de um exército nacional que pudesse impor a nova ordem por todas regiões da Argentina afiançou a formação dos exércitos regionais de características irregulares que seriam conhecidos por "monteros".⁵

⁵ Dos caudilhos estudados por Zorrilla, op. cit., pag. 38-44, dez apareceram no período pós-independência e estiveram atuando até 1820.

A década iniciada em 1810 foi caracterizada por movimentos armados que alcançaram eventualmente um elevado grau de radicalização. Isso ocorreu em áreas fronteiriças, onde a pressão forte de um inimigo externo obrigou os chefes locais a um aprofundado voto das propostas iniciais, de modo a incorporar mais firmemente a suas lutas as pessoas do campo. Na fronteira salteña, Guemes tornou-se o condutor da plebe rural e obrigou-se a uma medida de cunho popular: libera aos seus "gauchos" o direito de abater rezes de qualquer proprietário de Salta para sua manutenção; essa simples medida, conhecida por "sistema Guemes", lhe traria grande prestígio entre os peões, ao mesmo tempo que o colocava contra os estancieiros de Salta que de início representava.

Na Banda Oriental, o radicalismo do movimento comandado por Artigas tornou-se uma ameaça muito séria para as autoridades de Buenos Aires. Com um programa de assentamento agrário que visava uma redivisão da terra às custas dos "malos europeus y peores americanos", exigindo por outro lado uma completa autonomia em relação às autoridades portenhelas e o reconhecimento dos seus representantes, Artigas atraiu sobre si a hostilidade de Buenos Aires. A virtual entrega do território oriental aos portugueses pareceu uma solução melhor para os portenhos. A continuação da luta artiguista em Corrientes e Entre Ríos, apesar da vitória formal obtida em Cepeda no ano de 1820, traria desavengas suas com seus comandados. Assim como já perdera aliados para os portugueses — como Rivera, por exemplo — ele teria seus principais lugartenentes atraídos pelo go-

verno de Buenos Aires. Era óbvio que o projeto artiguista não poderia interessar a produtores rurais como o entrerriano Ramírez, ou Rivera, ou López de Santa Fé.⁶

Os casos de Artigas e de Guemes - este em muito menor medida - são isolados. As lutas caudilheiras que explodiram não conteriam mais quaisquer propostas de cunho popular ou pretendendo transformações nas relações de produção estabelecidas. As lutas se desencadearam por desavenças dos produtores regionais com o grupo exportador de Buenos Aires. A independência trouxe aos exportadores portenhos uma nova receita inexistente nos tempos coloniais: as rendas aduaneiras. Como única porta de entrada e saída de produtos, todos os artigos, nacionais ou estrangeiros, pagavam impostos que permaneciam nas mãos do governo provincial, vale dizer, dos grupos dominantes locais.

Por outro lado, os estancieiros de outras províncias do litoral, especialmente Santa Fé e Entre Ríos, tinham sido prejudicadas pelos anos de guerra civil que não atingira a província de Buenos Aires; além de contarem com uma desvantagem na competição dos seus produtos, pesava-lhes a taxação da alfândega portenha. Pode-se dizer a grosso modo, que não há por parte dos caudilhos do litoral uma recusa ao livre-cambismo portenho; o que esses "terratenientes" pretendem é também participarem dos lucros do comércio externo monopolizado por Buenos Aires. O livre-comércio não trouxera danos às províncias do litoral; porém, os seus benefícios eram uma exclusividade portenha, e é contra essa exclusividade que se movem os caudilhos do litoral.

No interior, especialmente no nordeste, a situação

⁶ Sobre o ciclo artiguista destacamos duas obras de autores uruguaios: Nelson de la Torre e cols. "Artigas: tierra y revolución" (Montevideo, Arca, 1967); Lucía Sala de Túroa e cols. "Artigas y su revolución agraria" (Méjico, Siglo XXI, 1978).

difere bastante. Não estando ligados à exportação de couros e charque, os produtores do interior não estão interessados no livre-comércio praticado por Buenos Aires. Ocorre, no entanto, que a consequência bastante grave do processo da independência a pé da ~~pele~~ do mercado potosino significou um declínio acentuado na demanda de gado em pé - bovino ou suíno - e da produção artesanal que abastecia a região mineradora. Por outro lado, o comércio externo mantido por Buenos Aires lhe assegurava um suprimento de artigos manufaturados, tornando impossível a colocação de artigos artesanais produzidos no interior. A luta dos caudilhos do interior contra os portenhos assumiria um caráter bem definido: participação, através de uma redistribuição da receita aduaneira, dos lucros que Buenos Aires usufruía, e uma política protecionista que garantisse uma demanda sustentada das produções provincianas.

O estancamento econômico que se instalou no interior após a independência levou cada região a tomar medidas defensivas da sua economia, que agravaram ainda mais sua situação de decadência. A impossibilidade de criação de um mercado interno, já que as produções não eram complementares, levou os dirigentes provincianos ao estabelecimento de "aduanas interiores", taxando toda produção que entrasse ou circulasse por suas províncias. Dessa maneira, se eventualmente alguma província tivesse algum produto com colocação no mercado, perderia essa vantagem no trânsito deste hipotético produto numa outra província. Isso foi causa constante de atritos entre os caudilhos do interior, impedindo a formação de alianças que pudessem rea-

uir interesses mais amplos, e em condições de fazer frente aos interesses do grupo pertenho.⁷

Ocorreu realmente uma "ruralização" no interior da Argentina. Cidades coloniais antigas no noroeste assistem a uma paulatina redução de suas populações, com as atividades econômicas se restringindo cada vez mais às grandes propriedades. Mesmo muitas das pessoas que viviam nas cidades ou vilas, na verdade exerciam suas atividades nas estâncias. A piora das condições de vida que atingia todas as camadas da sociedade, era atribuída a uma política nacional desastrosa e ineficiente, fundamentada no centralismo. Os caudilhos aparecem como as únicas garantias de sobrevivência da população e portadores de projetos capazes de reverter a crise econômica.

Seria legítimo afirmar, pois, que o livre-comércio atinge o território argentino em tempos distintos para cada região: era uma aspiração pertenho, e chegou a Buenos Aires como resultado das lutas de Mayo; chegou "tarde" nas demais províncias do litoral, que desejavam participar dele na mesma medida que a região pertenho mas tinham seu acesso bloqueado; apareceu "cedo" em relação às províncias do noroeste argentino, não proporcionando suplência para os nexos perdidos dos tempos coloniais e contribuindo para acentuar o caráter pré-capitalista das atividades provincianas.

A década de 20 foi marcada por muitos "pronunciamentos" dos caudilhos do litoral e de noroeste, especialmente em relação à política centralizadora dos unitários representados por Rivadavia. Essas tentativas de constituir-se uma organização

⁷ Leonardo Paso, "Los caudillos y la organización nacional" (Buenos Aires, Futuro, 1965), pag. 91-108.

Questão oriental, com a Guerra do Brasil se prolongando por três anos.

A reação "caudilheira".

de atrair para a Confederação a Banda Oriental motivaram um permanente conflito, movimentando tropas argentinas, aliados e adversários uruguaios.

No noroeste a situação política não foi igualmente das mais ~~sanguíneas~~. A autonomia conferida aos chefes provincianos não lhes garantia uma melhora de suas condições econômicas e o resultado era o aparecimento de muitos conflitos inter-provinciais, movidos pelos interesses dos caudilhos em ampliar sua dominação sobre áreas adjacentes. Santiago tenta subordinar Tucumán, e há desentendimento de Ibarra com Heredia; Quiroga disputa com López a influência sobre Córdoba, e é assassinado por caudilhos cordobeses; o mendocino Aldao e o sanjuanino Benavides combatem os líderes de La Rioja, Brizuela e Peñaloza. Essas dissidências foram aproveitadas pelos unitários exilados, que conjuraram com caudilhos descontentes a Coalición del Norte, procurando a derrubada de Rosas e seus aliados.

Tanto no litoral como no noroeste, é no período rosista que perdem significado político as expressões "federalismo" e "unitarismo". No litoral vamos encontrar "federalistas" históricos, como o correntino Pedro Ferrié, aliados a "unitários" como Lavalle e Paz contra Rosas; também na Coalición del Norte, antigos "federalis" como Brizuela e Peñaloza estavam associados a "unitários" como Lavalle e Lamadrid. Agora, o que aparecia era a disputa entre porto e província; mesmo que aquele estivesse sob controle de uma liderança "federal", esse "federalismo" não proporcionava minimamente uma retomada do crescimento econômico das províncias.⁸

⁸ Sobre esse aspecto reportamos no trabalho de Juan José Real "Notas sobre caudillos y contrarios" in "Unitarios y federales", vários autores (Buenos Aires, Hispanoamérica, 1982).

É no litoral, em Entre Ríos, que surgirá o movimento que derrubará Rosas. Sendo uma província onde a criação de gado e o estabelecimento de "saladeros" tivera crescimento apreciável, Entre Ríos, no entanto, não se beneficiara do comércio externo nem das arrecadações alfandegárias de Buenos Aires. Justamente o mais importante desses criadores, Justo José de Urquiza, seria o articulador da luta contra Rosas. Além das forças provinciais, contava com o auxílio dos uruguaios de Rivera, com o apoio dos brasileiros e, em menor medida, das potências europeias. A fórmula para conseguir apoios tão variados se encontrava na abertura dos rios à navegação. Um programa que também incluía uma reordenação constitucional da Confederação que daria um primeiro momento a confiança dos unitários.

No entanto, o projeto de Urquiza buscava uma organização onde Buenos Aires aparecia como província comum, nacionalizando a aduana portenha e transferindo as decisões políticas para a capital entrerriana Paraná. Era uma aposta ousada: as condições produtivas de Entre Ríos, somadas à facilidade de transporte pelos rios da bacia platina, seriam colocadas em competição com Buenos Aires. O resultado é a necessidade da província de Buenos Aires, constituindo-se como nação autônoma da Confederação.

Por um período de quase dez anos, de 1852 a 1861, mantiveram-se Confederação e Buenos Aires em permanente disputa e atritos. As históricas ligações comerciais que Buenos Aires dispunha, não estimularam seus parceiros a trocá-la em benefício da Confederação. Entre Ríos, apesar de suas amplas possibili-



lidades em relação a outras províncias, não era competidor para a economia portenha. Além disso, os governos da Confederação não tinham trazido para as províncias o crescimento econômico que pretendiam; houve algumas medidas de caráter paliativo, que beneficiavam uma região, ora outra, mas sem que existisse a integração dessas economias.

Por outro lado, lideranças portenhais emergentes, herdeiras do antigo unitarismo, propugnava por um novo tipo de organização nacional que respeitasse as autonomias políticas provinciais, ao mesmo tempo em que acenavam com vantagens econômicas, como a nacionalização da aduana. Agentes portenhos aos poucos ganham a adesão de algumas províncias, enquanto a Confederação se desgasta. A guerra num primeiro momento favorece a Confederação; após Cepeda, Buenos Aires aceita o retorno à Confederação e procura ganhar tempo. Num segundo confronto, Urquiza abandona uma batalha ainda indefinida e se resigna a aceitar uma organização que novamente traz Buenos Aires como seu centro.

Nos aspectos fundamentais haveria poucas mudanças trazidas pelo novo governo encabeçado por Niterói. No entanto, as poucas alterações atrairiam os chefes provincianos e tenderiam ao final do caudilhismo: em termos econômicos, além da redistribuição dos direitos aduaneiros, tão ansiosamente desejada, haveria a consolidação de uma dívida pública, tornando as dívidas dos caudilhos provincianos em nacionais; em termos políticos, o principal era um sistema de representação que convertia o caudilho provinciano em parlamentar. Além disso, assegurava-

vam-se as autonomias regionais, mantendo-se as relações locais de poder.

Esse não foi um processo retíllneo e pacífico. Por razões específicas, ainda apareceriam lutas caudilheiras durante o governo Mitre. Justamente aquelas demandas econômicas e políticas que quando atendidas encerrariam o caudilhismo, tiveram dificuldades em sua concretização, por problemas de natureza estrutural e conjuntural, adiando o projeto de "pax" portenha. A emergência dos últimos caudilhos de "montoneras" será o objeto dos capítulos seguintes deste trabalho e que tentamos mostrar até aqui foi a incompatibilidade que se criou no Brasil depois da independência entre diversos grupos dominantes, com interesses distintos em relação a uma organização nacional.

O primeiro aspecto, talvez o mais importante, é de que as pretensões dos caudilhos dizem respeito a interesses tão somente dos grupos dominantes, não aparecendo nas suas reivindicações problemas referentes às camadas populares. Justamente a ausência de demandas populares torna intrigante a análise do fenômeno do caudilhismo, momente se considerarmos o caráter "popular" de suas tropas e a intensidade com que as "montoneras" lutavam, em condições muitas vezes extremamente adversas. Essa característica passa despercebida tanto pela historiografia liberal como pela revisionista, a primeira vendo um caráter "democrático rural", sinônimo de atraso, a segunda interpretando como uma luta genuinamente popular em que os chefes defendiam ansiosas gerais.

Um segundo ponto é o tom conservador que assumem as

demandas dos caudilhos; muitas vezes equivocadamente confundidas com a defesa do que era "genuinamente nacional". As medidas protecionistas que reivindicavam, não significavam no entanto uma política de defesa de um mercado interno. O próprio protecionismo, quando levado aos extremos das aduanas internas, era inviabilizador desse mercado nacional. Por outro lado, o protecionismo pedido nunca impediu a tentativa de estabelecer enlaces externos: dentro das suas possibilidades, os caudilhos do noroeste tentavam colocar suas produções na Bolívia ou no Chile, enquanto que os das províncias do litoral buscaram incessantemente estabelecer vínculos comerciais com os parceiros do portenhos.

As medidas protecionistas que ao longo do tempo se afincaram nas províncias, tiveram muito mais a ver com a defesa intransigente de economias em declínio. O fechamento econômico das províncias, com a adoção de pedágios e diversificada taxação às produções concorrentes era mais uma maneira de extrair excedentes. Obviamente com uma autarquia desse nível, o protecionismo dos caudilhos era contraprodutivo quanto à criação de um mercado interno. Por outro lado, a tão decantada Lei de Aduanas formulada por Rosas não cumpriu seu papel na recuperação das economias internas como era de se esperar; não era a competição dos produtos estrangeiros que as comprometia, mas justamente a falta de colocação no espaço nacional.

Consequência dos anteriores, federalismo e unitarismo, bandeiras opostas na luta de 1810 e 1862, são conceitos que perdem o sentido que tiveram logo após Mayo. O unitarismo "ja-

"cabine" formulado pelos líderes do movimento, pretendia uma re-formulação econômica de âmbito nacional, com o desenvolvimento de outras atividades produtivas, inclusive industriais; o federalismo antiguista buscava uma importante alteração na estrutura fundiária, de acordo com as aptidões de cada região. Qualquer dessas propostas - unitária e federalista - representava uma ameaça aos interesses dos grandes proprietários, tanto em Buenos Aires como nas províncias do litoral e do norteeste.

A partir da década de 1820, unitarismo significaria uma direção centralizada dos destinos nacionais, com prioridade para a economia exportadora. Federalismo se resumiria à conservação das autonomias políticas regionais, inclusive a de Buenos Aires, que se desobriga de arcar com problemas de outras regiões. O "federalismo" portentoso comandado por Rosas, foi avaliador do desenvolvimento de forças produtivas na província, que pode se manter sempre em condições de atendimento das demandas externas. Paralelamente, esse dinamismo econômico permitiu que progressivamente houvesse uma transformação nas relações de trabalho, com paulatino desaparecimento das sobrevivências pré-capitalistas. No interior, contrariamente, a estagnação econômica conduziria a um reforço das práticas pré-capitalistas; isso não se deu apenas no plano das relações interprovinciais, mas nas relações de trabalho dentro das unidades de produção.

A construção de um Estado Nacional, com subordinação de economias regionalizadas àquela exportadora de Buenos Aires, se apresentava aos caudilhos como uma ruptura dessas realidades

pré-capitalistas, que consistiam na sua dernadeira possibilidade de sobrevivência. Extinguir as aduanas provinciais, abolir pedágios, melhorar comunicações, eram medidas que significavam anular as últimas rendas de que dispunham os caudilhos. Os caudilhos, se o soubessem, eram nostálgicos do passado colonial, vendo com muita desconfiança uma organização nacional aos moldes capitalistas.

Em suma, quando se pensa no comportamento dos "terratenentes" no Prata observa-se uma situação singular. Como fizemos anteriormente, a primeira condição para que se processasse a acumulação primitiva foi a apropriação dos rebanhos e das terras conseguida a apropriação dos bens de produção era fundamental que se encerrasse a ordem colonial, com extinção do monopólio e integração num mercado internacional livre de barreiras. Justamente a região que por longo tempo fora a mais periférica no mundo colonial, a província de Buenos Aires, foi a que apresentou as melhores condições materiais para executar esses passos, adaptando-se progressivamente às necessidades do mercado internacional e com alternativas políticas adequadas para o momento de ruptura em relação à metrópole espanhola. Já no nordeste, que concentrava a maior parte da população e cuja produção tinha um adequado grau de articulação com as minas de Potosí, seria a área que mais sofreria os efeitos da independência, pela quebra dos vínculos que apresentava e impossibilidade concreta de criar novos que os substituissem.

Agustín Cueva ao estudar o capitalismo dependente na América Latina identificou na formação do Estado Oligárquico o

início da acumulação primitiva nos países latino-americanos); essa acumulação é levada a efeito pelo setor que controla a produção de exportação, num acordo com os setores não exportadores. Enrique Sena, por sua vez, definiu para o período colonial da América Latina o conceito de "desacumulação", em contraposição à simultânea acumulação primitiva europeia baseada na exploração colonial. O período que intermedeia a quebra das ligações metropolitanas à implantação do Estado Oligárquico corresponderia à passagem da "desacumulação colonial" para a acumulação primitiva.⁹

Se considerarmos o desenvolvimento desigual e a forma também desigual com que as diferentes regiões platinas fizeram sua articulação ao capitalismo mundial, teremos distintos tempos para a entrada na fase de acumulação primitiva. Buenos Aires inicia precocemente em relação às demais regiões o seu processo de acumulação. Tudas as medidas econômicas e políticas, independentemente da retórica de seus governantes, serão aquelas que favorecerão essa acumulação. As demais províncias estão excluídas, encontram-se ainda na "desacumulação", e seus caudilhos lutam para participar do "botim" que apenas Buenos Aires usufrui. O processo de organização do Estado Nacional só pode ser deslançado quando a acumulação primitiva for alcançada aos demais setores; quando todos os "terratenientes" tiverem a sua parcela, deixarão a luta caudilhesca e se incorporarão à construção do Estado.

Como vimos, a luta dos caudilhos e a organização do Estado são projetos excludentes das demais camadas da popula-

⁹ A abordagem da acumulação primitiva como parte do desenvolvimento capitalista dependente latino-americano foi realizada por Agustín Cueva em "Desenvolvimento do capitalismo na América Latina" (São Paulo, Global, 1983) pag.69-80 e 121-134.

§8º. Pautados os limites da luta caudilheira, examinaremos a formação da mão-de-obra das estâncias de criação e que tipo de relações de trabalho se estabeleceram. Justamente essas relações possibiliteriam a emergência das "montoneras".

A questão da terra nos tempos coloniais era bastante complexa. A legislação das Indias mostra a preocupação metropolitana em atrair pessoas para as áreas coloniais pela oferta de terras. As terras que a coroa espanhola propunha distribuir já eram discriminadas pela condição social do colonos: para os de baixa condição social, a "merced de tierra" era de dimensões reduzidas, sendo chamada de "peonia" para as pessoas de melhor posição ou investidas de funções oficiais, a terra dada tinha cerca de cinco vezes o tamanho da "peonia", sendo conhecida como "caballeria". Em ambos os casos, os titulares de "mercedes" assumiam compromissos no sentido de edificar casas, galpões, realizar benfeitorias, criar animais domésticos e plantar. Evidentemente aqueles contemplados com lotes menores tinham muito menor capacidade para cumprir esses desígnios, tendendo a ficar sujeitos às malhas da lei. Os governos coloniais, diante do seu relacionamento com as pessoas de maior prestígio, muitas vezes favoreceram a concentração da propriedade, antes mesmo que a terra se tornasse um bem de produção fundamental para a economia pecuária platina.

Outra forma de acesso à terra, era a compra das terras realengas. A vantagem da compra da terra em relação às "mercedes", era a desobrigação de realizar benfeitorias. Além disso, a terra era desrida de valor comercial: seu preço era

muito pequeno, sendo acessível para a maior parte dos habitantes. Havia, no entanto, a necessidade de cumprir com uma complicada tramitação burocrática, cujo custo multiplicava várias vezes o preço da terra; isso tornava a compra para a maior parte das pessoas um processo irrealizável. Mesmo que se pudesse pagar todos os passos de processo, dificilmente os documentos resultantes tinhiam a perfeição requerida; isso facilitava a denúncia de proprietários pequenos, que facilmente podiam perder seus direitos a terras compradas para denunciantes que mantivessem boas relações com as autoridades coloniais.¹⁰

A época das "vaquerias" não trouxera problemas em relação à terra. E o período que se caracteriza pela apropriação dos rebanhos, e a população que vivia do abate das reses tem restringido progressivamente essa atividade. A restrição da manutenção de gado aos "accioneros", fez com que muitos dos homens que viviam no campo procurassem ganhar a vida contratando-se aos empresários das "vaquerias". Por outro lado, as dificuldades no manejo do gado churrasco, cujo longo período de afastamento do convívio humano reverteu-o a um estado próximo da selvagem, exigiam pessoas muito hábeis no manejo de armas e do cavalo. Tais pessoas, obviamente, não seriam encontradas nos núcleos urbanos; justamente aqueles indivíduos que até então viviam na campanha são os que melhores condições apresentam para o trabalho sazonal das "vaquerias".

Nas "vaquerias" apareceram então os "gaúchos", "changadores", mais tarde também chamados "gauchos". Seu trabalho consistia na perseguição das reses, que eram derrubadas com

¹⁰ Ver Heráclio Biderti, op. cit., pag. 45 e seguintes.

um golpe de uma espécie de lança guarnecida com uma afiada ponta na extremidade, em forma de meia-lua; cortavam-se o tendão de uma das patas do animal, que ficava impossibilitado de locomover-se. "Desgarroneadas" as reses previstas, eram abatidas e retirados os couros. Nessa faina muitas vezes também eram aproveitados índios¹¹ também exímos cavaleiros e destros com as armas brancas, em muitas partes estiveram tomando parte ativa nas "vaquerias". Tanto o gado como o índio seriam móveis de uma perseguição sem quartel quando se conformasse a propriedade particular.

Quando a exportação de couros passa a exigir um aproveitamento mais racional sob pena de extinção do gado, aí era das "vaquerias" entra em declínio. Primeiramente, aumenta a restrição ao abate das reses, aparecendo leis que puniam severamente aqueles que fossem surpreendidos abatendo sem autorização. O único caminho para as pessoas do campo era o estabelecimento de relações de trabalho com pessoas autorizadas, para evitar a repressão. Criada a lei, criava-se o delito. O simples fato de não ter comprovação de uma relação de trabalho era sugestiva de comportamento ilegal. Inicia o período em que "changuador", "gaudério" ou "gaúcho", passam a significar "vago", "malentretenido", "cuatrero", ou seja, criminoso. 11

Antes mesmo que se constituam as "estâncias cimarroninas" já foi construída a categoria dos marginalizados. O passo seguinte à apropriação dos rebanhos foi o da terra. Da mesma maneira que a permissão para as "vaquerias" foi circunscrita a poucas pessoas, a propriedade da terra também foi muito limitada. Mais detalhes na obra citada de Fernando Assunção, capítulo I, pag. 494 e seguintes.

da. As "mercedes de tierra" e as "suertes de estancia" foram acessíveis a poucos: a já referida dificuldade para os possuidores comprovarem a documentação exigida, com elevado número de denúncias, colocou em situação ilegal um grande número de indivíduos, que engrossaram as fileiras de "vagos". A partir de então, não apenas abater o gado mas viver em terras realengas passou a ser crime. Houve de início a procura de territórios afastados das áreas onde se dava a apropriação da terra, com deslocamentos para a Banda Oriental, para o Chaco, para o sul de Buenos Aires; porém o processo de concentração das terras vai paulatinamente fechando os espaços, restando as áreas vagamente definidas das zonas fronteiriças.

Na fronteira com os portugueses, onde ocorria um processo semelhante de ocupação, os "gaudérios" tiveram a opção do contrabando. Na fronteira com os "toldertas" indígenas, os "gauchos" muitas vezes se somaram às populações nativas que também agora estavam colocadas na "illegalidade". Após os problemas iniciais na instalação dos primeiros povoamentos, os índios tiveram muitos anos de suspensão das hostilidades: a possibilidade de alimentação fácil pelo abate do gado chinarrão desfaz qualquer risco de ataque à população branca. Quando se regulamentam as restrições às "vaquerias" e mais tarde se delimitam as propriedades, os índios também serão objetos da perseguição, com uma diferença: não se reprime aqui o branco desviantes, mas o "infiel"; o "vago" pode ser constrangido ao trabalho, mas ao índio só resta o exterminio. Em regiões ocupadas por charruas e minuanos (Banda Oriental), pelos diversos grupos

chaquenhos (Corrientes, Santa Fé, Santiago del Estero, Tucumán, Salta) ou pelos pampas (Buenos Aires, Cuyo), os brancos foragidos, conhecedores dos caminhos por onde se transita o gado, épocas de invernada e engorda, etc., tornaram-se naturalmente condutor~~e~~ dos temidos "malones" indígenas, aumentando seu caráter de ferozes inimigos da sociedade.

A formação das "estâncias cimarronas" configura uma situação paradoxal: alegadamente houvera preferência pela pecuária pela falta de braços para o desenvolvimento de uma agricultura que fosse lucrativa; no entanto, o que havia era a formação de numerosos contingentes para o enquadramento e repressão dos indivíduos que estivessem fora das relações de trabalho oferecidas. Faltavam trabalhadores mas sobravam os "vagos"! Devolvendo-se, pois, condicionar os remitentes ao trabalho nas estâncias. Por outro lado, a quantidade de trabalhadores permanentes que se necessita numa estância é bastante exígua: para tomar conta de dez mil cabeças eram precisos dez peões e um capataz; calculandose aproximadamente uma cabeça para cada dois hectares, esses dez peões poderiam cobrir uma extensão de vinte mil hectares. Isso realmente dificultava a possibilidade de trabalho para os indivíduos desalojados das terras e depois perseguidos como "vagos".

Uma outra função que preferentemente foi realizada por antigos "changedores" foi o contrabando. Como já referimos, o contrabando no Prata era uma atividade empresariada pelos principais estancieiros e comerciantes, além de autoridades coloniais. Sua difusão nas áreas de contato com os portugueses

teria sido muito maior do que se pensa, apesar da carência de documentos sobre o tema. Para organizar com eficiência o contrabando, eram contratados indivíduos que tivessem detalhado conhecimento da região, conhecessem os hábitos da guarda e dominassem uso das armas e do cavalo. Tais atribuições cabiam muito bem para os gaúchos, que se juntavam a bandos militarizados chefiados por aqueles de maior prestígio.

E justamente na repressão ao "vago" e ao contrabandista, versões novas do "changador", que se intensifica a militarização no Prata. Não só o português e o indígena, mas todos os gaúchos serão objeto de controle e perseguição. Além do incremento das tropas profissionais da Coroa, em todas as partes são formados corpos de milicianos locais, normalmente comandados pelas pessoas mais influentes. O princípio era bastante simples: continuar na situação de "vago" e ser reprimido, ou aderir ao sistema, incorporando-se na milícia dos estancieiros, e ter perdoados o delito. O "changador" havia sido levado à vangônia e ao contrabando, e agora também era miliciano para combater outros "vagos".

O crime se havia tornado um elemento fundamental para o funcionamento de uma sociedade que passava a girar em torno da grande propriedade pecuária. Berado o "cuatremismo" a partir da própria dinâmica da sociedade, passaria a justificar para sua erradicação a presença de forças paramilitares sob controle da grande estância de criação. O ingresso numa milícia, permitindo a sobrevivência do antigo "cuatremo", tornava-o um soldado com fortes ligações pessoais ao seu comandante. Quando o al-

vo do combate mudasse da perseguição a marginais para adversários políticos do chefe, as milícias invariavelmente serviam o ponto de partida para a formação dos exércitos regionais.

A perseguição aos "vagos" era apoiada não apenas nas forças repressivas criadas, mas em todo um sistema legal que favorecia os interesses da grande propriedade pecuária, em detrimento de outras atividades. Além das "Leis de vadilagem" que compeliam o gaúcho a enquadrar-se no trabalho ou viver foragido, os cabildos desenvolvem outras medidas com o pretexto de proteger as economias locais. Assim, por exemplo, o cabildo de Buenos Aires já no ano de 1735 determina que se restrinja a semeadura de cereais aos locais para isso assinalados por Juan de Garay quase duzentos anos antes; a cidade havia passado dos 64 fundadores para quase doze mil pessoas. Mais adiante, o cabildo se manifestaria sobre a decadência da pecuária, tendo como uma das principais causas o "abuso" dos cultivadores em usar terras que deveriam ser unicamente pastagens para o gado. A preocupação com a concentração da propriedade se concretizaria ainda em medidas semi-feudais, como a instituição de uma "Mesta de Haciendados" e implantação do direito de morgadio. As medidas tomadas pelos caudilhos e referendadas pelas autoridades coloniais incluem a permissão para que os estancieiros "se ocupem" das pessoas que vivam em terras situadas entre as estâncias.

A formação da grande propriedade pecuária esteve pois na origem tanto dos caudilhos como dos "montoneros". O enquadramento forçado ao trabalho pela apropriação da terra era responsável pela transformação do "gaúcho" em peão ou em milicia-

mas não foi o "gaucho" o soldado das "montoneras" argentinas, mas seu sucedâneo as "montoneras" foram constituídas por indivíduos já "conchabados" aos "terratenientes". A ideia de que as "montoneras" foram uma expressão da "guerra gaucha" é baseada numa ~~aparência~~ a verdadeira "guerra gaucha" fora a resistência ao trabalho, manifestada pelo "cuatrenismo", desde a simples fuga para lugares afastados até os atentados às propriedades. As "montoneras" não expressariam a luta de classes entre proprietários e despossuídos e não são a versão platina das "jacqueries" medievais, mas resultado da incorporação da plebe rural nas lutas entre setores da classe dominante.

As funções dos peões nas estâncias eram relativamente arriscadas e exigiam, como na época das "vaquertas", destreza nas armas e habilidades para montar. Os únicos aprimoramentos importantes introduzidos foram a castração, para melhor manejo dos rebanhos, e uma relativa preservação das fêmeas para permitir uma procriação adequada. As resoluções tomadas pelos cabildos no sentido de reforçar a apropriação dos rebanhos incluiam a marcação das reses. Assim, as duas grandes tarefas na unidade econômica da estância eram a castração e a marcação, em geral realizadas simultaneamente em uma época específica do ano. O restante do trabalho, dada a ausência de cercamentos e a indefinição dos limites da propriedade, se relacionava com a vigilância da propriedade a "ronda" noturna, para impedir o abigeato, e as expedições diárias em busca das reses extraviadas, o que permitia a incorporação de novas cabeças ao rebanho.¹²

Sem nos estendermos demais adiante no exame do traba-

¹² Os cabildos garantiam a propriedade das reses marcadas, independentemente do seu rebanho; ou seja, garantia o "direito dos madrugadores" (conforme Giberti, op. cit., pag. 52).

vem prestar serviço nas minas, permanecendo os demais na comunidade, para sua reprodução. As "encomiendas" do noroeste argentino persistem como no início do período colonial: toda a comunidade permanece na economia de aldeia, sendo produzido um excedente para os "encomenderos". Com a demanda de gado em pé para ser resfolegado, a ocupação de áreas comunitárias coloca no desamparo essas populações que viviam da agricultura de subsistência. Essa ocupação foi muitas vezes indiretamente em lugares onde as pastagens não são tão exuberantes como no litoral, eram desviados cursos de água para melhorar as condições do gado, inviabilizando a sobrevivência da agricultura de comunidades vizinhas. Dada a impossibilidade de recurso às autoridades, a única solução possível era entrar para o serviço de algum proprietário. A presença de numerosos índios nas tropas do sacerdote Guemes ou dos sucessivos caudilhos riojanos não representava, pois, uma resposta a um apelo popular, mas um compromisso com aqueles "terratenientes" que haviam proporcionado trabalho e sobrevivência.

A questão do artesanato deve ser examinada com muitos cuidados. Em primeiro lugar, nunca existiu um verdadeiro mercado interno que demandasse produtos variados. A frugalidade da vida no campo implicava poucas necessidades: as roupas - ponchos, cobertores, tecidos de lã ou algodão - eram normalmente fabricados domesticamente; calçados, quando usados, eram as folclóricas "botas de pote", feitas pelos próprios peões; os demais utensílios - laços, boleadeiras, aperos para montaria - também eram fabricados pelos peões. As moradias, para os peões

no: não foi o "gaucho" o soldado das "montoneras" argentinas, mas seu sucedâneo: as "montoneras" foram constituídas por indivíduos já "conchabados" aos "terratenientes". A idéia de que as "montoneras" foram uma expressão de "guerra gaucha" é baseada numa aparição: a verdadeira "guerra gaucha" fora a resistência ao trabalho, manifestada pelo "cuatrismo", desde a simples fuga para lugares afastados até os atentados às propriedades. As "montoneras" não expressariam a luta de classes entre proprietários e despossuídos e não são a versão platina das "jacqueries" medievais, mas resultado da incorporação da plebe rural nas lutas entre setores da classe dominante.

As funções dos peões nas estâncias eram relativamente arriscadas e exigiam, como na época das "vaquerias", destreza nas armas e habilidades para montar. Os únicos aprimoramentos importantes introduzidos foram a castração, para melhor manejo dos rebanhos, e uma relativa preservação das fêmeas para permitir uma procriação adequada. As resoluções tomadas pelos cabildos no sentido de reforçar a apropriação dos rebanhos incluiam a marcação das reses. Assim, as duas grandes tarefas na unidade econômica da estância eram a castração e a marcação, em geral realizadas simultaneamente em uma época específica do ano. O restante do trabalho, dada a ausência de cercamentos e a indefinição dos limites da propriedade, se relacionava com a vigilância da propriedade: a "ronda" noturna, para impedir o abigeato, e as expedições diárias em busca das reses extraviadas, o que permitia a incorporação de novas cabeças ao rebanho.¹²

Sem nos estendermos demasiadamente no exame do trabalho

¹² Os cabildos garantiam a propriedade das reses mercadas, independentemente do seu fazanho; ou seja, garantia o "direito dos madrugadores" (conforme Siberti, op. cit., pag. 52).

Isto nas estâncias, frisaríamos essas características essenciais que perdurariam por todo o século XIX: o caráter extensivo, que não exigia muitos cuidados com o manejo dos animais; a delimitação do trabalho dos peões fundamentalmente na vigilância - ou captura das reses do patrão. A função primordial dos trabalhadores era evitar o atentado à propriedade tanto pelos "vagões" como por outros proprietários. Não encontramos, assim, uma diferença muito nítida entre as peonadas das estâncias e aqueles indivíduos que formavam as milícias paramilitares dos estancieiros. Um e outros são fundamentalmente a garantia da preservação da propriedade.

O próprio cotidiano das estâncias lembra um acuartelamento: as refeições coletivas, o abrigo coletivo dos peões no galpão próximo à casa sede da estância. Naquelas estâncias muito extensas, colocavam-se indivíduos de confiança, normalmente bem experimentados, habitando nos limites. Esses "puestros", como postos fronteiriços, funcionavam autonomamente, permitindo que a propriedade pudesse ser ampliada indefinidamente, como se fossem várias estâncias em torno de uma central. O "puestero" funcionava como um lugartenente do estancieiro, garantindo a preservação de sua propriedade aos lugares mais afastados.

As relações de trabalho entre peões e proprietários adquirem um caráter peculiar. Sendo um trabalho formalmente livre na medida em que é remunerado, apresenta ocultadas algumas relações de tipo pré-capitalista. Além do assalariamento ser muitas vezes em espécie, a garantia de alimentação e moradia aparece como sendo uma concessão do estancieiro ou seja, além

do pagamento, o patrão proporciona ao seu peão casa e comida pelo trabalho. Na verdade, tais "concessões" nada mais representam que formas disfarçadas de renda da terra e estancieiro, na medida em que não fornece pelo trabalho um pagamento suficiente para que o trabalhador possa com a venda do trabalho garantir sua reprodução, não lhe cobre o uso de suas instalações e de seus alimentos. Assim, os peões estão pagando uma renda da terra, que é subtraída do seu salário, permanecendo esta relação encoberta. Essa característica em relação aos "puesteros" é ainda mais evidente: na medida em que se permitia ao titular de um "puesto" que dispusesse de alguma terra para plantar gêneros alimentícios e criar algumas cabeças, a presença da renda disfarçada da terra tornava-se mais importante que o próprio assalariamento. A "vantagem" de permanecer como "puetero" era justamente a permissão para o uso da terra, que criava a ilusão de formação de um pecúlio futuro que garantisse a metamorfose do usuário em um proprietário como o patrão.

Ainda fazendo parte das relações de trabalho, havia uma característica que mais tarde seria fundamental na elaboração dos discursos dos caudilhos. Como vimos, no processo de formação da "estancia cimarrona" o antigo "gaucho" foi constrangido ao desaparecimento e associado à delinquência. Ao longo do século XIX seriam resgatados pelos grupos dominantes uma série de valores que reconstruiriam uma nova imagem do "gaucho"; esse "gaucho" reconstruído, que muito pouco tinha em relação ao modelo original, teria um importante papel na formação dos contingentes armados dos caudilhos.



Se o antigo "gaucho" se caracterizava por ser cavaleiro temerário e por ser desenvolto no uso das armas brancas, o peão de estância que havia preservado essas habilidades era um "gaucho"; se as tarefas dos "changadores" envolviam riscos pessoais que as atividades dos peões também apresentavam, os peões eram "gauchos"; se os hábitos alimentares, a indumentária, o linguajar e os costumes não se haviam modificado, o peão continuava a ser um "gaucho". Construía-se uma imagem que na apariência preservava todas as características dos antigos povoadores dos campos platinos, ocultando a transformação fundamental que tinha ocorrido, a apropriação dos bens de produção.

Basicamente o que aparecia era a associação do trabalho do peão com uma situação de "liberdade" e "igualdade". Se o gaucho vivera do abate das reses que necessitava, que não eram propriedade de ninguém, o peão de estância pagava pela sua subsistência, na medida em que se descontavam do salário alimentação e moradia. Como a renda da terra era uma relação encoberta, o peão via a si mesmo como um trabalhador "livre", que mantinha as mesmas prerrogativas do gaucho. Exaltavam-se como valores sociais a coragem, a capacidade no trato com animais perigosos de lidar, e, se necessário, na luta contra os inimigos, além da liberdade. Por outra parte, as precárias condições materiais das estâncias, com a falta de mínimas condições de comodidade, mostravam aos peões uma situação de "igualdade" com os estancieiros. Além da frugalidade em que viviam os proprietários das estâncias, estes normalmente se faziam presentes nas lides capoeiras, demonstrando idênticas habilidades como cavaleiros e no-

uso dos instrumentos de trabalho; isso fazia uma equivalência dos estancieiros com os peões, tornando-os tão "gaúchos" como esses, logo socialmente "iguais".

Além de desfazer o antagonismo principal dessa sociedade, que se definia pela propriedade da terra, essa construção de um tipo idealizado, o "gaucho", dividiria ainda mais as camadas dominadas. Esse "gaucho" de novo tipo era o principal combatente contra os "gaúchos" românticos, o que se manifestava na luta contra o "cauborismo". Se acrescentaria ainda um profundo desprezo pelas atividades agrícolas e pelos que as exerciam; em algumas estâncias onde havia agricultura para consumo interno, essa atividade era reservada para os escravos. O alto custo dos escravos negros do Prata não permitia que exercessem funções de risco, já que a sua amortização requeria vários anos de trabalho. Também em algumas áreas do noroeste onde persistira a instituição colonial da "encomienda", a agricultura era encargo dos indígenas "encomendados". O peão, ao menos formalmente branco, exergava nos agricultores seres etnicamente inferiores, exercendo atividades pouco dignas se comparadas às suas. Esse preconceito tornou-se tão forte que no final do século XIX seria transferido ao "gringo"; o legítimo "gaucho" era quem trabalhava a cavalo, no trato com os animais, demonstrando todas as habilidades. A atividade agrícola não é vista como inferior porque concretamente perdeu seu espaço econômico; é inferior porque é exercida por trabalhadores etnicamente inferiores e "não-livres", ao passo que o peão é "livre" e trabalha em "igualdade" com o estancieiro.

Por outro lado, criava-se para o poço um antagonismo entre campo e cidade, entre "gauchos" e os não "gauchos". Nisso tivera um papel fundamental a referida perseguição ao "vago". A punição mais comum para quem fosse aprisionado pelo exercício ilegal do a. te ou pelo contrabando, era o serviço militar compulsório nos exércitos profissionais da coroa espanhola — mais tarde nos exércitos nacionais —, tradicionalmente nas Áreas de fronteira indígena. Havia uma ampla rede de fortificações que visavam a proteção contra os "malones" dos índios, para onde eram deslocados os contingentes formados pelos faltosos com a lei. Além de péssimas condições materiais fartamente descritas, esse serviço militar habitualmente prolongado signifizava uma ruptura quase completa com as raízes desses indivíduos, com a perda dos poucos bens pessoais, laços familiares, etc.

Essa situação, pendente sobre todos indivíduos não submetidos a um "conchabo", era vista pelos trabalhadores rurais como uma responsabilidade das "autoridades". Era a burocracia governamental, com seus juizes e oficiais, que tinha e exercia o poder de flagelar os indivíduos do campo. O estancieiro, ao contrário, era um "igual" que recompensava e dava proteção para seus peões, era também "gaucho". As autoridades cidadãs, além de serem "diferentes", eram identificadas como potenciais algozes dos "gauchos". Não havendo diferenças exteriores visíveis entre os peões enquadrados ao trabalho e os "cuatrenos" remanescentes, a única garantia contra os abusos era a presença do patrão. A famosa "papeleta de conchabo", um docu-

mento que se tornou uma constante em todas as regiões platinas do século XIX, não aparecia como uma violência contra os direitos dos peões era a garantia de sua "liberdade", a prova de ser "gente de um estancieiro", logo uma proteção contra a arbitrariedade institucional.¹³

S. acrescentarmos a isso as diferenças visíveis quanto aos hábitos alimentares, vestimentas, linguagem, etc., podemos pensar sem maiores dificuldades na oposição que é criada entre "paisano" e "pueblera". O "terrateniente" é visto aqui como um "gaúcho", como um "paisano", ao passo que a autoridade governamental é claramente alguém fora desse sistema, é "pueblera". Dessa maneira, secavarse ao distanciar do antagonismo entre proprietários e peões, a formação de um antagonismo entre os peões e os representantes dos governos coloniais e mais tarde nacionais. Quando as desavenças entre as frações da classe dominante conduzem às guerras civis, os peões estarão formando as "montaneras" dos seus patrões. Aquilo que dizia respeito a uma disputa dentro da classe dominante passa a ser visto como luta entre interesses da cidade contra os do campo.

Procuramos apontar até aqui alguns aspectos que caracterizaram o relacionamento entre "terratenientes" e peões de estância, que ocorreram em todos os espaços platinas onde a pecuária extensiva se afirmou como uma atividade econômica predominante. Há, no entanto, outras práticas econômicas que tiveram durante o período colonial sua importância, em regiões circunscritas, que merecem algumas considerações adicionais. Tratam-se de algumas atividades agrícolas e das tão comentadas artesanias

¹³ A "papelota de conchabó" aparece nas medidas tomadas pelos cabildos e mais tarde pelos governos provinciais sem exceção. O próprio Artigas no seu famoso "Reglamento" apresenta medidas de repressão contra os "vagabundos".

que estiveram presentes no noroeste argentino no final do período colonial.

A respeito da agricultura há pouco a acrescentar em relação ao que se disse ao seu antagonismo com a pecuária e a forma como foi subordinada a esta. Algumas tentativas bem sucedidas, como arroz plantado na forma usual da "plantation" escravista em Tucumán, chegando inclusive a ser exportado, declinaram em função das vantagens econômicas que apresentava a pecuária extensiva; era mais vantajoso importar arroz do Brasil, que era comprador do charque platino, que desenvolver um auto-abastecimento. Navia, no entanto, uma massa de trabalhadores escravos na orizicultura tucumana que deixou de ter valor com a decadência das "plantations". Esses ex-escravos, em número excessivo em relação às necessidades da pecuária, transformaram-se em peões sofrendo aquelas citadas dificuldades para o enquadramento. Assim, aqueles que porventura conseguem "conchabarse" verão nessa uma mudança de status, passando de cativos a homens livres e exercendo funções reservadas aos homens livres. Suas adesões aos patrões-caudilhos apresentam, portanto, um acertado grau de fidelidade.

No noroeste - especialmente Salta, mas também em Catamarca e La Rioja - houve por algum tempo a persistência das "encomiendas". Essas comunidades aldeias não tiveram o mesmo processo evolutivo daquelas do Alto Peru, onde a necessidade de braços para a mineração condicionou a reinstituição da "mita" incacal na "mita", diferentemente da "encomienda", só retirando da comunidade indígena os elementos que periodicamente de-

viam prestar serviço nas minas, permanecendo os demais na comunidade, para sua reprodução. As "encomendas" do noroeste argentino persistem como no início do período colonial: toda a comunidade permanece na economia de aldeia, sendo produzido um excedente para os "encomenderos". Com a demanda de gado em pé para as riquezas mineiras, a ocupação de áreas comunitárias coloca no desamparo essas populações que vivem da agricultura de subsistência. Essa ocupação foi muitas vezes indireta: em lugares onde as pastagens não são tão exuberantes como no litoral, eram desviados cursos de água para melhorar as condições do gado, inviabilizando a sobrevivência da agricultura de comunidades vizinhas. Dada a impossibilidade de recurso às autoridades, a única solução possível era entrar para o serviço de algum proprietário. A presença de numerosos índios nas tropas do salteño Guemes ou dos sucessivos caudilhos riojanos não representava, pois, uma resposta a um apelo popular, mas um compromisso com aqueles "terratenientes" que haviam proporcionado trabalho e sobrevivência.

A questão do artesanato deve ser examinada com muitos cuidados. Em primeiro lugar, nunca existiu um verdadeiro mercado interno que demandasse produtos variados. A frugalidade da vida no campo implicava poucas necessidades: as roupas - ponchos, cobertores, tecidos de lã ou algodão - eram normalmente fabricados domesticamente; calçados, quando usados, eram as folclóricas "botas de patro", feitas pelos próprios peões; demais utensílios - laços, boleadeiras, aperos para montaria - também eram fabricados pelos peões. As moradias, para os peões

afiliados, eram os ranchos de pau a pique, revestidos de barro e cobertos de capim "santa-fé"; os poucos móveis feitos de couro cru ou com ossos de animais. As únicas coisas comercializadas para a população rural eram os "vícios": aguardente, fumo e erva-mate.

Então, a demanda de produtos artesanais tinha como nexo a região de Potosí, no Alto Peru, orientada exclusivamente para a mineração. Da mesma forma, outras produções, como as carretas de Tucumán, só encontraram mercados enquanto durou a articulação com as minas potosinas. Desarticulado esse circuito comercial, essas atividades desapareceram por não aparecer mercado em outras partes. É extremamente discutível, portanto, atribuir-se à penetração dos artigos manufaturados ingleses o declínio das atividades artesanais. A carência de um mercado interno não significa necessariamente o resultado de uma competição com produtos manufaturados importados: esses produtos tinham uma circulação restrita à cidade de Buenos Aires, já que sua colocação no interior encarecia muito o preço final pelas dificuldades de comunicação. O problema dos artesanalos evidencia muito mais o seu pequeno desenvolvimento, quase restrito às produções domésticas. As estatísticas sobre o número de artesões em cada região mostram números incompatíveis com a possibilidade de que parte importante das "montaneras" fosse composta por artesões descontentes; a defesa dos artesanalos, que faz parte da estratégia protecionista dos caudilhos, parece estar relacionada a um discurso que procurava ampliar a base de sustentação dos caudilhos, buscando a adesão de artesões permane-

centes nas províncias, pequenos comerciantes locais, aparecendo um grau de "representatividade" regional mais elaborado.

Há ainda um aspecto a considerar no que se refere ao caráter "protetor" com que o caudilho aparece para a população rural em geral. Primeiramente, a defesa contra o "cuatremismo" foi interpretada como uma defesa de todos. Os indivíduos "malfintenidos" que viviam isolados ou em grupo, quando realizavam suas expedições de pilhagem em alguma região não se preocupavam em distinguir os bens dos estancieiros ou dos seus subordinados. Além do abigeato, eram comuns os saques generalizados, assassinatos, violações, sequestro de mulheres. A repressão aos "vagos" era interpretada como uma necessidade para todas as pessoas "de bem". Assim também ocorria com relação aos ataques dos índios: o "malón" era temido por todas as pessoas "civilizadas" pela violência das expedições de guerra, com mortícinos em massa e sequestro de mulheres e crianças para as "toldentas". Igualmente nas áreas fronteiriças com os portugueses, as expedições de riograndenses não foram menos violentas.

Sendo as forças coloniais impotentes para a contenção de tantos problemas, aos estancieiros competia a defesa da população, contando com seus próprios seguidores. Foram muitos os caudilhos platinos que iniciaram sua carreira de renome militar nos combates contra os índios e perseguição do "cuatremismo". Em muitos lugares, as sedes das estâncias eram muito fortificadas e, de maneira análoga às torres feudais, podiam abrigar os habitantes do campo. Os estancieiros, por sua vez, armavam suas "cavalarias" e combatiam diretamente o inimigo que ameaçava. A

defesa da propriedade, da organização produtiva que mal ou bem era a garantia da existência de todos, era apropriada como defesa de todos, e o responsável pela sua direção como protetor maior de todos.

Mais tarde, no longo período das guerras civis, a situação não é diferente. Apesar de não haver uma orientação explícita para que os exércitos nacionais pilhassem, essa era uma prática comum. Não havia diferenças quando se tratava de alguma questão envolvendo caudilhos provincianos: ora das atrações para tomar parte numa "montonera" era a possibilidade de saquear outras regiões. Desta forma, o caudilho de uma região quando se proclama defensor dos seus habitantes contra as arbitrariedades que possam ocorrer no caso de invasão por outros, encontra receptividade na população. Uma vez mais o antagonismo de classe é disfarçado, dando lugar a um antagonismo entre província e porte, ou entre distintas províncias. O temor que os "terratenentes" apresentam em relação ao dano de seus bens é transformado para os seus subalternos, que temem por suas famílias e escassos objetos pessoais.

Essas relações entre dominadores e dominados persistem por quase todo território argentino praticamente sem modificações. As únicas áreas que apresentaram novidades nas relações de trabalho são a província de Buenos Aires, parte do litoral (Santa Fé e Entre Ríos) e a Banda Oriental. O grande motor dessa transformação seria o desenvolvimento da indústria dos "saladeros". Além de tornar-se uma produção que a longo prazo superaria a importância do couro, não houve exigência de

modificações significativas na pecuária tradicional. Nas estâncias de criação, as relações de trabalho existentes não se alteraram em função da economia dos "saladeros".

As atividades nas unidades produtoras de charque, entretanto, apresentavam-se muito distintas daquelas das estâncias. Basicamente o que acontecia era um grau de assalariamento bem mais desenvolvido. Pagava-se por tarefas realizadas, não existindo aquelas formas encobertas de renda da terra das estâncias. Há também uma divisão do trabalho, com tarefas específicas para cada trabalhador, que não tem o controle de todo o processo produtivo. Normalmente os "saladeros" funcionavam nos meses da primavera e do verão, permanecendo ociosos nos demais. Os trabalhadores são contratados quando existe serviço, sendo dispensados quando terminava a época de fabricação do charque. Não se estabeleciam, consequentemente, aqueles vínculos entre os empresários e seus trabalhadores como nas estâncias. A partir dos "saladeros", poder-se falar numa transformação no sentido capitalista da produção, com o literal ingressando num tipo de economia cada vez mais contrastante com as atividades tradicionais das províncias interioranas.¹⁴

Não era, porém, nos "saladeros" que se recrutavam os componentes dos exércitos irregulares. Justamente a manutenção das estruturas de tipo pré-capitalistas nas unidades de produção pecuária é que nos explica a existência das "montaneras". Como vimos anteriormente, os passos iniciais para a acumulação primitiva tinham sido dados, mas essa acumulação não se completara. A primeira etapa, a da ocupação da terra, resultaria de um

¹⁴ Horacio Giberti, op. cita., pag. 89-94.

processo violento de despojamento de seus ocupantes, que foram constrangidos ao trabalho nas estâncias também pelo uso da violência. Não havia outra atividade, como manufaturas, capaz de absorver o contingente de despossessados e convertê-los em moradores^a. A única opção era o "conchabão" aos estancieiros, como pleites ou escravos.

A perda do mercado limitado que representava a mineração de Potosí criou um impasse ineludível para os "terratenentes" interioranos: a resposta foi um fechamento cada vez mais acentuado das economias regionais, numa defesa progressivamente maior dos interesses locais. A defesa acirrada levada a efeito por cada província de sua produção contra os concorrentes de outras províncias levava a um círculo vicioso de maior fechamento, desestimulando qualquer possibilidade de formação de um mercado interno. Com a manutenção e o reforço das estruturas herdadas dos tempos coloniais, não havia sequer condições para constituição de um capital comercial; ao invés de ingressar na acumulação primitiva, ocorre um reforço das relações pré-capitalistas por todas as províncias do interior. A busca da autonomia regional, disfarçada pela proposta de um "federalismo", na verdade encobria uma "nostalgia da colônia". Aliás, o discurso dos caudilhos sempre idealizava um passado de prosperidade e bonança que tinha sido comprometido pelos grupos que estavam dirigindo a organização nacional.

Essa situação de conflito no seio da classe dominante foi transferida para os trabalhadores rurais, com a adesão expressiva das "montroneras" aos seus caudilhos. O declínio econô-

mico dos "terratenientes" é associado às precárias condições de sobrevivência das peonadas, atribuindo-se a um adversário com todos os males. São negados os conflitos de classe que estabeleceram a diferença entre proprietários e trabalhadores, integrando-se dois momentos distintos - a apropriação da terra e a crise econômica dos "terratenientes" - e ligando-os aos privilégios dos que tinham ingressado na acumulação primitiva. A situação de crescente pobreza em diversas regiões traduzir-se por uma maior extração de excedentes dos trabalhadores; aumentam as dificuldades para alimentação, vestuário, habitação, multiplicam-se as "leis de vadiagem" e a repressão aos desviantes; todos esses reflexos de um arranjo nos laços de dominação sobre os subordinados são, no entanto, transferidos para uma "crise" geral a todos, resultados de uma política externa às decisões de cada província.

O "montonero" não pensa no exercício da função de soldado nas hostes do caudilho como mais uma forma de lhe cobrar trabalho. O "montonero" tampouco vê no saque praticado contra seus adversários uma forma de compensar, mesmo que minimamente, a estagnação econômica a que está submetido; apesar do saque ser um atrativo, seu efeito é muito transitório, em geral permitindo apenas que as tropas irregulares garantam seu abastecimento para continuarem atuando. O que o "montonero" vê, portados os condicionamentos historicamente construídos, é a "paramilitarizada", a "guerra gaucha" que o resgatará de uma situação de dificuldades.

Essa situação desesperada do presente é invariavel-

mente comparada a um passado de opulência que jamais existiu no interior argentino. O passado onde "el más infeliz tenfa tropilla de un pelo" é dissociado do processo de apropriação da terra e propriedade que desapareceu e relacionada com a ganância dos representantes pertenços, pretensos dirigentes da organização ~~naç~~ ^{sal}, que preocupados exclusivamente com sua própria economia exportadora, fecharam os espaços para o desenvolvimento das províncias. O "montonero" passa a ter ele próprio a "nostalgia da colônia", mesmo que nesse tempo tivesse havido o seu enquadramento compulsório ao trabalho. Assim como o peão vira no estancieiro e "protetor" a lhe garantir a sobrevivência, não percebendo a exploração a que fora submetido, também o "montonero" pensa no caudilho como seu "protetor", capaz de restaurar-lhe a prosperidade perdida em algum momento do passado.

A relação pessoal forte que caracterizou o caudilho em relação aos seus "montoneros" é fundamentalmente a mesma estabelecida entre o "terrateniente" e seus peões. Mantinha-se a mesma aparência "democrática" sob vínculos bastante autoritários e caracterizados pela violência. O prestígio maior ou menor que cada caudilho apresenta está diretamente relacionado com a forma com que transmite a noção de "igualdade". Se o estancieiro se tornava "igual" pela linguagem, hábitos e pelas suas habilidades como campeiro, também assim mostra o caudilho em relação aos seus comandados. Ele deve montar e combater da mesma maneira, não sendo comparável com os militares de academia com seus regulamentos e táticas. Em verdade, essa era a

única maneira possível de levar adiante a luta: o caudilho praticava a "guerra gaucha" porque não tinha condições de fazer a guerra de uma outra maneira. Não dispõe sequer de fuzis em número adequado, era a carga de cavalaria sua principal arma permitia o impacto fulminante dos lanceiros e o contínuo movimento pelos territórios conhecidos para ludibriar os adversários. Para seus "montoneros", no entanto, isso aparece como mais uma opção pelo estilo "gaúcho" de viver, o que legitima ainda mais a representatividade do caudilho.

De todos os caudilhos platinos do século passado, perhaps um teve consciência plena da importância de apresentar-se aos comandados como um "igual". Rosas, o maior pecuarista e saladerista da província mais rica, voluntariamente abandonou os "modales" citadinos e se converteu no melhor cavaleiro, domador, laçador, lanceiro de todo o país. Declarava Rosas que "sabia como falar à sua gente", e por esta razão era respeitado. Porém, todos os caudilhos, conscientemente ou não, tinham o mesmo comportamento. Sarmiento, contemporâneo e participante das guerras civis, salientava como se formava com facilidade uma "montonera" ao chamado do caudilho, comparativamente à enorme dificuldade para o recrutamento de um exército regular, atribuindo isso a uma condição de "barbarie" comum a caudilhos e "montoneros". O que Sarmiento chamou pejorativamente de "barbarie", chamaos de persistência das relações principitárias de produção.

Marx, no capítulo de "O Capital" que trata da acumulação primitiva, lembra uma passagem da "Utopia" de Moreu que

trata de um país onde os carneiros comiam os homens, numa óbvia alusão à Inglaterra da época em que ocorreram os cercamentos e a expropriação forçada dos campões. 15 Na Argentina foram os bois que comeram os homens. Diferentemente da Inglaterra, no entanto, durante um longo tempo apenas uma pequena fração da classe dominante pudera acumular e iniciar uma tímida industrialização dos produtos pecuários. Essa acumulação se fazia em parte às custas da "desacumulação" dos grupos "terratenientes" provincianos, que lutaram com todas as forças para entrar na repartição das benesses portenhelas.

As camadas dominadas não dispunham de um projeto próprio, bem como não se formulava pela classe dominante algum projeto que as beneficiasse. Organização nacional era alguma coisa despida de sentido, se pensarmos que o horizonte da gente do campo terminava nos limites da unidade produtiva de que fizesse parte. Não há uma luta campesina pela terra, porque nunca chegou a se constituir uma classe campesina no espaço do Rio da Prata. A população rural conhecerá a inexistência da propriedade de e depois a grande propriedade pecuária dos estancieiros. A luta é pela manutenção da segurança mínima de sobrevivência que representa a estância do patrão. Uma nova ordem das coisas, temida por setores da classe dominante, também é temida pelos dominados. Apesar desse temor, a partir do momento em que a maior parte dos "terratenientes" deixa de recuar pela mudança porque vai participar do "botim", os peões não levam adiante aquela luta, aparentemente sua. Justamente porque parecia, mas não era.

¹⁵ Ver o capítulo do livro I de "El capital": "La titulada acumulación primitiva" (México, Fuenre Cultural) p.208.

CAPÍTULO XI

A Emergência das Últimas "montoneras"

*"Del gaucho, ya ni recuerdo
de ese tipo va quedando
Todos se van acabando
como una raza maldita
Purle honor se necesita
porque el paisano luchó
y toda su sangre díb
por esta tierra bendita"*

(*"El Gaucho" - Caxón*)

Na província de La Rioja, no norte argentino, apareceram as últimas "montoneras", as últimas resistências do Estado Nacional que tentava organizar o governo Mitre. De La Rioja eventualmente se propagaram a outras províncias vizinhas e em alguns momentos chegaram a comprometer aproximadamente a terça parte do território argentino. As lideranças, no entanto, eram basicamente caudilhos riojanos e os "montoneros" em sua maioria recrutados na região. Por que esta província tornou-se conhecida com "tierra de las montoneras"? Por que seus caudilhos foram os mais resistentes à "nova ordem"? Essas e outras perguntas nos remetem a um exame das peculiaridades que o processo de organização nacional apresentou no que se refere a La Rioja, tanto quanto estruturais como conjunturais.

Na verdade, há um equívoco presente tanto na historiografia quanto na cultura popular sobre a origem da palavra "montonero".

biografia liberal como na revisionista quando se examinam as "montoneras" riojanas. Quando são considerados os grandes antagonismos - federalismo e unitarismo, província e porto, caudilhos e governo nacional - que permearam o longo período das guerras civis argentinas, unificarse num dos polos o "interior", representado pelas suas lideranças. Há, evidentemente, problemas gerais que afetaram a todas as províncias, mas a maneira como esses problemas se concretizaram foi peculiar a cada caso, e mesmo quando se considera uma província isoladamente vemos distintas realidades sociais. Uma divisão puramente geográfico-política que considera uma "região" - litoral, interior, porto - ou uma província, habitualmente falha pela negação de situações sociais historicamente constituidas.

Assim, quando se fala em "norte argentino", aparecem no mesmo quadro situações como a luta de Buenos em Salta, a de Santiago del Estero dos Taboada ou La Rioja de Facundo, Peñalverza e de Varela. Na realidade, num substrato genérico de decadência econômica dos grupos não-exportadores, de apego às remadas aduaneiras provincianas como forma de sobrevivência, culminando num acentuado isolamento e defesa de autonomia, as lutas políticas, eventualmente armadas, tiveram suas especificidades. As "montoneras" riojanas apresentam, pois, peculiaridades que este capítulo pretende resgatar.

Em primeiro lugar é necessário estabelecer de onde partem as "montoneras" de La Rioja: num mesmo espaço político, a província de La Rioja, encontramos diferentes organizações sociais: há La Rioja dos artesanatos que abasteciam Potosí no



período colonial, há La Rioja da produção vitivinícola ligada ao mercado chileno, há La Rioja das estâncias de criação pecuária. Quando se fala na decadência dos artesanatos como causa das "montoneras" se associam duas realidades distintas: a queda de um setor de produção doméstica mobilizando os principais estancieiros ~~seus peões~~ ou quando se pensa no problema de mercado do setor vitícola misturam-se uma crise dos pequenos produtores com movimentos liderados pelos grandes proprietários. Os caudilhos riojanos, desde os mais importantes aos seus lugartenentes, sem exceção, foram latifundiários dedicados à pecuária extensiva; a área geográfica onde se situavam as estâncias é uma região de vales relativamente férteis conhecida como Los Llanos. Da mesma forma, os "montoneros" eram peões, posteiros, tropeiros que estavam vinculados à atividade pastorial dos Llanos. Não há movimentos armados liderados ou constituidos por artesões ou pequenos agricultores.

Da mesma forma, as alianças ou rupturas com outras províncias devem levar em conta esses aspectos. Uma sólida amizade de Pefaloza com o sanjuanino Benavídez está ligada a uma semelhante extração social e problemas comuns; por sua vez, a inimizade do mesmo Pefaloza com outro sanjuanino, Sarmiento, fica mais esclarecida se atentarmos para a distinta origem social deste. Se aspectos como os exemplificados não forem suficientemente dissecados, as lutas e alianças interprovinciais parecerão situações ditadas meramente pelos caprichos de seus participantes.

Um outro aspecto, é a relativamente tardia entrada da

província no cenário das guerras civis argentinas. A decadência do artesanato riojano como causa da desinteligência com a capital portenha não sobrevive a esse argumento. De 1810 até 1820 encontramos toda a região litorânea afetada pelo movimento ~~antiguista~~ e sua proposta federalista que afetava profundamente a questão fundiária. Também nesse período, a luta pela manutenção do extremo norte contra a tentativa restauradora dos espanhóis obrigaria a Buenos Aires uma série de medidas de cunho popular e o colocaria simultaneamente contra a oligarquia de Salta e contra o governo portenho. Também os movimentos do Ejército del Norte afiangularam a formação de lideranças militares prestigiadas, que seriam futuros caudilhos provincianos ciosos de suas prerrogativas. La Rioja permanecia alheia a esses acontecimentos. O principal proprietário e criador da província é virtualmente seu comandante de armas, Facundo Quiroga, atuava como merecido abastecedor do exército de San Martín, não tendo entrado jamais em combate.

A entrada de La Rioja na guerra civil foi ocorrer somente em 1826, e não teve relação com a decadência dos artesãos ou com problemas dos pequenos produtores. Na verdade houve uma ruptura de Quiroga com o unitarismo portenho por uma intromissão do governo nacional numa questão que afetava interesses econômicos das grandes fortunas riojanas. Com a perda do Alto Peru para as forças espanholas, acentuou-se a crônica falta de metais preciosáveis por todo o território argentino, e procuravam-se alternativas. Uma, que parecia promissora, eram as minas de ouro e prata do cerro de Famatina, em La Rioja.

A possibilidade de auferir lucros tanto na mineração como na fabricação de moedas, atraiu o interesse dos principais proprietários riojanos, entre eles Quiroga, estabelecendo-se sociedades para exploração dos minérios e uma Casa da Moeda provincial.¹ Por outro lado, Rivadavia – primeiro como secretário, mais tarde como presidente – tentava estabelecer uma sociedade com capitais britânicos para exploração nacional das minas de Famatina, além de reivindicar para o governo central a prérrogativa de cunhar moedas. Essa intromissão do governo central numa esfera quecreditava de inteira responsabilidade da autonomia provincial transformou Quiroga de "unitário por convicción" na principal liderança federal do norte argentino.

Facundo Quiroga, até então espectador quase passivo das lutas internas argentinas, inicia uma grande trajetória militar contra as forças unitárias, pretensamente para restaurar as combalidas economias provincianas e os legítimos valores culturais ameaçados pela capital portenha. Sua bandeira, com o dístico "Religión o Muerte", simbolizaria a sobrevivência das culturas provincianas ameaçadas por uma Buenos Aires opressora, "atólia", aliada aos interesses não argentinos.

A guerra movida por Quiroga faria dele a principal liderança do norte argentino. Com Rosas em Buenos Aires e

¹ Os autores Rodolfo Ortega Peña e Eduardo Bahalde escreveram o livro "Facundo y la Montonera" (Buenos Aires, Contrapunto, 1987) que tem o objeto de explorar detalhadamente a questão de Famatina, além de um importante apêndice documental; no entanto, esses autores, equivocadamente, atribuem a Facundo um exacerbado nacionalismo per trás da questão mineira, quando na verdade estava em jogo quem exploraria as minas e quem cunharia as moedas: o governo nacional ou a província de La Rioja.

Quanto ao "unitarismo" de Quiroga, foi um ponto debatido com o próprio Rosas. A conversão ao federalismo é consequência da intromissão direta de Buenos Aires numa atividade econômica fundamental para a província. Sobre isso, ver carta de Rosas a Quiroga de 20 de dezembro de 1834, em "Correspondencia entre Rosas, Quiroga y López", recopilação de Enrique Barba (Buenos Aires, Solar).

Estanislao López de Santa Fé constituiria o "tríunvirato" federalista que sucedeu à derrota unitária no final dos anos 20. A principal sustentação da nova organização era a preservação das autonomias políticas provincianas; essa autonomia, no entanto, não garantia para as províncias uma situação de desocupação econômica, o que levava muitas vezes a tentativas de dominação de uma província sobre outra. La Rioja, que com Facundo Quiroga se livrara da intromissão portenha, tenta o controle de províncias vizinhas, como Córdoba por exemplo. É nesse clima de conflito tenso entre os diversos caudilhos do interior que ocorreu o assassinato de Quiroga. Com o desaparecimento deste, assume o primeiro plano das lideranças riojanas seu lugarteniente Angel Vicente Peñaloza, herdeiro das "montoneras" riojanas e por quase trinta anos um tenaz defensor das autonomias regionais.

"Chacho, el gobierno de hecho" (1862-1863)

Não há nenhum registro de que Peñaloza estivesse diretamente envolvido na questão da Famatina, desencadeadora da rebelião de Quiroga. Porém, como acionistas da companhia de mineração ou da casa da moeda se encontravam muitos dos principais proprietários de terra dos Llanos riojanos. Uma pecuária extensiva estrangulada pela falta de mercado, pela impossibilidade de expansão da propriedade, levara os estancieiros de La

Rioja a ver em Famatina a grande oportunidade de acumulação. A intromissão portenhá em nome de um interesse "nacional" trouxe para o lado de Quiroga todos os proprietários de terra, na medida em que concretizava o perigo de um governo centralizado que se colocasse acima dos interesses regionais. A bandeira do federalismo não tinha, pois, qualquer veleidade quanto a uma organização política mais representativa ou que possibilitasse uma transformação maior na sociedade: era uma reação contra um Estado Nacional que não trazia vantagens e ameaçava as eventuais soluções econômicas encontradas.

Pefaloza - El Chacho - era natural de Guaya, na região dos Llanos riojanos. Descendia de família estabelecida desde muitos anos, incluída no rol das principais da província, proprietária de grandes extensões de terra e muito gado.² Sua participação nas milícias de Quiroga trouxe-lhe acentuado prestígio como chefe militar; se, como sostancieiro tradicional dos Llanos reunia as condições necessárias para levar às "montoneras" seus próprios gaúchos, completava agora as exigências para tornar-se representante dos demais "terratenientes". Mesmo durante o ciclo de derrotas que levaram a Facundo a procurar a proteção de Rosas em Buenos Aires, Pefaloza apareceu à "escuderete" como um comandante de armas capaz de fazer frente a exércitos mais organizados e melhor armados. Na volta triunfal de Facundo reconquistando o norte ocupado pelas forças unitárias, Pefaloza foi responsável pela sublevação de La Rioja, que já foi encontrada "liberada" de unitários pelo seu antigo che-

² Sobre a extração social de Pefaloza ver Juan José Real, "Notas sobre caudillos y sotoperos", in "Unitarios y federales", vários (Buenos Aires, Hispanoamérica, 1987) pag.154; também em Rubén Zorrilla, "Extracción social de los caudillos" (Buenos Aires, la Pleyade) pag.51 e seguintes.

fe.

Propriedade da terra e capacidade militar, o binômio encontrado em todos os grandes caudilhos, fizeram de Peñaloza o principal chefe dos Llanos. A herança de Facundo foi dividida entre Peñaloza, como chefe das milícias, e outro quiriquista, Tomás Brizuela, como governador provincial. Entre 1835 e 1840, ambos progressivamente se afastariam de Rosas e acabariam em franca oposição ao governador portenho. Se Rosas manteve por um lado a autonomia das províncias, por outro era visível o contraste entre a estagnação econômica no norte argentino e a crescente opulência de Buenos Aires, tanto pela articulação ao mercado internacional como pelo monopólio das receitas aduaneiras. Havia, além disso, uma forte suspeita de que por trás do assassinato de Facundo estivesse o interesse de Rosas, temeroso de seu alto prestígio em todo o norte. De toda sorte, as lideranças riojanas passaram a considerar Rosas como mais um governante da capital portuária a impedir o progresso econômico regional.³

Em 1840 Brizuela e Peñaloza se "pronunciaram" ao lado do exército unitário comandado por Lavalle, a Coalición del Norte. Essa revolta fazia parte de um plano audacioso elaborado pelos unitários exilados, aproveitando caudilhos provincianos insatisfeitos com a política rosista. Assim aparecem aliados os defensores de um Estado Nacional centralizado, lideranças do litoral desejoosas de uma participação no mercado internacional e os caudilhos riojanos que aspiravam uma saída da estagnação

³ Em seu livro "Juan Facundo Quiroga", Raúl Cárceles relata que momentos antes de ser executado o catador de Facundo, Santos Pérez, teria acusado Rosas de ser o bandido, ver obra citada, pag. 253 (Buenos Aires, Letrada, 1960). Essa suspeita em relação a Rosas eu a López sempre permaneceu, apesar do julgamento exemplar que Rosas faria dos criminosos e seus presumíveis bandeiros.

económica especialmente pela redistribuição de rendas afanerárias. A "montonera" dos Llanos de Chacho Peñaloza combateu arduamente as tropas de Aldao, principal caudilho rosista de Mendoza. Mesmo as sucessivas derrotas militares que culminaram com as mortes de Brizuela e de Lavalle não desarticularam a capacidade de mobilização do riojano. Unido a seu antigo inimigo Lamadrid, numa ampla guerra de movimentos entre San Juan - governada por Benavídez, outro caudilho rosista - e La Rioja, permaneceu por quase um ano em hostilidades antes de seu primeiro exílio no Chile.

Desfeita a Coalición del Norte, sem contar com altados importantes, Peñaloza retorna aos Llanos em abril de 1842, organizando em pouco tempo uma "montonera" que até fevereiro de 1843 atuaria em várias províncias do norte - La Rioja, Catamarca, Tucumán, San Juan - desenvolvendo a guerra de movimentos que seria sua principal característica. Novamente em 1845 voltaria Chacho Peñaloza a lutar em território argentino, sendo uma vez mais rechagado para exílio chileno. Essas duas invasões isoladas do caudilho foram as únicas rebeliões enfrentadas pelo governo Rosas nesse período. A Confederação rosista, superados os problemas no Elitoral e afastados os principais militares unitários, firmara-se no apoio dos caudilhos provincianos, resguardando seus domínios regionais. A guerra de Chacho Peñaloza nos anos 40 tinha muito a ver com o desaparecimento de Facundo e o temor de que no vácuo deixado por este viesse a interferência portenha comandada por Rosas.

Em 1845 o caudilho riograndense busca asilo junto ao governador Benavídez de San Juan. Apesar de Rosas ter reclamado, manteve sua política de respeitar a autonomia de seus aliados. Junto a Benavídez permaneceu Peñaloza por alguns anos, período em que passou a exercer o controle de fato sobre La Rioja. Voltou à sua propriedade de Gueja, onde muitas vezes era procurado para que desse seu julgamento sobre diversas pendências, exerceu influência para derrubar um governador e empossar outro, passou em suma a ser o verdadeiro chefe provincial. A ligação com Benavídez evitava-lhe problemas com outras províncias, da mesma forma que garantia aquele um aliado importante para eventuais desavenças regionais.

O movimento de Urquiza que terminaria na derrocada de Rosas em 1852 reforçaria ainda mais esse lapso de tranquilidade para Peñaloza. Apesar de não ter participado diretamente das ações que levaram Urquiza ao poder da confederação, era um elemento importante com que contava o entreriano para seu projeto de fazer frente a Buenos Aires. Apostando nas características da produção entreiriana — uma pecuária em expansão e rios navegáveis — para competir com Buenos Aires, a Confederação necessitava das demais províncias fundamentalmente apoio militar. Uma melhora da situação econômica no norte durante esse período não se deveu a uma política econômica intencional do governo de Paraná; houve uma abertura do mercado chileno, aquecido pela mineração californiana, e reataram-se laços comerciais com demanda de produtos pecuários e agrícolas do norte. Cada vez mais

afiançado como comandante provinciano, Peñaloza é agraciado com o generalato pela Confederação, jamais sofrendo qualquer interferência nas suas práticas locais.

A crise econômica da Confederação, incapaz de concordar com Buenos Aires, teria consequências políticas no seu interior. A ~~legislação~~^l dos caudilhos provincianos, que era a base da Confederação, estava comprometida! Díaz Quijano, o presidente, era apoiado apenas pelas oligarquias de San Luis e San Juan; Urquiza, o comandante de armas, além de contar com o litoral - Entre Ríos, Santa Fé e Corrientes - tinha o apoio de algumas províncias do norte, área de influência de Peñaloza (La Rioja, Catamarca e Mendoza); por sua vez, os contatos que Mitre estabeleceria no interior lhe garantiriam a adesão das oligarquias de Santiago del Estero, Córdoba, Tucumán, Salta e Jujuy. Houve o confrontamento com Buenos Aires em Pavón, setembro de 1861, e o abandono de Urquiza do campo de batalha.⁴

Aqui inicia a nova crise para Peñaloza e a retomada da guerra de "montoneras" no norte argentino. A política mitrista era pragmática: conquistava os apoios mediante concessões ou fazia uso da força. A principal neutralização tinha sido feita sobre o próprio Urquiza. A longa correspondência mantida entre Urquiza e Mitre mostra claramente as intenções de ambos: Mitre não interferiria na área de influência de Urquiza, que por sua vez não criaria problemas ao colégio portenho. No norte, os irmãos Taboada, principais caudilhos de Santiago del Estero, trocam seu apoio a Mitre pelo controle das demais

⁴ Urquiza teria se retirado do campo de batalha com o resultado ainda indefinido. A farta correspondência entre Mitre e Urquiza mostra relações mais cordiais do que se deveria esperar entre dois rivais; por outro lado, era evidente o desgaste de Urquiza com o presidente Díaz Quijano. Não seria surpreendente que o entrerriano tenha preferido um acordo que lhe preservasse o poder em Entre Ríos, abrindo mão do controle de uma confederação de províncias que não podia competir com a província de Buenos Aires.

províncias vizinhas. Após derribarem o governador de Tucumán, dirigem-se para Catamarca, quando Peñaloza entra em ação. Iniciava-se a longa campanha do ano de 1862.

Além das Taboadas, que disputam a influência nas províncias do norte, Peñaloza enfrentaria quatro colunas do exército nacional que invadiram La Rioja por todos os lados. Praticando somente a guerra de guerrilhas, com movimentos rápidos e inesperados, cortando comunicações, atacando tropas de abastecimento, Peñaloza manteve immobilizadas as numerosas tropas nacionais sem ter ganho sequer uma única batalha. Não manteve um único confrontamento com todas suas hostes e sempre que parecia derrotado surgia outro local onde não era esperado e reiniciava sua guerra de desgaste.

E nesse estado de coisas que não saia do impasse que aparece para os generais portenhos a necessidade de um acordo com Peñaloza. Sendo muito difícil derrotá-lo, seria preciso contá-lo como um aliado. Mitre e o comandante das forças nacionais Paunero instruem emissários que em 30 de maio de 1862 obtêm com Peñaloza o tratado de La Banderita e o fim das hostilidades.

Desta primeira campanha contra o governo Mitre, há alguns documentos interessantes para examinar. Primeiramente aqueles que demonstram a grande dificuldade para conter os movimentos de Chacho Peñaloza, que além de demonstrar sua capacidade como chefe militar, são uma prova inequívoca de liderança regional e de mobilização da plebe rural.

Em uma carta a Mitre, datada de 10 de março de 1862, o general Paunero já discute o sentido da guerra movida contra Peñaloza, referindo-se a La Rioja:

"Hoy se expresa ardus pacificar aquella Arriba Pátreas, cortado por travesías, bosques y sierras, que bien sacadas las cuentas no merece la libertad que se le quiere dar, ni la sangre, fatigas, tesoros, sacrificios de todo género que puede costar."

"Yo detendría si pudiesse las operaciones, dejando lugar a las negociaciones;" ⁵

Numa longa missiva de 20 de março, Paunero menciona entre outros assuntos o temor que os chefes militares tem de enfrentar Chacho nos Llanos riojanos:

"Por eso opino porque de una vez termine la cuestión de La Rioja, año de como verá usted más adelante, muéveme a pensar decididamente en ello la manifiesta flojedad que en Sarmiento, Rivas y el misma Paz nota para expedicionar en los desiertos de La Rioja." ⁶

No mesma carta, comentaria ainda os custos que a guerra acarreta para as tropas nacionais, enquanto as "montoneras" de Peñaloza, pelo seu movimento, se abastecem com relativa facilidade:

"No puedo menos de aplaudir al que usted haya puesto coto a los libramientos de Santiago y Corrientes, porque de otra manera no bastaría el tesoro de la Gran Bretaña y en cuanto que Santiago se retiró de la acción el día que recibió el primer libramiento, digo que puede ser, pero que ha tenido una excusa bien justificada, porque la seca ha sido insuperable en esa provincia, que non cuenta con riego de ninguna especie y menos con alfajares que Catamarca tiene, y de donde sacó o repuso sus caballos el Chacho para invadir Tacuarembó...)"

⁵ Archive de Mitre, Tomo II, n. 2555, pag. 46.

⁶ Idem, Tomo II, n. 2556, pag. 53.

"Mando por esta "diligencia" las cuentas de inversión del mes de noviembre... y las cuentas de abasto de carne y vicios de entretenimiento... hay, además, vestuarios mandados construir en Córdoba, monturas (todo caro y detestable) y malas compradas, etc., etc., etc."⁷

Mais adiante, ainda na carta do dia 20 de março, Paunero se referiria novamente à possibilidade de negociação com Peñaloza:

"El negocio de La Rioja se hace cada vez más una espina en el talón... espina que es preciso sacar a toda costa, y de que me ocupo día y noche. Paz me dice con fecha 15, que a pedido de una persona respetable de La Rioja, manda a un sacerdote de confianza, con proposiciones al Chacho, sobre la base de que se separe de La Rioja, señalandole un sueldo."⁸

Essa correspondência pessimista quanto ao triunfo militar no norte, pelo alto custo da guerra, incapacidade de enfrentar Peñaloza no terreno apropriado para as "partidas montanhosas", tem um hiato quando noticia a Mitre uma "derrota definitiva" de caudilho, em carta de 25 de março de 1862:

"En mi anterior le decía que La Rioja era una espina que tenía usted introducida en el talón, que era necesario sacar; hoy tengo la satisfacción de decirle que la tal espina ha sido extraída del lugar doloroso, merced a la habilidad de un facultativo que se llama el coronel don Ambrosio Sandes. (...)"

"Después de ese suceso, Peñaloza habrá despavorido por aquellas asperezas, con unos 15 hombres, sin que nadie se le quisiera reunir, porque todo hombre de alguna importancia, habla de él antes de ese suceso, y después se reúnen a los nuestros, hasta aquellos que eran sus más adictos. (...)"

"No sabemos para adonde puedo huir el Chacho, puesto que nuestras fuerzas ocupan todo el Oeste, Norte, Este y aun el

⁷ Ibid.

⁸ Ibid.

SUR. Tiene que esconderse en las fragasidades de los cerros y bosques de La Rioja, porque no es difícil que caiga en nuestras manos en atención a que, como nunca, nuestra causa cuenta con muchos y decididos partidarios. En pocos días más toda la provincia de La Rioja estará completamente pacificada." 9

~~A~~ previsão do comandante, no entanto, não se cumpriu. Apesar da opinião sobre o crescente prestígio liberal em La Rioja e da total derrocada do caudilho rebelde, em carta de 27 de maio Paunero reitera a Mitre a via conciliatória como solução para a questão riojana:

"Entretanto, las operaciones siguen en los Llanos, y no sería extraño que nos diera por resultado la captura de Peñaloza.

Es tan difícil conseguir eso, que estamos de acuerdo con M. Paz en indultarlo, señalándole un punto de residencia fuera del país, lo que es difícil que quiera, o bien aquí en Córdoba o Buenos Aires, señalándole el sueldo de su clase. Si Peñaloza compromete su palabra, es seguro que la cumplirá, y yo no creo imposible el que usted pueda herir su imaginación, a punto que lo convierta usted en un farioso partidario suyo, como ha sido de Urquiza y el general Lavalle. Por lo demás, si no se consigue esto o el tomarlo para tenerlo ahorrojado, lo que diría no bien con la política blanda de nuestro partido, mucho más en estos momentos de vía constitucional, de seguro que la tranquilidad de La Rioja y de las provincias limítrofes dependerá de un hilo y estará siempre a merced de este hombre singular." 10

Este parágrafo de Paunero mostra o reconhecimento de várias qualidades do caudilho. Primeiramente, sua capacidade de mobilização em La Rioja e a possibilidade de subverter a ordem em todo o norte (esta falando de alguém que, conforme a carta anterior, fugia com apenas 15 comandados). Segundo, reconhece

9 Idea, Tomo XI, n. 2558, pag. 59

10 Idea, Tomo XI, n. 2559, pag. 61

que um acordo estabelecido sobre bases aceitáveis pelo caudilho seria cumprido; observava-se que, apesar da insistência em des-território de La Rioja, já se pensa em mantê-lo em território na-
cional, além de ser-lhe reconhecido o caráter de beligerante, na medida em que se preserva a patente militar e o respectivo
soldo.

Exatamente um mês após ter dado a auspíciosa notícias do fim da "montonera" chachista, Paunero recebe uma alarmada missiva do governador de San Luis a capital da província for-
sitiada pelas tropas de Peñaloza, muito expressivas em relação às milícias acantonadas em San Luis, tendo se livrado da ocupação por um tratado privado feito com Peñaloza, para o qual per-
dia o aval do governo nacional:

El gobierno comunica a U.S. que el dia 21 del corriente, & las 8 de la mañana, el general Peñaloza, con mil seiscientos hombres & sus órdenes, después de haber atravesado impáVIDamente los departamentos 6, 7 y 8 de la provincia, apareció en los suburbios y asedió esta ciudad... (....)

"Los hombres de nuestra campaña, cuya propensión habitual es la del vandaleje (tal es la corrupción que ha incurrido en las masas la omniosa administración Berqui) al solo pisar del general Peñaloza el territorio de esta provincia, se han plegado a él, en hostilidad al gobierno y han aumentado la división, hasta más de la mitad de la fuerza que hoy arrastra." 11

Segue-se uma cópia do convénio estabelecido pelo go-
verno de San Luis com Chacho Peñaloza:

"Despacho el Gobierno de la provincia y el general Peñaloza poner término a la azorosa situación presente, no por medio de las armas, y si por los conciliatorios, han convenido en lo siguientes:

11 Idee, Tomo XI, n.º 2572, pag. 188.

1. El sometimiento del general Peñaloza con las fuerzas de su mando al Gobierno Nacional, representado hoy por el señor Brigadier general D. Bartolomé Mitre, por encargo de todas las provincias.

2. La suspensión de todas las hostilidades entre las fuerzas beligerantes.

3. El alejamiento del general Peñaloza y sus fuerzas de esta capital a un punto de esta provincia que él elija, cuya distancia no podrá ser menor de veinte leguas, donde podrá permanecer hasta recibir órdenes del señor general Mitre.

4. Bajo estas condiciones el Gobierno se compromete a obtener del Exmo. Gobierno Nacional, brigadier D. Bartolomé Mitre, una amnistía general para el general Peñaloza, sus jefes, oficiales y tropas, a fin de que puedan regresar, garantidos a sus hogares.

5. El Gobierno proveerá a la fuerza del general Peñaloza de los reses necesarias para el consumo; interim se obtiene la contestación del Gobierno general, dándole además la suma de mil pesos para que sacorra a sus tropas.

6. El Gobierno se dirigirá también a los señores jefes, general Paunero y coronel Rivas, Sandes, Ruiz, Icaés y Loyola, adjuntándoles un ejemplar de estas estipulaciones, y empleando su influencia para que, con arreglo a ellas, suspendan sus hostilidades, cada uno por su parte.

7. Este Gobierno decretará un indulto general para todos los individuos de esta provincia que hubiesen tomado las armas contra las autoridades del país en la actualidad." 12

Na carta de 2 de maio de 1862 em que Paunero comunica a Mitre os sucessos de San Luis, consentia amargamente as dificuldades das tropas nacionais para cercar e derrotar definitivamente Chacho Peñaloza:

"Si consigues /Chacho/ volverse à La Rioja, ha de ser precisa tratar con él sobre la base de dejarlo en su casa, porque yo pregunto Quién lo saca? (...)"

"Esto toca à su término, porque no podemos andar eternamente corriendo el

12 Idem, Tomo XI, n. 2873, pag. 51.

*Chacho en los bosques de La Rioja.*¹³ 13

O episódio de San Luis, apesar de não ter representado a pacificação pretendida, mostrou um avanço em vários sentidos. Há o reconhecimento por parte do governo nacional de sua incapacidade em manter seus governantes provincianos sem a pressença das forças armadas, que não podem por outro lado controlar todos os movimentos das "montoneras". O Chacho derrotado com apenas 15 seguidores torna-se em um mês comandante de 1400 homens armados, sendo capaz de obter um acordo vantajoso para si. Parece bem claro, também, que a proposta da peonada nas províncias era claramente favorável ao caudilho, visto que o recrutamento ocorre na própria província invadida. O acordo com o governo de San Luis afirma ainda uma nova tendência nas negociações com Chachos: o reconhecimento de seu caráter de beligerante e de seu cargo como general da nação. Isso implicava aceitar sua liderança em La Rioja, tentando não mais eliminá-lo mas cooptá-lo para afiangular a nova organização nacional no norte argentino.

Depois do cerco de San Luis, Pefalozza volta com a "Montonera" para o território riojano, sempre evitando combates diretos e preferindo as escaramuças ocasionais que desorientavam o exército nacional. Em carta de 9 de maio, Paunero escreve ao secretário-geral Gutiérrez sobre as dificuldades em neutralizar o caudilho:

*"El silencio de Rivas se hace creer que no ha tenido un día de sosiego que se ha engolfado en la persecución, porque el Chacho ha ganado otra vez su madriguera de La Rioja."*¹⁴ 14

13 Idem, Tomo XI, n. 2571, pag. 87.

14 Idem, Tomo XI, n. 2573, pag. 92.

Mais tarde, em 31 de maio, em carta a Mitre o general Paunero informa uma vez mais as bem sucedidas manobras dos "montoneros" chachistas contra o exército nacional e a evolução das negociações:

"Ayer tarde recibí cartas de Rivas del 22, desde Catuna, donde reagrupaba sus fuerzas y donde esperaba resultados de la misión Vedoja en el campo de Peñaloza. Yo supongo que han de ser favorables, porque pocos días antes le había dirigido Peñaloza una carta muy atenta a Rivas, en que lo interpelaba sobre sus disposiciones de entrar en arreglos, y este venía apoyado en la remisión que le hacia a Sandes del capitán Fonsalida y cuatro oficiales más sanjuaninos que una partida de 40 hombres de Peñaloza había sorprendido en Jáchal, que con 25 hombres tenían doscientos caballos magníficos que Sarmiento mandaba a Sandes, habiendo caído todos, hombres y caballos en poder del Chacho." 15

No final de maio de 1862, Mitre e Paunero conseguem impor aos liberais mais "duros", como Sarmiento, e aos caudilhos que disputavam a Peñaloza o controle político do norte argentino, como os santiagueiros Taboada, a necessidade de pacificação com Chacho. Mesmo os coronéis mitristas, como Rivas e Sandes, ciosos de seu prestígio militar abalado pela campanha, estavam dispostos a encerrar o ciclo de combates, que não parecia ter solução visível a curto prazo.

Em 30 de maio de 1862, o representante de Paunero ajustava com Peñaloza o tratado de La Banderita. Esse convênio era constituído por dois documentos: uma comunicação de Peñaloza manifestando sua disposição em acatar a autoridade nacional e deposição de suas armas, justificando sua aventura militar pelas agressões que sofrera, e uma carta de Paunero ao caudilho

15 Idea, Tom XI, n. 258), pag. 51.

em que aceitava o acordo. O governo nacional reconhecia os direitos de Chacho como belligerante, garantindo sua vida e propriedades, bem como de seus partidários. Fundamental em relação às intenções anteriormente manifestadas em relação ao caudilho foi a questão das armas. Pelo tratado de La Banderita, Peñaloza se comprometia a desarmar sua gente, entregando as armas ao governo de La Rioja; porém o mesmo convénio dispunha que o caudilho pudesse manter as armas nos Llanos riojanos, com o fim de "pacificar" totalmente a província e assegurar a ordem nacio-

nai. 16

O tratado trazia vantagens mútuas. Aquilo que Paunero pretendera, transformar o caudilho num aliado, somente fora conseguido quando se garantira a Peñaloza sua condição de comandante da província, mantendo-se sua residência e suas tropas armadas. Concertava-se a ideia de pactuar com as lideranças regionais, e restaurava-se a Chacho como verdadeiro chefe provincial, a despeito das rivalidades com os vizinhos Taboada e Barnimento.

Em vários documentos entre as autoridades nacionais está evidente a satisfação do governo com o acordo obtido. Em carta a Mitre de 5 de junho, informa o general Paunero:

"Los asuntos de La Rioja quedan completamente terminados y el general Peñaloza satisfecho, como verá usted por los documentos adjuntos... (....)"

"Nos resta sólo felicitarlo por el término de la guerra y por la esperanza, bien fundada, de que el Chacho será en manos de usted un instrumento útil al partido liberal." 17

Datada em 15 de junho, há uma carta do coronel Rivas,

¹⁶ Ver Jorge Meletón, "Ángel Vicente Peñaloza - El Chacho" (Buenos Aires, Plus Ultra, 1973) pag. 99-100.

¹⁷ Archive de Nitre, Tomo XI, n. 2585, pag. 107.

o mais encarnizado perseguidor de Peñaloza durante a campanha de 1862, onde o militar escreve a Mitre sobre sua convicção no acerto da conciliação com Chacho:

"La campaña a Los Llanos de La Rioja toca ya à su término, y dentro de muy breves días emprendo mi marcha para Córdoba. La comisión del doctor Uedoña ha tenido un buen resultado, y à mi juicio esto no podrá terminar de otro modo, à menos que usted se resolviese a dejarnos por aquí un año. Esta gente tiene una especie de adoración por Peñaloza. He tenido el honor de conocerlo y he estado dos días con él y sus foragidos, y he podido penetrarme de esa verdad. Sin tener la pretensión de darle consejos, permítame, señor, que le diga que la única garantía de orden y tranquilidad en el interior es Peñaloza; sin él nadie se moverá, y está en la mejor disposición en servir a usted. El no entiende de prestar sus servicios al Gobierno Nacional, sino a usted; y está dispuesto a hacer lo que usted quiera, y no dudo le servirá lealmente. No crea que la influencia de Peñaloza se reduce à esta provincias; todas las demás circunvecinas es lo mismo, y de todas ellas le claman porque vaya. En el interior nadie puede con este hombre; él solo cambia los gobiernos, porque las masas no siguen sino a él. (...)"

"Así, pues, no hay más hombre que contenga las masas brutas en estos pueblos que Peñaloza; por otra parte, estas gentes son tan atrasadas atm que no pueden vivir sin un caudillo, porque no entienden de leyes ni de nada, sino del amo, pues así están acostumbrados desde que han abierto los ojos. Peñaloza en manos de Urquiza y Bergaí, era un malísimo elemento, pues se servían de él para oprimir los pueblos; pero en manos de usted serviría para dar estabilidad a los gobiernos y quietud a los pueblos. Soy de opinión que si usted no utilice los servicios de Peñaloza, ha de tener muchos dolores de cabeza con las provincias del interior." 18

Reforçando a opinião de seu subalterno, Paunero escreve em 24 de junho a Mitre, reforçando a importância de con-

18 Idem, Tomo XI, n.2684, pag. 261

tar com Peñaloza para manter o norte argentino tranquilizado:

"Veo que le preocupa que en el arreglo hecho con Peñaloza se consiente en que quede en La Rioja, encargado de pacificarla. Crea usted que no ha podido ser de otra manera, aun cuando Peñaloza está dispuesto a salir a Tacuarembó otra parte si usted aconseja amistosamente lo ha ofrecido, así es muy fácil que usted se lo encargue a Baltar y yo pregunto: quién contiene las bandas de llanistas que unidas a las montoneras de la Punta se levantarían como por encanto, o más bien, seguirían el en estado en que quedaron al terminar la guerra?

Sería Tristán Dávila, el mejor de nuestros amigos, quien ha podido apenas concordir con 20 al socorro de La Rioja? Crea usted una verdad: nuestros amigos son incapaces de conservar el orden en La Rioja sin la cooperación del Chacho; es una triste verdad que es necesario no dudar. Ahí irá Vedoza que le dará a usted cuenta minuciosa de aquello que él ha tocado y palpado. Rivero lo conoce, a punto que tiembla ante la idea de tener que hacer nuevas correrías en los Llanos. Por otra parte, Baltar, Vedoza, Rivero y todos se pelean con cuantos los dicen que Peñaloza pueda ni remotamente faltar a sus compromisos y que cualquiera que sea la posición que ocupe, es incapaz de abusar de ella para maltratar nuestros amigos, quienes con el Chacho más bien que solos están llamados a ejercer la preponderancia que está reservada a la parte inteligente de la sociedad." 19

Nas duas cartas transparece a realidade das províncias para os militares portenhos. Sem contar com as lideranças naturais do interior, era extremamente difícil compor uma unidade nacional. Simplesmente nomear liberais como governadores não garantia, mesmo com o uso das forças militares, uma situação de aptidão ao governo central. A guerra patrocinada pelas tropas portenhos, apesar de utilizarem todos os melhores recursos disponíveis, sucumbira à tática da "guerra gaucha", que

19 Idea, Toso XI, n. 2590, pag. 118.

contava com melhor aproveitamento das condições do terreno, dos suprimentos e da continuada renovação de seus efetivos pela população do campo.

A ideia de um pacto político que preservasse às lideranças regionais o controle político de suas esferas de ação, somente se concretizaria anos mais tarde no chamado Estado Oligárquico. Porém, a noção de que apenas satisfazendo as autonomias locais se chegaria a um acordo político dos grupos dominantes e que o fim do caudilhismo estaria dependente da sua cooptação pelo governo nacional já estava presente. Esse aspecto está bem claro numa carta de Mitre para o coronel Rivas em 4 de julho de 1862:

"...hubiera deseado que la cuestión hubiese terminado más radicalmente, aunque comprendo que a un pueblo es necesario gobernarlo con los elementos que tenga, utilizando para el fin hasta los malos elementos en cuanto no comprometen lo mismo que se quiere salvar y que teniendo esa República Argentina, como Dios y los hombres la han hecho, debemos con la ayuda de Dios y valiéndonos de los hombres que ella encierra, procurar organizarla lo mejor posible, dándole cuanto antes la paz, de que tanto necesitas que la paz ha de matar al fin los caudillos." 20

O período em que Chacho volta à província prenunciava uma pacificação definitiva. Evacuadas as tropas nacionais, estava sob responsabilidade do caudilho o controle das milícias armadas e a imposição da ordem. Para tanto, Peñaloza nomeou um seu lugartenente, o coronel Felipe Varela, como comandante geral da província, tratando de neutralizar os muitos bando armados que cruzavam pelos Llanos. Chacho, por seu lado, volta

20 Ideas, Tomo XI, n.º 2885, pag. 263.



sua estância de Guaja, onde permanece exercendo as funções de magistrado, de governante de fato de La Rioja.

Ao longo do ano de 1862, no entanto, surgem novos problemas para a pretendida aliança de Peralta com o governo. O primeiro e principal dizia respeito à caótica situação econômica da província. Em outra oportunidade observamos que o pretendido pacto oligárquico baseava-se numa dupla concessão por parte dos governos nacionalist autonomia política, garantindo às oligarquias não-exportadoras a manutenção de seus poderes regionais, e vantagens econômicas, através de uma redistribuição de direitos aduaneiros e na conversão dos débitos das élites interioranas em dívida pública. A situação de estagnação econômica de La Rioja, que havia sido em parte remediada pela reativação do comércio chileno no período do governo de Urquiza, somava-se o imenso dano causado pela guerra. Com a província assolada pelas tropas nacionais, que além do abastecimento natural costumavam praticar habitualmente o saque, mesmo os pertencentes à canaada dos proprietários sofriam agressões econômicas. O próprio Peralta necessitou cobrar soldos militares atrasados para resolver problemas pessoais. A única solução visível era tomar empréstimos junto ao governo, o que é tentado pelo caudilho. O general Paunero, empenhado na duração do tratado de paz, cumpre com Mitre em carta de 16 de agosto de 1862:

"Veo que sus conferencias con Bedoya han producido el efecto que se proponías hacerlo afirmar a usted en su propia idea de que lo hecho en La Rioja era la más racional que hacerse podía, del mismo modo que en cuanto ha dispuesto usted en orden al colegio nacional de Córdoba.

Como habrá visto usted por mi anterior, se hace ya necesario que lo que se dice usted respecto de enviar dinero a Peñaloza se haga cuanto antes. Saltar me lo pide encarecimiento, en carta reciente que me escribe de La Rioja. Es necesario acabar de conquistar de una vez el espíritu del Chacho, & fin de que no se vaya a complicar este caudillo en el enredo de Santiago y Tucumán, en caso que lleguen a tomar cuerpo las desavenencias que las dividen, cosa está en peligro de suceder." 21

Outro problema, derivado do anterior, dizia respeito à retomada, em função da miséria econômica, das práticas tradicionais de invadir territórios de outras províncias ou atacar as propriedades das pessoas que tinham sido adversárias politicamente. Sem apoio econômico era impossível a Peñaloza controlar todos seus antigos chefes. O temor maior era sentido pelos governadores impostos por Buenos Aires que não contavam com as populações locais, dependendo sua segurança da presença de tropas portentosas. Especialmente Sarmiento, governador de San Juan, feroz oponente do caudilhismo e defensor de seu extermínio "mánu militari", repetidas vezes manifestou seu desgosto pelo acordo com Peñaloza. Convencido de acerto em manter Chacho como responsável pela ordem em La Rioja, ao mesmo tempo em que denuncia os gastos governamentais para manter tropas acantonadas nas províncias, Paunero escreve para Mitre em 27 de julho de 1862 dando conta dos temores que os vizinhos têm da presença de Peñaloza:

"En San Juan el asunto es por el mismo estillo, donde el tesoro nacional ha sido prodigo en dar vestuario, armas y equipo a los guardias nacionales, que sólo estuvieron ocho días acuarteladas, y sólo han vestido - tenga usted presente - cuatro

21 Idep, Tomo XI, n. 2842, pag. 100.

compañías bajas, del tercer batallón de líneas. Ya me preguntaba como era aquello de caballos, mulas herredax, fusiles, municiones, sables y tanta aparata, y pobre de mí no atinaba que las armas salían de la sacristía.

Tanto los de Mendoza como Sarmiento están mudos después de los tratados con el Chacho, porque indubitablemente querían y quieren que se los dejen colgado en alguna de sus plazas, olvidando que si nosotros no hemos podido poner cascabel al gato, menos pueden ellos, que temblaban à la sola idea que asomase el extremo de sus fronteras." 22

Puñero confiava que as denúncias de abusos por "monotóneros" riojanos se deviam a fatos isolados, sem que estivessem por detrás qualquer atitude de quebra da paz estipulada por Peñaloza. Esse era no entanto o temor dos liberais provincianos, como na carta do governador Villafañe para o general Puñero em 22 de setembro:

"El gobierno de la provincia de La Rioja se hace el honor de dirigirse á U.E., poniendo en su conocimiento que, en la tarde del 19 del corriente ha sido aprehendido el señor comisionado de esta provincia, coronel don Tristán B. Davila, en el lugar del Rosillo Muerto, situado en el camino corrillo de esta ciudad para la provincia de Córdoba, por una partida de hombres armados, á las órdenes del bandido Lucas Llanos, en el departamento Costa Baja, de los llanos de esta provincia.

Como este suceso puede alterar en algas tanto la tranquilidad de la provincia y comprometer la de las demás de la República, porque á la vez no puede ni creer mi Gobierno ser hecho aislado, el infrascrito se hace un deber de comunicar á U.E. para que tome las medidas que juzgue convenientes." 23

Lucas Llanos era um dos mais importantes chefes militares de Peñaloza. E visível a desconfiança da autoridade nomi-

22 Idea, Tomo II, n. 2624, pag. 159.

23 Idea, Tomo XI, n. 2650, pag. 214.

rial da província, recorrendo diretamente à mais alta autoridade militar do exército nacional, em relação ao efetivo comandante de armas de La Rioja. As preocupações com os comandados de Chacchao não afetavam a tranquilidade de Paunero, que assim escrevia a Mitre em 9 de outubro:

"Dijo a usted en mi anterior, y lo repito que no creo en novedad ninguna de balto en los Llanos. No hay más que la banda de Ontiveros, que ha cometido algunos robos y asesinatos en la provincia de San Luis, por lo cual he dirigido cargos amistosos, pero serios, al Chacho, y tengo fundados motivos para creer que si eso no ha desaparecido, debe desaparecer pronto..." ²⁴

Pablo Ontiveros era outro dos principais oficiais de Peñaloza. Não contando com recursos para rearticlar economicamente a província, Peñaloza fazia vistos grossos para as incursões de seus comandados. De qualquer forma, mantinha Paunero informado de suas medidas de dissuassão em relação aos atentados de seus oficiais, não denotando intenção de colocar-se novamente na liderança de um movimento armado contra o governo nacional. Assim atesta Paunero em carta a Mitre em 22 de novembro de 1862:

"En resumidas cuentas son las últimas comunicaciones cambiadas con el Chacho que vienen a confirmar cuando he asegurado a usted anteriormente, a saber: que el Chacho no se mueve por nada, menos en el sentido de una rebelión, y que las pretendidas montoneras de La Rioja, que tanto han alarmado a los gobiernos de San Luis y Córdoba, se han reducido a una ó dos partidas de ladrones que allí jamás faltan, mal armadas y peor montadas..." ²⁵

No entanto, essa situação acabaria desencadeando a última das intervenções militares de Peñaloza. A liberdade que

²⁴ Idem, Tomo II, n. 2659, pag. 215.

²⁵ Idem, Tomo II, n. 2667, pag. 228.

exigira no trato das questões Riojanas, incluídas aqui as atitudes punitivas em relação aos seus comandados, não admitia a interferência pretendida pelos liberais mais duros. Enquanto foi possível manter-se como a única autoridade a julgar, Chacho respeitou o tratado e se manteve "riojanamente bien". A principal falha do governo Mitre foi não ter-lhe dispensado os recursos necessários para evitar que sua gente voltasse aos sacques de adversários dentro ou fora da província. Ontiveros, Llanos, Chumbita e outros tiveram suas propriedades arrasadas pelas guerras, e o próprio Pestalozza enfrentou dificuldades econômicas. Por outro lado, se Chacho tivesse reprimido severamente seus principais oficiais, deixaria de ser o principal caudilho da La Rioja justamente por representar o setor dos proprietários lamenistas tinha Pestalozza seu grande prestígio na província.

Assim, quando após uma incursão feita ao território de San Juan o governador Sarmiento exige a entrega de seus chefiões, o governo provincial de La Rioja encaminha o pedido ao próprio Pestalozza. Este, por seu lado, nega-se ao cumprimento da exigência, alegando que tais individuos eram bons e fiéis amigos, que bem orientados poderiam trazer benefícios à nação. Aumentaram as pressões sobre Mitre, interpretando a posição do caudilho como insurreição e desrespeito ao pactuado em La Bandera, culminando com a escolha do próprio Sarmiento como Director de la Guerra. Desse momento em diante, estava claro que seria uma guerra sem quartel: Chacho não poderia mais contar com o bengalista nacional para organizar a sua província, tam-

pouco o governo nacional aceitaria um novo acordo com um líder que manifestava tanta independência.

Em abril de 1863, Peñaloza, ao mesmo tempo em que divulga uma "proclama" aos riojanos, escreve a Mitre expondo suas queixas em relação ao governo nacional, assumindo o comando da "montonera". Usando o mesmo plano da campanha anterior, com pequenas "partidas" que isoladamente acometem e rapidamente se escondem, dispõe seus vários comandantes - Chumbita, Varela, Angel, Ontiveros, Llanos, Puebla - em distintos pontos do território riojano, de onde fazem incursões a Catamarca, Córdoba e San Luis. Temendo a expansão do movimento chachista, os governadores provinciais aceitam a intervenção dos Tropas de Santiago, que criam uma força irregular para combater Peñaloza. Há uma troca grande de comunicados entre os governadores visando localizar as "montoneras" do Chacho.²⁶

Fugindo às perseguições, Peñaloza entra sem ser esperado em Córdoba e, surprendentemente, em 27 de maio de 1863 toma a capital da província, a segunda cidade da Argentina. Na tradicional Córdoba permanece por duas semanas tentando estabelecer contato com Urquiza. Havia por parte do caudilho esperança de que o retorno de Urquiza em Entre Ríos nada mais era que tática visando esperar o momento certo para derrotar as forças portenhelas. Seu papel, no caso, seria de secundar o comandante criando o máximo de dificuldades para as tropas nacionais e desviando suas atenções de que presumia seria uma entrada decisiva do entrerriano. Há duas cartas de Chacho para Urquiza, que interceptadas motivaram preocupações quanto ao envolvimento do

²⁶ Archivo Histórico de La Rioja, documentos n.29, n.32, n.33, n.40 e n.272.

último. Escrevendo a Urquiza em 25 de junho de 1863, se manifestava Mitre:

"Adjunto a U.E. originales las comunicaciones interceptadas por una de los Fortines avanzados de la Frontera Norte de Santa Fé en que bajo la cubierta de Carriego se dirigían a U.E. y otras personas varias comunicaciones oficiales y confidenciales escritas por los revolucionarios de Córdoba. Entre esas comunicaciones va una del Gobierno revolucionario de aquella ciudad, dos de Peralta, y una al Ministro Leiva de su hijo.

Esas comunicaciones han venido a confirmar mi juicio respecto de la buena fe con que U.E. procedía pues de ella se deduce que U.E. no los ha alentado a la revuelta, ni autorizado levantar su nombre como bandera, no obstante algunas referencias en las comunicaciones de Peralta que podrían hacer creer lo contrario no estando en antecedentes como lo estoy yo." 27

Novamente accasado pelas tropas nacionais, Peralta retorna ao território dos Llanos, desmormenteando sempre seus perseguidores. Há uma página de Sarmiento, principal chefe de operações na campanha contra Peralta, que testemunha o passo das autoridades nacionais com a capacidade de resistência do caudilho riojano:

"Desde ese día principia el acto más heroico, más romanesco que las crónicas de la montonera recuerdan. Algunas cualidad verdaderamente grande debía de haber en el carácter de aquel viejo gaúcho, si no era nativa estalidez, como la terquedad brutal que a veces pasa plena de constancia heroica. Batido toda su vida en sus algaradas, derrotado esta vez en Lomas, en Las Playas, destruidas sus esperanzas de cooperación en Córdoba, San Luis, Catamarca y Mendoza, esperado a su regreso por Bredondo, su escuanimidad no se abate en un momento y perseguido "a outrance" haya,

27 "Correspondencia Mitre-Urquiza: 1860-1868" (Buenos Aires, Museo Mitre, 1984), vol. II, pag. 66. Sobre o assunto, há também uma carta de Mitre para Urquiza de 21 de maio de 1863 no Archivo General de la Nación, Legajos de Urquiza, Tomo 256, doc. 19-20-21.

buys, buys siempre pero sin perder los estribos. Toca la frontera del norte de La Rioja, la sigue al este hasta encontrarse con la cordillera de los Andes que le ofrece paso para Chile; pero lejos de aceptar ese medio de salvación, recorre sus faldas orientales, vuelve hacia el este por la frontera de San Juan, y llega, después de haber recorrido en cuadro la provincia, al punto desde donde habla partido quince días antes, dejando a sus perseguidores a oscuras otros quince días sobre su paradero y asombrados y desconcertados al saberlo, después de haber destruido sus cabalgadas y encontrándose casi bloqueados en la ciudad de La Rioja...”²⁸

Durante agosto e setembro as “montoneras” de Chacho permanecem fustigando o exército nacional em vários lugares, em grupos pequenos, desconcertando sempre as informações sobre seu paradeiro. Parece ter havido uma tentativa de aproximação do caudilho com Faustino, visando uma nova pacificação. Agora, porém, a guerra era “de polícia”; Barniento, o Director de la Guerra, sempre havia sido contrário ao tratamento dado a Peñaloza como beligerante. Na sua idéia de impor o liberalismo sem contemplações com o caudilhismo, “sin ahorrar sangre de gauchos”, Peñaloza deveria ser desqualificado como criminoso comum e como tal receber punição. Respondendo a uma interpelação escrita de Chacho, respondeu assim o sanguinário em 2 de setembro:

“Líbname Ud. general de la nación, y con este título se dirige a un gobierno. Obedece Ud. al presidente de la nación, manteniéndose en armas? El ser o haber sido general le da a Ud. títulos para reunir fuerzas?”

“No tiene Ud., paix, disculpa. Caso general de la nación fue Ud. traidor y rebelde, sin que hasta ahora haya padido ni pretendido alegar un cargo contra el presidente de la República que le conservó ese título de general y que contó con la

²⁸ Ver de Domingo Faustino Sarmiento “El Chacho” in “Vidas del Chacho” vários autores (Buenos Aires, Redelio Alonso Editor, 1973), pag. 147.

Isaltad que Ud. le debía. (...)"

"Puede Ud. estorbar a sus compañeros Pueblas, Lisoño y otros que en medio de la paz invaden las campañas de Córdoba, y San Luis; Varela o Angel a Catamarca? Y si puede hacerlo, por qué no lo hizo en abril, cuando Ud. era general de la nación y gozaba del prestigio que sobre esos cabecillas le han quitado sus derrotas continuas y su incapacidad de hacerse respetar? (...)"

"Sería vergonzoso que Ud. solo contra la vontud de las gentes honradas, abre, a fuerza de destruir propiedades, paralizar el comercio y mantener la alarma, un cambio de la situación política en el país. Ningún gobierno puede reposar sobre tan desdorosa base, y el gobierno nacional abdicaría todo sentimiento de deber y de honor si consintiese en que ahorrar sacrificios, prevaleciese ese sistema de irrupciones a las otras provincias acudidas por el primero que lo intente." 29

Nesse texto de Sarmiento fica claro que para Peñaloza era impossível a transformação em um "caudilho de novo tipo". A adesão ao sistema político proposto por Mitre, e que receberia a adesão de caudilhos como os Taboada e o próprio Urquiza, deveria ser recompensada com vantagens também econômicas, única maneira de evitar as investidas predatórias dos chefes militares arruinados. Peñaloza não saiu em campanha por incapacidade de controlar seus comandados; ele assumiu o comando das "montoneiras" por ser a única forma de sobrevivência que naquele momento havia para os proprietários llanistas.

No final de outubro de 1863 aconteceu a última e decisiva cartada para Chacho. Quando todos a esperavam em agôa sobre Catamarca, o caudilho apareceu com 1200 cavaleiros praticamente às portas de San Juan, onde se encontrava Sarmiento

29 Sarmiento, obra citada, pag. 159-163.

com poucos soldados. Esta manobra, que poderia dar-lhe uma condição semelhante àquela que precedeu o tratado de La Banderita, foi frustrada pela chegada de uma tropa de abastecimento vindas de Mendoza. De volta a La Rioja com poucos sobreviventes, Peñaloza iniciaria sua trajetória final de fuga. Alcançado na aldeia de Oita em 11 de novembro, o caudilho foi executado sumariamente. Simbolicamente, teve sua cabeça cortada e colocada na ponta de uma lança, para "escarmiento" de eventuais seguidores. O "general de la nación" encerrava sua carreira como se fosse bandoleiro comum. Irrazábal, que comandava a força do governo que aprisionou Peñaloza, notificou assim seu final:

"...resultando que Peñaloza estaba en Oita con una pequeña fuerza, con intenciones de tener una nueva reacción. A la misma hora emprendió la marcha, y el día 12 en la madrugada llegamos a esta a gran galope y en el acto de llegar fué sorprendido el titulado General por el Comandante Veras en el momento fué pasada por las armas, tomándose también diez y ocho prisioneros, habiendo seis muertos incluyendo dos Capitanes. También se tomó prisionera a la mujer de Peñaloza y un hijo adoptivo; concluyendo por colgar la cabeza de Peñaloza en esta plaza de Oita." 30

O passamento de Peñaloza pelas armas, longe de trazer o "escarmiento" pretendido, iniciou uma tradição martiriológica para o caudilho, que traria consequências sérias para o governo nacional ainda na década de 1860. Por outra parte, como temia Pauriero na primeira campanha de Peñaloza, os custos para manter o controle militar de La Rioja se tornaram elevados. Foram deslocadas forças e oficiais quase que permanentemente na proví-

30 Archivo Histórico de La Rioja, documento n.º 41.

cia, e a perseguição de partidários de Chacho raramente pouparava vidas e propriedades. Isso acentuaria o caráter opressor do governo nacional, trazendo para a população o sentimento de que seus antigos caudilhos realmente proporcionavam proteção e se empenhavam pelo interesse de todos habitantes. Por outro lado, vários dos oficiais de Peñaloza, todos eles com sólidas raízes nos Llanos, escaparam às perseguições, exilando-se em outras províncias ou no Chile. Assim que as condições permitissem, eles voltariam na "montonera" acaudilhada por Felipe Varela.

Das "montoneras" de Peñaloza podemos deduzir algumas evidências e responder algumas perguntas. Primeiramente, não se pode considerá-las como um movimento de restauração do federalismo tradicional; não havia em Peñaloza nenhum ideário político definido no sentido de uma organização nacional, e sim a intenção de preservação de uma autonomia regional, que não passava por um processo de institucionalização. Um governador de província indicado pelos liberais portenhos não lhe perturbava desde que não interferisse em suas medidas de fato. O acordo que o manteve em La Rioja com suas tropas armadas "a serviço da ordem nacional" é prova disso. Peñaloza na década de 1840 havia combatido ao lado de unitários convictos, como Lamadrid e Larvalle, obviamente sem pensar na solução dos problemas nacionais a partir de um projeto centralizadora; a identificação na conferência rosista de mais uma manobra portenha de dominar as províncias o levaram a combater na "Coalición del Norte". Protegido pela amizade do sanjuanino Bertravidéz permaneceria exercendo o poder de fato em La Rioja sem preocupar-se mais com Rosas. Da

mesma forma adere a Urquiza após Caseros, adesão esta que se solidificaria na medida em que a província se beneficiou economicamente durante o período de Confederação. A ruptura com Mitre não foi o resultado direto da vitória deste em Pavón; a incapacidade portenha de articular os diferentes interesses provincianos, priorizando atenções aos seus aliados Taboada — que pretendiam estender sua esfera de dominação de Santiago para todo o norte — ou a liberais emergentes como Sarmiento, levaram Peñaloza à guerra.

Um segundo ponto a destacar diz respeito às condições estruturais das províncias. A estagnação econômica proveniente do modelo de acumulação desenvolvido por Buenos Aires deixava poucas aberturas. Uma delas era a injeção de recursos àquelas províncias em pior situação, via transformação das dívidas de seus principais proprietários em dívida pública. Aqui também houve fracasso governamental. Apesar das instâncias de alguns, como Paunero, Peñaloza não recebeu o apoio econômico que, se não constava no tratado de paz, era uma expectativa concreta. Impossibilitados de refazer suas atividades econômicas, os chefes Planistas recorreram à velha prática de assolar províncias vizinhas. Na ausência de um sentimento "nacional", não há delito na invasão de propriedades alheias em outras províncias. Para Peñaloza era impensável interferir nestas atividades, que significavam a solução palliativa encontrada pelos seus comandados.

Finalmente, a capacidade de resistência do caudilho nas condições aparentemente desiguais da luta. Seu aprendizado

nas lutas com Facundo Quiroga mostrara-lhe as vantagens da "guerra gaucha" nos acidentados terrenos do norte. As vantagens da guerra de movimento, facilitando o abastecimento dos seus soldados enquanto dificultava o dos adversários, e possibilidade de reunir adeptos em diferentes regiões enquanto o recrutamento pelo exército nacional implicava em enormes perdas e grandes custos, eram-lhe bastante familiares. Evidentemente que isso sóeria possível nas condições concretas como se estabeleceram as relações de produção no campo. Servir militarmente aos proprietários lamenistas, e por extensão ao seu principal representante, era parte do cotidiano da população rural. Por outro lado, a guerra sem quartel movida pelas tropas nacionais representava aos habitantes da campanha uma agressão aos seus escassos bens, e o caudilho era a única possibilidade de sobrevivência. Pefalozza aparecia aos olhos dos peões como um "gaucho" que os defendia da opressão de inimigos que vinham saqueá-los em benefício de interesses distantes.³¹

Esta sua capacidade de mobilização, que será discutida no próximo capítulo, obrigaria as lideranças pertencentes mais atiladas a procurar sua cooptação, mesmo contrariando alguns aliados importantes. A mesma capacidade trouxe, ao final, como única solução para o problema riojano o exterminio do principal chefe e a manutenção de La Rioja sob controle das tropas nacionais para impedir o ressurgimento da "montonera".

³¹ Sobre as arbitrariedades cometidas pelo exército nacional - saques, incêndios, homicídios, torturas, etc. - vé a obra de Ricardo Mercado Luna "Los coronéis de Mitre" (Buenos Aires, Plus Ultra, 1974.)

"Ahi viene Varela" (1866-1867)

Apesar das medidas tomadas, os "montoneros" de La Rioja reapareceriam em 1866, desta vez sob as ordens do coronel Felipe Varela, um dos principais oficiais de Chacho Peñaloza. Os dados sobre a extração social do coronel Varela, apesar de mais vagos que os de Peñaloza, não são muito diferentes. Varela era natural de Catamarca, mas desde a infância vivera em propriedades da família em Guadancol, nos Llanos riojanos. A trajetória militar de Varela, jovem de 20 anos, inicia na referida "Coalición del Norte", onde os principais estancieiros de La Rioja colocaram-se ao lado da intentona unitária. Junto ao principal caudilho de Guadancol, integrou as tropas de Peñaloza, passando também para o exílio chileno na derrota de 1841.

32

Suas ligações com Chacho se estreitaram mais no período em que estiveram exilados. Também houve uma aproximação muito grande com os chilenos: além de lhe possibilitar uma posição econômica mais favorável, na medida em que Guadancol se situava na rota comercial para o Chile, Varela teve a oportunidade de servir militamente no exército chileno, onde obteve graduação de oficial. Esta vinculação de Varela às armas chilenas seria importante por vários motivos: a possibilidade de contar com o apoio militar, o envolvimento nas questões transandinas com a Espanha, motivadoras de uma retórica panamericana.

32 Ver Zorrilla, obra citada, pag. 51 e seguintes.

nista, e uma oportunidade do Chile exercer certa influência nas províncias do norte argentino.

Com a vitória de Urquiza em Caseros, Felipe Varela retorna para a Argentina, incorporandose ao exército da Confederação, onde ganharia a patente de tenente-coronel. Nessa época deu-se sua aproximação com Urquiza, a quem serviu diretamente. Junto com o entrerriano combateu na batalha de Pavón, que resultou na vitória das tropas de Buenos Aires. Não permaneceu junto ao chefe em Entre Ríos, voltando para La Rioja onde comandaria sob o comando de Chacho Peñaloza.

Após o acordo de La Banderita, quando Chacho seria restaurado como comandante militar de La Rioja, Felipe Varela aparece, com o grau de coronel do exército, nomeado chefe da polícia da província, virtualmente o principal comandante de armas depois de Peñaloza. Em janeiro de 1863 Varela recebe a incumbência de fiscalizar a entrega de armas por "montoneros" dispersos; na verdade, o coronel estaria em andanças através de La Rioja e Catamarca acertando contatos para a futura insurreição de Chacho em abril. De acordo com algumas fontes:

"Actualmente se halla aquí un coronel Varela, jefe segundo del Chacho y recomendado por este gobierno y según la conducta que dicho Varela observa, ha venido mandado o de acuerdo con Chacho para trabajar en la plebe y prestigiarse, como lo está haciendo." 33

Nas "montoneras" de Chacho em 1863 teria papel destacado, em combates sob as ordens do caudilho, ou efetuando missões separadamente. Foi um dos principais comandados de Peñaloza a agir nas fronteiras de La Rioja com Catamarca, tomado

33 Ver Félix Luna, "Los caudillos" (Buenos Aires, Peña Lillo, 1973), pag.246.

parte nos principais combates que ocorreram no território riograndense e em Córdoba. Antes da última investida de Chacho na província de San Juan, os "montoneros" de Varela foram dispersados pelas armas nacionais e o coronel foi obrigado a exilar-se por segunda vez no Chile.

Depois de alguns meses no Chile, quando se corresponde com Urquiza pretendendo a insurreição deste ou apoio para uma operação no norte argentino, Varela volta ao território nacional, indo prestar serviços diretamente ao caudilho entrerriano na qualidade de ajudante de ordens. Nesse tempo, o coronel Varela realiza várias viagens ao Chile, tratando de negócios pessoais e do próprio Urquiza.³⁴ Esta situação se mantém estável até 1865, quando acontece a entrada da Argentina na Guerra do Paraguai.

A participação argentina no maior conflito do Prata traria para Varela um papel decisivo. Primeiro, o clima de revolta que explodiu em várias províncias em consequência da convocação forçada de soldados, trouxe-lhe a tão esperada oportunidade de tentar derrubar o governo nacional. Segundo, a pretendida participação de Urquiza como o grande comandante de uma rebelião generalizada contra Buenos Aires fracassou completamente, tendo o entrerriano apoiado francamente o governo Mitre e reforçado suas ligações com militares do exército imperial.

A situação de Urquiza como virtual comandante do batalhão argentino, fez dele uma peça chave no conflito com o Paraguai. Apesar de não ter havido apoio implícito de Urquiza na intervenção brasileira na questão uruguaiense ao lado do "colorado"

³⁴ Archivo General de la Nación, Legajos de Urquiza, Tome 251.

do" Flores, que contava também com o aval de Mitre, muitos se decepcionaram pela omissão do entrerriano. Além disso os paraguaios sempre contaram com um eventual apoio de Urquiza em caso de beligerância com a Argentina, negociado pela contrapartida de restabelecer-lo como chefe do Estado. Quando ocorre a declaração de guerra entre Paraguai e Brasil, Solano López escreve a Urquiza instando-o que interfira junto a Mitre para que permita o trânsito do exército paraguaio pelo território argentino, em carta de 26 de fevereiro, 1865:

"Abbas /cartas de Urquiza/ me han causado una penosa impresión, encuanto ellas importan una contradicción de las seguridades que espontáneamente U.E. quiso ofrecerme sobre la neutralidad del Gobierno Argentino en la lucha entre el Paraguay y el Brasil, y de que el tránsito de fuerzas paraguayas por alguna parte del territorio argentino, no importaría un casus belli no teniendo el Gobierno Argentino pretexto algun para negar ese tránsito, y que si llegara a suceder, U.E. se pondría de parte del Paraguay, combatiendo la política del General Mitre, para cuya fin ha pedido la copia de la solicitud de tránsito, y la contestación en caso negativo... (...)"

"La simple negativa de tránsito por territorio argentino pudiera tal vez tener una explicación, pero cuando esa negativa se estiende al territorio nacional que el Gobierno del General Mitre pretende disputar, no hay explicación honorable que no desuestre la intención de traer el disturbio en las relaciones internacionales de los dos países. (...)"

"Aunque naturalmente poco satisfecha del giro que ultimamente U.E. ha dado a los espontáneos ofrecimientos y seguridades... (...)"

"...consecuente con la estimación que siempre he hecho de U.E., nada me será más penoso que herir alguna vez los intereses de U.E. con que deseo contemporizar, en cuanto sean compatibles con los del Paraguay." 35

35 Idea, Tomo 271, documentos 395-396-397-398.

Havia uma superestimação quanto às veleidades de Urquiza. O caudilho entrerriano realmente percebera a impossibilidade de uma organização nacional que não contasse com a presença da província economicamente mais pujante, na fracassada experiência da Confederação. Por outro lado, sabia que uma união em torno de Buenos Aires só se daria preservando as prerrogativas portenhelas quanto à direção dos negócios nacionais. O estreço do que viria a ser o Estado Oligárquico lhe garantia, em troca do apoio à política mitrista, as vantagens de principal empresário entrerriano, sem interferência de Buenos Aires nas questões locais. Desta forma, escaparia sempre do envolvimento com problemas internos – como a questão riojana – ou externos – caso do Paraguai. Ao contrário, tiraria partido de sua atitude "patriótica" ao lado de Mitre e do Brasil na Guerra do Paraguai se tornando o principal fornecedor de cavalos e mulas para os exércitos aliados. Mitre não mostrava dúvidas quanto ao apoio de Urquiza ao escrever-lhe em 17 de abril de 1865:

"El dia de ayer he sido sorprendido con la noticia que me transmite el Sr. Gobernador Legratta [da província de Corrientes] acerca del acto vandálico cometido por el Presidente López del Paraguay, y con el que inicia de una manera verdaderamente salvaje la guerra con la República Argentina. (...)"

"Este acto vandálico, cometido en plena paz y en circunstancias en que la República continuaba observando una estricta neutralidad en las cuestiones de aquel país con el Brasil, importa una injuria para esta República a que no puede contestar sino con la guerra, como va a hacerla para vindicar el ultraje tan alejadamente inferido. (...)"

"Para hacer frente a esta emergencia que no ha buscado la República pero que una vez producida contra su

voluntad y deseos, la acepta con todos sus consecuencias, hago el debido honor al patriotismo de U.E., y a sus declaraciones en tal sentido, señalandole el puesto que le corresponde en las filas de los leales y valientes argentinos que tienen que vindicar el honor y la dignidad de la República, como verá U.E. por la comunicación oficial que se le dirige por el Ministerio de la Guerra, nombrando a U.E. Comandante en jefe de las fuerzas que se mobilizan en esa Provincia en número de cinco mil hombres que se organizarán por U.E. de cuenta del Gobierno Nacional, nombrando a sus jefes superiores respectivos y autorizándolo para atender a la seguridad y defensa del Entre Ríos y Corrientes, según lo demanden las circunstancias.” ³⁶

A resposta de Urquiza em 19 de abril foi inteiramente favorável ao presidente argentino:

“Me ha sorprendido de veras la noticia del ultraje inferido a nuestra patria por el Gobierno del Paraguay. U.E. ha hecho justicia a mis antecedentes y a la lealtad de mis declaraciones, señalándome un puesto a su lado. (...)”

“Nos toca combatir juntos de nuevo bajo la bandera que reunib en Caseros a todos os argentinos. Me congratula de ello, porque la felicidad de esta campaña fiada al tino y el patriotismo de U.E., mientras dará gloria a la República, puede dar por resultado seguro extirpar del todo las desenciones políticas que antes han dividido al país.” ³⁷

A habilidade de Urquiza em lembrar o movimento de Caseros, quando forças dispares estiveram aliadas na derrubada e afastamento de Rosas, esquecendo a longa década de rivalidades e confrontamentos, fazia esperar que com a “criação” de um inimigo externo houvesse o pacto interno tão longamente desejado por Mitre. Nesse sentido Urquiza cumpriu rigorosamente o que dele se esperava: não só organizou forças armadas no Entre

36 Correspondência Mitre-Urquiza, np. cit., vol. I, pag. 101.

37 Idem, pag. 103.

Ríos, como foi o principal responsável pela remonta e abastecimento dos exércitos aliados.

No entanto, não foi possível para ele manter o antigo papel de aglutinador das massas rurais. Os peões de Entre Ríos, que historicamente se haviam mostrado fiéis combatentes de caudilhos como Artigas, Ramírez e do próprio Urquiza contra Buenos Aires, não só foram relutantes ao "chamado da pátria" como muitas vezes se sublevaram e desertaram em massa. A guerra em território estrangeiro sob ordens portenhais, numa organização militar muito distinta da "montonera", onde estariam submetidos a sanções disciplinares indesejadas, não era popular no litoral argentino.³⁸

Um dos principais motins aconteceu no acampamento de Basualdo, merecendo do governo nacional uma preocupação muito grande com a condição de Urquiza em comandar as tropas do litoral. A respeito disso lhe escreveu o vice-presidente Marcos Paz em 21 de novembro de 1865:

"He tenido el pesar de saber que las fuerzas con que debía concorrir la Provincia de Entre Ríos à la formación del Ejército Nacional, y que el Gobierno de la República había puesto al mando inmediato de U.E. se han debandado en parte.

*"Por mi parte como por la de los demás miembros del Gobierno habíamos deseado que la Provincia de Entre Ríos tomase parte principal en la lucha, y que U.E. recojiera el fruto de sus patrióticos servicios desde que inició la guerra, pero después del desgraciado suceso de Basualdo, cremos que el contingente de Entre Ríos debía limitarse al menor número compatible con las necesidades del Ejército."*³⁹

Nestas circunstâncias estava a província de Entre

³⁸ Sobre as resistências em todas as províncias à convocação para Guerra do Paraguai, ver o primeiro cap. do livro de León Poiré "Cinco años de guerra civil en la Argentina" (Buenos Aires, Amorrortu, 1986) pag. 21-72.

³⁹ Archivo General de la Nación, Legados de Urquiza, Tomo 278 documento 333.

Ríos, comprometendo o prestígio de seu maior caudilho, quando Varela resolve abandonar seu comandante e retornar para o Chile. Além da guerra contra o Paraguai não lhe trazer qualquer atrativo, já tivera notícias do reaparecimento, ainda que muito esparso, das "montoneras" no norte argentino. Efetivamente já aparecem comunicações neste sentido entre as autoridades, conforme a carta de Irrazábal - o oficial que ordenou a execução de Peñaloza - a Vera, chefe da divisão de operações sobre os Llanos de La Rioja, em 10 de outubro de 1865:

"El dia 8 del corriente llegué a este punto donde se encontraba la montonera comandada por Zalazar, Bamba y Asencios desgraciadamente, mis marchas forzadas con el objeto de alcanzarlos no correspondieron a la idea de escarmientarlos, ya se habían marchado el dia antes." ⁴⁰

Esta pequena "partida" comandada por antigos oficiais de Peñaloza já havia sido noticiada um mês antes e dada como dissolvida.⁴¹ Havia em La Rioja uma clara preocupação por parte de autoridades de que os preparativos e atenções para a Guerra do Paraguai poderia desguarnecer a província, motivando o reaparecimento das "montoneras". Essas eram, no entanto, operações muito isoladas e numericamente pouco representativas.

Os problemas se acentuariam com o recrutamento para o exército nacional. A necessidade de um contingente de expressão impossibilitava o recrutamento apenas na província de Buenos Aires. Dessa maneira, cada governador provinciano foi encarregado de formar um contingente para as tropas nacionais. Os chefes militares do recrutamento, normalmente tinham de usar a força e uso do laço e boleadeiras na captura de "voluntários",

⁴⁰ Archivo particular del Professor Dardo de La Vega Díaz, carpeta 21, folio 14.

⁴¹ Carta de Linares a San Roman. Archivo Histórico de La Rioja, documento n. 75.

bem como o uso de uma série de flagelos físicos para dissuadi-los da deserção, foram uma constante. Se no litoral a resistência ao engajamento fora importante, no norte argentino tomou proporções alarmantes.⁴²

Essa situação precária persistiu ao longo do ano de 66, tendo repercutido muito a notícia do desastre dos exércitos aliados em Curupaty. Além dos riscos de entrar numa guerra que não viam como sua, essa aventura parecia agora um suicídio. Nesse clima instável, houve uma sublevação da polícia de Mendoza por um problema salarial: como represália às autoridades, libertou os prisioneiros, entre eles diversos chefes federalistas. Armararam-se os prisioneiros e, aliados aos seus até então carcerários, ocuparam o governo provincial, sob o comando do coronel Carlos Juan Rodriguez. Algumas tropas vindas de La Rioja foram derrotadas, e a rebelião se estendeu a San Juan, onde proclamaram governador a Juan de Dios Videla, também um antigo federal. As desorientadas forças nacionais, uma vez mais sob comando de Paunero, tentavam deter o avanço da sublevação, mas são surpreendidas com a insurreição em San Luis, sob comando de Felipe São. Todo o Duyó estava envolvido, ameaçando alastrar-se o movimento para La Rioja e Catamarca; comprometia-se toda a estabilidade nacional justamente no momento mais crítico enfrentado pelas forças armadas argentinas no Paraguai, onde se encontrava o presidente Mitre.

Em duas cartas dirigidas a Mitre, o vice-presidente em exercício Mariano Paz mostra toda sua preocupação: a primeira é datada de 21 de novembro de 1866:

⁴² Poder op. cit., pag. 52 e seguintes.

"Siento empezar mi contestación dando a usted una desagradable noticia. El 9 del corriente se ha realizado una revolución en Mendoza, encabezada por los presos de la cárcel penitenciaria y secundada por los gendarmes de policía según nos lo comunica el Gobierno de dicha provincia... (....)"

A consecuencia de esta revolución, quedaba de Gobernador en Mendoza aquel famoso Carlos Juan Rodríguez, ... y al mando de la fuerza con que contaban, el coronel Juan de Dios Videla. El total de la fuerza se hacía ascender ya como de ochocientos a mil hombres.

El Gobierno de San Luis nos ha escrito también sobre el particular, receloso de que el incendio alcance también a dicha provincia... (....)"

"El Gobernador de San Luis se manifiesta muy alarmado, no solo por lo ocurrido en Mendoza, sino también por los comatos de sedición que se sienten tanto en la provincia de San Luis como en la de Córdoba." 43

Passadas seis semanas, em 2 de janeiro, uma segunda missiva de Marcos Paz a Mitre informava não ter novidades acerca da rebelião cuyana. Um tanto despreocupadamente noticiava que en La Rioja vinham informações de que Varela cruzara a fronteira chilena.

"Acabo de recibir correspondencia de La Rioja, con fecha 21 del próximo pasado, de la que resulta que una pequeña montonera de los llanos había asesinado en su casa al comandante Herrera y que habían mandado cien hombres para sofocarla; que aquel coronel Felipe Varela, que estaba en Chile, debía invadir las fronteras de San Juan y La Rioja, haciendo preceder por una célebre proclama impresa que se le mandaría en copia, si hay tiempo para sacarla, por no haber venido más que un ejemplar, el qual está destinado para mandarlo a Chile.

El Gobierno de La Rioja tomaba todas las medidas para preverse de esta invasión, que la conocía antes de verificarla. Creo que saldrá airoso. Varela en la proclama se declaró abiertamente

43 Archivo de Mitre, Tomo VI, n. 1390, pag. 160.

44 Idem, Tomo VI n. 1402, pag. 178.

contra el Gobierno Nacional, tomando el nombre del general Urquiza." 44

O futuro mostraria o quanto Paz subestimara a aproximação de Varela. Não só vinha do Chile com um razoável contingente militar, que cresceria de forma inédita na sua entrada em La Rioja, como tinha um plano eficaz de unificação dos diferentes "alzamientos" que se haviam produzido no Cuyo. Profusas notícias circulavam no norte sobre a possível entrada de Varela, a maior parte delas dando conta de um pequeno número de "montoneros" e propondo soluções imediatas para conter a insurreição. Assim informava o comandante de Vinchina e Guadancol ao ministro do governo San Roman, em 28 de novembro de 1866:

"...he sido llamado por el Juez Departamental de esta Villa para acordar y tomar medidas de precaución à merito de haber llegado de la de Jachal Don Guillermo Granadino y residente en Jachal quien le asegurado al Juez en este mismo dia a horas 4 de la tarde que hay hasen dies y nueve dias que llegó a Guadancol Felipe Varela, y que à su juicio lo considera hasta la fecha en dicho lugar... ("")"

"He asegurado también al Juez Departamental que en el paso de Lamar se hallan reunidos cincuenta gauchos siendo à su juicio este numero mas o menos que el objeto de ellos lo ignora pero si los abristos actualmente à su pasadas en consecuencia. El infrascripto toma medidas de precaucion, tanto para la captura del primero si se encuentra en el punto indicado, como para evitar un asalto de dichos gauchos." 45

O desencontro de informações sobre o paradeiro de Varela tornar-se evidente numa carta do comandante das forças militares de Jachal, onde de acordo com o documento mostrado acima estaria caudilho, relatando ao coronel Linares, comandante

45 A.H. de La Rioja, documento n. 115.

da província de La Rioja, a possível invasão a partir do Chile, comunicação esta feita em 20 de dezembro:

"Habiendo arribado à este con el objeto de contribuir à la tranquilidad pública, por algunos temores que se tienen de algunos revoltosos que por desgracia en nuestra Republica no nos ha faltado, hoy se susurra que el bandido de Felipe Varela trata de venir de las Repúblicas vecinas a invadir nuestros territorios... (....)"

"En momentos de escribir estas, tengo aviso que a un Señor Sanchez que marchaba con un arreo de ganado para Copiapó /Chile/ le ha sido arrebatado dicho arreo, los caballos y mulas que llevaba para el servicio, dirigiéndose estos para a Cordillera de Vallenar, diciendo que se los llevaban al referido Varela..."⁴⁶

O temor despertado pela presumível invasão varelista era manifestado também em outras províncias. Em 27 de dezembro o governador de Catamarca, alarmado com os boatos que corriam em La Rioja, escreveu ao governador desta província preocupado não só com a invasão como com a "proclama" do caudilho, cuja divulgação pelo norte argentino antecederia em muitos dias a sua participação pessoal em La Rioja.

"He tenido el honor de recibir su apreciable nota de fecha 22 del corriente incluyendo los documentos que sirve adjuntarme relativos à la invasión del montonero Felipe Varela sobre los Departamentos de Jachal y Guadancol con una División armada desde la República de Chile.

Por esos documentos y también por la Proclama que ha hecho circular el invasor, quedo impuesto del objeto y tendencias infames de aquel traidor, y en previsión de las consecuencias funestas que pueden sobrevenir à estas provincias, causando enormes y gravíssimas bales al país, este Gobierno ha tomado ya todas las medidas preventivas que he creído necesarias para la defensa de esta Provincia y también para acudir en protección de la de su mando

⁴⁶ A. de Bardo Bfaz, carpeta 21, folio 31.

siempre que U.E. la solicitare ó que las circunstancias del caso la exigieren. (...)"

"Concluiré esta nota avisando U.E. que pocas horas después de recibir sa comunicacón y documentos adjuntos los despaché en cópia al Exmo Gobierno de Tucumán y precisamente à esta fecha han llegado à su destino." 47

Finalmente, em janeiro de 1867, Felipe Varela cruzou a fronteira chefiando aproximadamente 500 homens e ocupou a localidade de Jáchal sem enfrentar a tão apregoada resistência dos comandantes militares de La Rioja. Trazia o apoio de dois batalhões chilenos, comandados pelo coronel Estanislao Medina, com escassas peças de artilharia. Na bandeira vermelha e branca havia uma síntese da "proclama" que distribuiria previamente à invasão: "Federación o Muerte! Viva la Unión Americana! Viva el ilustre Cap. Gral. Urquiza! Abajo los negreros traidores à la Patria!" Conforme examinaremos mais detalhadamente no quarto capítulo, estavam af colocadas as demandas fundamentais: uma organização federativa, nucleada na figura de Urquiza e não nos "negreros traidores" de Buenos Aires, aliados do império escravista, e um apelo à unidade americana, referência fundamental quando se tem em mente que os motins e deserções se relacionavam a uma guerra externa, além de justificar a presença de chilenos em suas tropas.

Com a chegada de Varela, foram definidos os rumos da sublevação no norte. Encontrandose em San Juan com os rebeldes do Cuyo, decidiu-se pela operação de Sáa e Videla, em San Luis e Córdoba, tentando estabelecer contato com o litoral, provavelmente insistindo no envolvimento de Urquiza. Varela,

47 A.H. de La Rioja, documento n. 117.

por sua vez, trataria de subverter todo o norte argentino, além de encarregá-lo do enfrentamento com os poderosos Taboada de Santiago del Estero. O plano de Varela foi posto a funcionar, com investidas suas e do coronel chileno Medina sobre alguns núcleos urbanos estratégicos em La Rioja e Catamarca; a ocupação de Tinogasta, nesta província, significava a possibilidade de chegar sem percalços a Salta e Jujuy. Varela ocupou Chilecito, em La Rioja, podendo abastecer suas milícias e receber a adesão de vários dos antigos comandantes de Chacho Peñaloza, como os conhecidos Chumbita, Carlos Angel, Guayama, Ontiveros, Elizondo e outros. Com aproximadamente cinco mil homens, na maior concentração de "montoneros" jamais vista no norte, Varela partiu para a ocupação da capital da província, de onde buscaria reunir suas forças com as cuyanas de Sáa e Videla.

Essa tentativa resultaria no fracasso do projeto de controlar o norte. Ironicamente, a derrota de Varela se daria a partir do enfrentamento com outro caudilho, Manuel Taboada, à frente de suas "montoneras" santiaguenhinas. A dificuldade apresentada pelo governo nacional devido ao empenho na guerra com os paraguaios, permitira a Mitre ceder apenas mil soldados a Arredondo, o responsável pela repressão às rebeliões. Arredondo assim foi obrigado a encarregar os Taboada, diretamente interessados nos acontecimentos que poderiam abalar o seu poder no norte argentino. Manuel Taboada optou por isolar Varela de seus aliados, ocupando La Rioja. Ignorando que Sáa e Videla já haviam sido derrotados e dispersos por Arredondo, Varela decide por um combate frontal, fugindo às características da "guerra

"gaucha", contra as tropas de Taboada estacionadas em Pozo de Vargas, próximo à capital La Rioja. O épico combate, tão presente no folclore do norte argentino, terminaria com o insucesso de Felipe Varela e a perda de metade de seu efetivo.

Perderase a chance tão buscada de, a partir de uma rebelião que se propagasse por todas as províncias do norte argentino, formar uma tropa mais regular que realmente colocasse em cheque o exército nacional. A partir do 10 de abril de Pozo de Vargas às "montoneras" varelistas voltariam a repetir o ciclo de Chacho, com pequenos contingentes dispersos, que raramente buscavam o combate frontal, procurando na movimentação constante pelo território e nas surpresas ocasionais manter ocupados o maior número de efetivos do governo, desgastando seu prestígio como mantenedores da ordem.

Nessas marchas e contramarchas, Varela esperava ainda a adesão do salteño Latorre e do catamarqueno Navarro, com a esperança de novamente contar com uma rebelião generalizada. Conseguiu uma vez mais tomar Chilecito, enquanto seu lugar-tenente Elizondo ocupava La Rioja, por poucos dias. No final de julho de 1867, com várias tropas perseguindo a "montonera" de Varela, os chilenos de Medina reincorporam-se ao seu país enquanto o caudilho se astila em Antofagasta, que nesse tempo era ainda uma província boliviana. Nesse estratégico exílio, onde podia mandar emissários com facilidade aos vales calchaquies de Salta ao mesmo tempo em que tentava articular com o presidente boliviano Melgarejo, preocupado com a intervenção argentina no Paraguai, um programa ao menos de apoio econômico, Varela per-

Manecem os dias mais frios do inverno, recompondo tropas e carvalhadas.

A mesma preocupação que representara a possível entrada de Varela no final de 1866 em La Rioja, apareceu agora para as autoridades de Salta. Pedro Fries, comandante militares vales calchaquies escreveu ao governo em 29 de agosto de 1867, responsabilizando pela carência de efetivos e armas, temendo uma provável volta da "montonera", com o risco de que tomasse a cidade de Salta:

"...da parte el Coronel Fries, que se halla con su División de 600 hombres a una media legua del enemigo, el que se cree tiene mil hombres, y que de un momento a otro tendrá lugar un combate desigual, por cuanto daría por resultado dejarlos penetrar a la Provincia."

"Este Gobierno ha hecho con participación cuanto le ha sido posible para este caso como le consta al Gobierno de Tacuamán y si como puede suceder hubiera un combate, es posible que esta ciudad caiga en poder de Varela, porque con hombres sin armas y más que todo sin un cartucho no puede hacerse defensa. Pesará en tal caso la responsabilidad sobre el Gobierno Nacional, aquien con anticipación y con repetición se le han pedido armas y municiones, manifestándole el peligro, y mi contestación se ha recibido. (...)"

"También me ha dicho que ha venido un ministro de Melgarejo asociado de algunos individuos mas y ha tenido su entrevista con Varela. Dice también, que es positivo haber cruzado una fuerza boliviana con dirección a Antofagasta y que lo que antes me había dicho de la fuerza boliviana no era cierto." 48

Os temores do comandante Fries eram bem fundados.

Mesmo sem esse temido apoio boliviano, os "montoneros" varelistas, comandados por Elizondo, bateram completamente as tropas

legalistas, tendo ainda incorporado vários de seus soldados. Após esta vitória, que lhe liberava a ocupação da província, Varela volta mais uma vez ao território argentino, unindo-se aos seus enviados. Permanece por todo setembro nos vales, recuperando as cavalhadas e tentando obter mais adesões. Segundo justificaria mais tarde, a tentativa de tomada da cidade de Salta, além do impacto que causaria, se devia a uma carência muito grande de armas e munições. Parece provável, no entanto, que esperasse uma intervenção mais ativa de Melgarejo a partir da Bolívia, dadas às preocupações deste em relação à Guerra do Paraguai.

Entrementes, as medidas do governo nacional eram ainda táticas. Em perseguição direta à "montonera" de Varela fora encarregado o coronel Octaviano Navarro, antigo aliado de Chacho e com quem Varela chegara a manter contatos buscando sua ajuda. Se não chegou a prestar seu apoio a Varela, Navarro agora investido de poderes nacionais, tampouco chegou a realmente comprometer a trajetória do caudilho. Sempre a distância da "montonera", parecia evitar um choque frontal com seu antigo companheiro de armas, o que motivou uma grande polêmica futura com o governador de Salta. Também o governador da vizinha Tucumán havia sido encarregado de auxiliar os saltenses ante a ameaça varelista. De qualquer forma, as tropas nacionais estavam mais preocupadas com a sempre provável insurreição em La Rioja, mantida sob controle pelo general Arredondo e pelas forças irregulares dos Taboada. Justamente a data escolhida por Varela para atacar Salta foi aquela que Mitre escreveu a Arre-

dendo, 10 de outubro, auspiciando bons resultados no extermínio dos revoltosos:

"Me felicitaré de que Ud. no se equivoque en quanto a la opinión que me manifiesta acerca de los asuntos del norte y que puedan vencirse en breve y definitivamente esas fieras montoneras que averguenzen a la Rca. ante el mundo entero, teniendo lugar en momentos en que halla expelliada en una guerra nacional, siembran la desnaturalización en las masas y entorpecen el progreso moral y material de las provincias que les sirven de teatro de sus fechorías.

Deseo a Uds. felicidad en La Rioja donde espero que rendirán, ante todo, servicios importantes a la causa Nacional..."⁴⁹

Em 10 de outubro, Felipe Varela assedia e ocupa Salta. Assim como Pozo de Vargas, a tomada da capital salteña seria mais tarde um episódio recuperado pelo falcão, especialmente no que se refere ao caráter bandoleiro do caudilho Varela. Na verdade, o curto tempo em que Felipe Varela esteve na cidade não permitira um tão grande número de assassinatos, roubos, e violações que lhe são atribuídos. Abastecida a tropa de alguns bens necessários, Varela segue no rumo de Jujuy, sempre perseguida a uma prudente distância pelo coronel Navarro. Jujuy, que optara pela deserção da população, abandonada e vazia não oferecia aos "montoneros" qualquer possibilidade de formar um quartel-general. Ruma então a "montonera" pela Quebrada de Humahuaca buscando novo exílio na Bolívia. Em 5 de novembro, Varela pede oficialmente asilo para o prefeito de Chichas, e ingressa na Bolívia onde procedeu o desarmamento de sua gente.

Se Melgarejo lhe negara apoio militar e material, re-

⁴⁹ A. de Barros Diaz, carpeta 28, folio 43.

cebido em La Paz, onde se manteve Varela até a metade do ano de 68, quando fez publicar um "Manifiesto del General Varela a los pueblos americanos sobre los acontecimientos políticos en la República Argentina en los años 1866/67". Ainda em 68 Varela encabeçaria mais uma tentativa chefiando 200 homens, sendo batido em Salta em janeiro de 1869. Dirigiu-se finalmente para Copiapo, no Chile, onde morreria exilado. Alguns de seus lugartenentes ainda dariam preocupações: Sebastián Elizondo ainda no ano de 1868 sitiaria a cidade de La Rioja, tendo em função disto feito um tratado com as autoridades da província que o conduziram ao cargo de chefe de polícia Santos Guayama ainda em 1874 permanecia perturbando os Llanos, San Luis, San Juan e Córdoba, terminando por ser aprisionado e executado em San Juan.⁵⁰

O ciclo de Felipe Varela foi, por um lado, a continuação de Chacho Peñaloza. Por outro lado, apresenta algumas modificações interessantes. Como no caso de Peñaloza, transparece o problema dos comandantes llanistas, que são fundamentalmente os mesmos companheiros de Chacho. A presença extensiva do exército nacional para garantia da ordem em La Rioja fora um fator a mais a impedir sua rearticulação econômica. Também como na guerra de Peñaloza, a insurreição não era por si só capaz de derrubar a política mitrista: contar-se ainda com a possibilidade de Urquiza chefiar um movimento geral, reduzindo-se muito as chances dos varelistas com a derrota dos chefes cuyanos. Também aqui a guerra mais bem sucedida é aquela de movimentos e de desgaste do adversário, jamais o enfrentamento total, que quan-

⁵⁰ A. H. de La Rioja, documentos n. 109 e n. 152.

do ocorre é desastroso. E, mais importante, é uma guerra que...
recebe franco apoio das peonadas, não só de La Rioja como de outras províncias. A capacidade de montar exércitos partindo daí nada aproxima muito Varela a Peñaloza, e foi a principal razão para a tenacidade com que se mantém em condições adversas.

Há, porém, distinções importantes entre a luta das "montoneras" de 1867 para as de 1862-63. Primeiramente, conta-se com uma situação de descontentamento generalizado com um recrutamento forçado para uma campanha militar "portenhista". Além da crônica penúria da população do campo no norte, habilmente atribuída a Buenos Aires, esta população agora é vítima de uma convocação para prestação de serviço militar em uma guerra que "não é sua". Não há sentimento de nacionalidade em nenhuma província. O povo luta pelo seu comandante direto, fazendo sua a causa daquele; uma guerra por "sentimentos nacionais" não tem qualquer significado. Em segundo lugar, a mobilização das tropas para o conflito do Paraguai desarticulou o policiamento feito pelo exército nas regiões do norte. Uma insurreição como a de Mendoza e San Juan mostra que não estava havendo o controle adequado daqueles elementos que, descontentes, não tinham tido oportunidade para agir.

Há ainda uma característica nova no movimento varelistas: a participação, ainda que indireta, de outras nações estrangeiras. Tanto Chile como Bolívia tiveram dificuldades em aceitar a indiferença argentina no caso da agressão espanhola ao Chile e ao Peru. O panamericanismo andino buscava uma aliança com outros países latino-americanos para fazer frente às

ameças externas, e a Argentina se negara a participar. Somava-se a isso a preocupação boliviana com a intervenção no Paraguai, que representava uma ruptura no "equilíbrio" político da América do Sul. Mesmo que os soldados chilenos de Estanislao Medina fossem simplesmente mercenários, não é crível que o Chile estivesse desatento ao trânsito de efetivos e armamentos em sua fronteira. Da parte boliviana, sempre apareceu a possibilidade de exílio em suas terras. O apoio material esperado por Varela não aconteceu em virtude de acordos de Melgarejo com a diplomacia brasileira e o seu abandono da questão paraguaia.

Com o final da "monotonera" de Varela, o norte argentino e especialmente La Rioja encerrava um longo ciclo de guerras civis. A filiação desses movimentos é quase direta: Facundo Quiroga deixa como herdeiros Peñaloza, Brizuela, Aldao, Benavides; os dois últimos são recompensados pela política resista, e a resistência fica nas mãos de Peñaloza. Este, por seu turno, cresceria apoiado em Varela, Chumbita, Llanos, Ontiveros, Elizondo, Zázar, Angel, etc. Todos proprietários dos Llanos riojanos, todos sem soluções a vista para os problemas imediatos gerados por uma crônica estagnação econômica e um contínuo assédio das autoridades nacionais. A lógica que implantaria o Estado Oligárquico era implacável: ou a adesão ou o extermínio. Pelas razões levantadas no capítulo restou apenas o último caminho.

SEGUNDA PARTE

O discurso dos Caudilhos

"El caudillo es el sindicato del gaucho"
(*"El Medio Pelo en la Sociedad Argentina"* - Jauretche)

O trabalho não pretende ser uma análise do discurso. Ou seja, não se está pensando no discurso como "criador de uma realidade". Pensamos genericamente em discurso como um conjunto de práticas que, fundamentadas numa sociedade concreta e determinada historicamente, é capaz de criar significados para seus agentes. Pensamos que na estrutura da sociedade se estabelecem relações tais que permitem determinadas práticas discursivas; o mesmo discurso numa sociedade diferente criaria distintos significados. O discurso dos caudilhos - no caso o de Peñalosa e Varela - só tem sentido se aplicado às condições previamente desenvolvidas para a realidade de La Rioja, extensivas a outras regiões do norte argentino. Tais condições são historicamente construídas: se, genericamente, existem aquelas relações que explicariam a aceitação pelas massas rurais riojanas de um intrometido de um sentimento anti-portenho, massas rurais bastante semelhantes lutam ao lado das forças nacionais em Santiago del Estero. Os caudilhos - riojanos ou santiagueños - estabeleceram o antagonismo principal para as massas rurais, ao mesmo tempo em que atenuavam o antagonismo definido pelas relações de produção. É neste sentido que procuraremos ver onde residia a capacidade de mobilização desses "condottieri" da plebe da campanha, suas possibilidades e seus limites.¹

Não muitas limitações para o pesquisador no exame do universo que contém a palavra discurso. Não nos é possível uma reconstituição fidedigna da complexidade da relação entre os caudilhos e seus acaudilhados. Contamos com algumas referências

¹ Se faz importante uma observação: o antagonismo que é criado discursivamente se constitui num caso particular de contradição lógica, onde um termo se define pela negação do outro. O discurso enquanto prática política constrói identidades não em oposição real, onde cada termo tem sua positividade, mas buscando impedir que o outro termo se constitua totalmente.

gerais sobre seus "modus vivendi", alcance dos seus "carismas", impressões gerais de contemporâneos, sobrevivência de seus prestígios através do folclore (que, aliás, nos evoca impressões muito ambíguas). Passado bem mais de um século dos acontecimentos a que nos reportamos, a única herança digna de algum crédito é aquela presente em documentos, sejam eles cartas, notas, proclamações. Ainda assim, temos de sujeitarmos a uma escassez de material: os caudilhos, sustentados numa base de poder formada por relações pessoais, eram avessos a essa prática tão comum nas instituições burguesas que é deixar documentação escrita. São raros os escritos - normalmente em letra de amanuenses semi-analfabetos - e habitualmente feitos em situações críticas.

Essas razões nos justificam em parte a débia interpretação que recebeu o material legado pelos caudilhos. Elidindo, inconscientemente ou não, uma matriz estrutural onde se formularam os discursos, a prática dos caudilhos pode representar o máximo entrave ao pleno desenvolvimento da sociedade, ou a quintessência dos reais destinos nacionais. Desta maneira, trataremos do discurso dos caudilhos vinculando-os à prática de dominação que historicamente se haviam construído entre "terratenentes" e peões, bem como às situações conjunturais que estiveram presentes nos movimentos armados dirigidos contra outros grupos sociais.

Fundamentalmente distinguimos duas categorias de discursos. Em primeiro lugar, aqueles dirigidos ao grupo social de

onde provem o caudilho, que busca representá-lo. Esse discurso não apresenta em geral muitas dificuldades no seu exame, visto que se dirige a indivíduos de uma mesma extracção social e que estão vivenciando os mesmos problemas do emissor. Em nosso entendimento do caudilho como pertencente a uma oligarquia fundiária com reivindicações específicas em relação à manutenção de uma dominação regional e o ingresso numa esfera de acumulação que lhe é negada, entendemos sua luta política como realmente representativa de seu grupo social. Ainda na consideração do discurso dirigido à classe dominante, merece mais atenção aquele dirigido a grupos adversários, sejam os exportadores que tentam subordinar as oligarquias regionais ao seu projeto, ou outros setores provincianos que rivalizam pela dominação numa determinada área de influência regional. Esse discurso habitualmente busca a legitimação de determinadas práticas, sejam de antagonismo ou de aproximação, justificando as razões de sublevação a um poder que se lhes coloca num nível mais elevado, ou tratando de ganhar a confiança desse poder como fiduciários de uma política supra-regional.

A segunda modalidade de discurso encontrada nos caudilhos - e a mais importante - é formada pelos que se dirigem às camadas dominadas. Aqui o fundamental é a atenuação da diferença de classes que se define pela propriedade de uns e o trabalho de outros. O processo violento de desapropriação da terra e a condução dos despossessados ao trabalho nas propriedades rurais é encoberto pelo discurso, que procura fazer do caudilho a

liderança "natural" das massas rurais a que se dirige. Para esse objetivo, costumava-se utilizar a construção de um passado antigo, de prosperidade e felicidade generalizadas numa época em que o controle da sociedade era de competência exclusiva do grupo ao qual pertence o caudilho. Assim, o antagonismo entre a oligarquia regional e a exportadora é colocado sobre os membros da população rural, que projetará sobre o grupo adversário de seus caudilhos a responsabilidade das precárias condições de sobrevivência em que se encontra.

O discurso dirigido à massa rural, base de constituição das "montaneras", procura então um duplo fim: transformar o caudilho de proprietário de terras em um "gaucho" igual aos seus comandados, portanto um seu representante legítimo, ao mesmo tempo em que transforma o antagonismo inter-oligarquico num antagonismo província e porte ou mesmo província e outra província. Atenuar-se o antagonismo de classe e transformar-se uma luta que afeta interesses específicos dos grupos dominantes em interesses de todos. Eventualmente esse discurso pode pretender uma abrangência maior, ampliando a base de adeptos do caudilho. O cisma entre grupos fundiários se estende a problemas relativos ao artesanato doméstico, aos pequenos proprietários ou mesmo, num grau mais elevado de sofisticação, articulando práticas constitucionais ou movimentos da política internacional. Isso muitas vezes provoca confusões, fazendo os mais desavisados pensar na reivindicação do caudilho como uma síntese das demandas de diferentes grupos sociais; dali a necessidade

de analisar cuidadosamente o processo histórico, buscando as causas motivadoras do deslocamento daqueles grupos sociais para posições menos vantajosas e identificá-las como distintas e separadas das demandas específicas dos caudilhos.²

Uma última questão, que é bastante difícil de responder, diz respeito à eficácia do discurso dos caudilhos. Ela só pode ser avaliada pela capacidade de mobilização da plebe rural na formação dos "montoneras" pelos efetivos que são relatados nas obras e documentos analisados, poder-se-ia dizer aprioristicamente que sim, que o discurso era eficaz. Aqui, no entanto, pode estar presente um engano: era a "proclama" do grande caudilho regional o fator de coesão que conduzia a plebeada a reunir-se sob suas hostes, ou estes "gauchos" dependiam mais da convocação de seus chefes mais imediatos que - estes sim - se reuniam sob a bandeira do grande caudilho? Provavelmente as duas situações estivessem presentes, já que não são excludentes. De qualquer forma, isso dificulta a aferição da eficácia de um pronunciamento político que se dirige a toda uma população e que, aparentemente, seria o catalisador das tensões sociais de uma determinada região. Isso necessariamente nos obriga a cuidados, remetendo sempre o exame do caudilhismo a um tipo específico de relações sociais, historicamente estabelecidas em função da apropriação da terra e do condicionamento ao trabalho. Nesse sentido, a prestação de serviço militar na "montonera" é uma extensão das relações de trabalho do peão que incluem a defesa da propriedade do estancieiro.

² Reportando ao que anteriormente em relação ao antagonismo discursivamente construído, deve ficar clara a distinção para antagonismo de classe, que se constitui nas relações sociais de produção.

Esta é uma questão que permanecerá em aberto. Assim, todas as considerações que foram feitas a respeito do discurso dos caudilhos terão em mente um tipo peculiar de relações sociais já estabelecidas. Somente considerando essas relações como fundamentais é que podemos encontrar significado para o discurso. Basicamente, é o discurso "certo" para uma população-alvo aquela que, a partir das condições estruturais dessa sociedade, encontra receptividade e será capaz de influir no comportamento dos agentes históricos. É isso que pretendemos ver em relação aos últimos caudilhos do norte argentino, Petralza e Varela.

CAPITULO III

"El Guerrero Gaucho": Angel Vicente Peñaloza

*"Don Peñaloza
Nació en La Rioja
Desde mocito
Con su lanza va pelear
La montanera
Arisca y brava
Y su caudillo
Aguerrido y montaraz
Brito de sangre
Y el brazo alzado
Fue prueba
De rebeldía nacional"*

*("Chacarera del Chacho"
- Leguizamón)*

De acordo com o que expusemos nas páginas de abertura da segunda parte, examinaremos separadamente o discurso de Peñaloza dirigido à classe dominante daquele que tem como alvo as massas rurais. O material examinado em relação ao primeiro caso se compõe de uma série de cartas que o caudilho remeteu a outros caudilhos ou a autoridades do governo nacional argentino. Aqui também estabeleceremos uma distinção: há cartas em que Chacho Peñaloza está preocupado em restabelecer a paz, procurando aproximar-se de seus adversários políticos apelando para o bem comum, e que na sua grande maioria se relacionam à campanha de 1862; as demais buscam o inverso, ou seja, justificar sua ruptura com o governo nacional e a legitimidade de sua belligerência, sendo todas elas ligadas à sua última investida em

1863.

Pouco depois da derrota de Urquiza em Pavón, os irmãos Antonino e Manuel Taboada tratam de estender seu poder a partir de Santiago del Estero para outras províncias do norte. A investida deles sobre Catamarca, onde Peñaloza exercia muita influência, faz com que se mobilizem as "montoneras" riojanas. Com o fim de dissuadir os Taboada de seu emprendimento, Peñaloza lhes escreveu em 8 de janeiro de 1862:

"No he podido mirar con indiferencia los males que pesaban sobre estos desgraciados pueblos hermanos a causa de la guerra en que por desgracia se hallaban envueltos de algunos meses a esta parte Si Señores, mi corazón de patriota y de argentino se contristaba a la vista de pueblos que perteneciendo a una misma República, a una misma familia se ocupaban en destruirse mutuamente, en vez de estrecharse en un inmenso abrazo, contribuyendo así a cubrir siquiera una de las tantas heridas de que se halla sangrando el corazón de nuestra querida patria Argentina. Estas consideraciones tan altas emanadas del patriotismo más puro, son las que me han decidido a venir a este pueblo hermano y ofrecer mi mediación para que se termine ya esta lucha y reanudar los vínculos de unión y fraternidad, que es la moralidad y vida de pueblos que pertenecen a una grande Nación."

Animado de estos sentimientos no he hesitado un momento en dirigirme a Uds. esperando confiado en que concorrirán por su parte con decisión y patriotismo a la consecución de tan noble fin, salvando así los restos de vitalidad que aun conservan estos desgraciados pueblos, y lo que es aún más, salvandnos a nosotros mismos de ese germen maldito de anarquia de que iba depurándose ya la sangre argentina.

Por lo que respecta a esta Provincia /Catamarca/ y su Gobierno he encontrado las mejores disposiciones para entrar en un arreglo amigable y llegar hasta una paz satisfechamente estable, termino anhelado

por todos los hombres que aceptan el patriotismo como razón y la moral como base de sus acciones." I

Aqui estão claros muitos aspectos. Primeiramente o caudilho dá ênfase a uma "nacionalidade", uma "pátria", que não é absolutamente o móvel de sua luta. A intervenção dos Taboada em Catamarca visava seus próprios interesses na ampliação de sua área de mando no norte, sendo realizada em nome da nova organização nacional pretendida pelo governo de Mitre. Peñaloza contrabatou também preservando uma esfera de influência que via ameaçada pelo avanço dos santiagueños, e agora apela em nome de um dever mais elevado, o de preservação da união e da nação. Assim aparece não como interventor ativo no teatro de lutas, mas como um mediador capaz de levar a conciliação a todos. Obviamente a paz, na medida em que preservaria a situação que deseja conservar, lhe interessa mais e mostrada como a aspiração maior dos catamarquenos, de que se arvora representante. A paz pretendida significa que cada qual deve permanecer restrito à sua própria zona de dominação, não interferindo nas dos demais. A anarquia política, já afastada da Argentina no período que se encerrava, ameaçava retornar se não houvesse o concurso de todos para evitá-la.

Poucos dias depois, em 23 de janeiro, Chacho Peñaloza novamente se dirigiu a Antonino Taboada reiterando os termos da primeira comunicação:

*"Sin embargo con esta misma fibra
me dirijo a U. y su hermano, refiriéndome a
objetos que espero les darán acogida a mis
sentimientos a que aludo, me permita tomarme
la libertad de declararle que... se*

I Archivo de los Taboada, apud Félix Luna "Los caudillos" (Buenos Aires, Peña Lillo, 1973) pag. 207-208.

positivamente que fuerzas que quisa tomar el nombre de U., ostilizan de un modo el mas temible esta Prova, este incurrir en las faltas mas barbaras y espantosas hasta tocar los extremos y aser abusos que, nin entre las barbaros se advierten.

Porque asernos una guerra de muerte entre hermanos con hermanos? Que bien nos resulta con el esterminio para sostener pasiones mesquinas? Recapacite Gral., y heche una ojeada sobre la lucha que sostengamos y sacare en Limpio que los males que nosotros mismos nos ocasionamos reflujo no solamente en nosotros mismos sino en la generaciones benideras que nos limitaran tan perniciosas abusos y costumbres." 2

Os danos eventualmente cometidos na província de Catamarca não são atribuição das tropas chachistas, que ali estão como fiadoras de interesses superiores. Os perigos para todos, no atual estado de anarquia, advêm da intervenção ilegítima, que deve ser reconsiderada pelos chefes invasores. A "guerra de muerte" em que está envolvido o caudilho se deve a uma ação dos adversários, não deles as "pasiones mesquinas" também se referem à interferência dos Taboada num terreno que não lhes diz respeito. A forma de retroceder a um estado de tranquilidade passaria necessariamente pelo reconhecimento e aceitação dos termos do caudilho, retirando-se os santiaguenhos de Catamarca. Ainda no mesmo dia, Pefaloza enviaria uma carta mais a Antonino Taboada tentando combinar uma conferência pessoal para resolver a questão.

Dois meses mais tarde, fracassadas suas negociações com os santiaguenhos, Pefaloza retorna de Catamarca para La Rioja, encontrando a província em crise institucional. Nomeia ele próprio um governador, que por sua vez o faz titular das

² Idee, pag. 208-209.

milícias riojanas, que trata de articular. Nesse interim, confrontar-se com as tropas nacionais de Sandes e Rivas, tratando de entrar em negociações com Marcos Paz — governador em Córdoba e futuro vice-presidente de Mitre —, que é encorajado nesse sentido pelo chefe das tropas nacionais, o general Paunero. Reproduzimos para discussão alguns trechos de uma comunicação que Chacho envia a Marcos Paz em 29 de março:

“...tropesamos con un inconveniente insuperable cuál es el siguiente. El Gobierno que actualmente tenemos en esta Provincia y a quien U.E. ordena se le entreguen las armas en virtud del combenzo propuesto. Nunca puede ser asestado por los hombres que han figurado en la División de mi mando mucho menos puede serlo por mí porque este Gobierno y su círculo son los que han traído este conflicto y ocasionado todos los males que afligen a esta Provincia, en su política inconsiguiente y intrigante.

Un Gobierno y un círculo que quieren dominar a pesar de la opinión del país que lo rechazan y lo desprecian y que para conseguir su objeto no han perdonado ni los medios más indignos y perjudiciales constituyéndose en berdagos de toda su Provincia y sino Sor Comisionado, diga este Gobierno, con que objeto a hecho venir a su Provincia, tantas Divisiones, que se concluyen y debastan estropellendo las propiedades de todos los vecinos, atentando contra sus vidas y libertad, y por fin poniendo en la mayor consternación, todas las poblaciones por donde pasan? (...)”

“Ya verás Sor, si podrá ser por esto o sera tal vez porque tengo algún prestigio y simpatías entre mis conciudadanos? Esa influencia ese prestigio lo tengo porque como soldado e combatido al lado de ellos por espacio de cuarenta y tres años compartiendo con ellos los azares de la guerra los sufrimientos de la Campaña las amarguras del destierro y a sido con ellos mas que Gefe un padre que mendigado el pan del extranjero prefiriendo sus necesidades a las mias y proprias. Y por fin por que como

Argentino y como Riojano e sido siempre el protector de los desgraciados sacrificando lo ultimo que tenido para llenar sus necesidades, constituyendome responsable de todo y con mi influencia como Gefe esciendo que el Gobierno Nacional buelba sus ojos a este pueblo miserable bigtima de sus propias hijas... . . ."

"Ahora pues Sors pese estas razones y hera cuan justo son mis temores y se convencerá tambien que ese Gobierno se ha hecho imposible en esta Provincia. Por lo demás que digo hñ U.E. sin necesidad de ningún premio estoy dispuesta atoda, a fin de conseguir la Paz para esta Provincia, y en prueba de ello me pondré a la disposición del Srs. Gral. Mitre, prometiéndole la mas decidida obediencia y dispuesto a todo lo que se me ordene como el mas obediente subalterno, y cuente el Gral. Mitre que si me pidiese diez mil hombres se los pondría inmediatamente con albertencia que si ubiese guerra entre él y el Gral. Urquiza, & ninguno le iría ayudar por que como U.E. sabe cui vien, el es muy amigo particular, y Yo y toda esa Provincia le debemos favores muy señalados... . . ."

"Para todo esto debe U.E. tomar resolución inmediatamente por que en caso contrario me heré obligado a rechar las fuerzas con las fuerzas pues cuenta con mil quinientos soldados dispuestos a sacrificarse con migo, si fuese necesario en defensa de nuestras vidas yntereses y derechos." 3

Esse trecho é um dos mais elocuentes testemunhos do pensamento do caudilho, muito característico até pela espantosa quantidade de erros de grafia. Há primeiramente a condição essencial para qualquer projeto de pacificação: deve partir de Petaloza a decisão sobre o mando local, que não passa pelas autoridades designadas pelo governo nacional. Aqui há uma inversão feita por Petaloza: o governo provinciano, ilegítimo, chamou em seu apoio as tropas nacionais; na verdade, esse governo fora colocado pelas autoridades de Buenos Aires como garantia

³ Archive del doctor Marcos Paz, apud Lema op. cit., pag. 210-213.

de seu projeto. Dessa forma, as tropelias cometidas são responsabilidade do governo ilegítimo; se Buenos Aires aceitar Petralza como representante, não haveria necessidade da presença militar em La Rioja. O governo ilegítimo não pode ser aceito por Chacho e seus comandados porque é dele que vem a agressão às vidas e propriedades dos riojanos. O caudilho mostra-se hábil na tentativa de negociação, porque não atribui ao exército invasor um dolo nos desmandos ocorridos; este corre por conta da "política inconsciente y intrigante" dos usurpadores.

Como resposta a esta situação, ele próprio se coloca à disposição de Mitre, capacitandose não só a pacificar a província como facilitar-lhe tropas armadas em defesa dos interesses nacionais. Ressalva obviamente a Urquiza: não só a aliança entre os dois caudilhos lhe impediria hostilidades para com entrerriano, como se pode entender nas entrelinhas a sua disposição em permanecer alheio a interesses que não disssessem respeito à sua província. Não atacar Urquiza significa não intrusão na área de ação de seus aliados, significa também não sofrer ele próprio interferência externas. A paz proposta a Mitre deve resguardar os poderes regionais. Mais interessante ainda é a sua ameaça como legítimo e verdadeiro representante de todos os riojanos. O caudilho é, antes de tudo, um protetor de seus comandados; a chefia é uma consequência de ser antes "un padre" para seus soldados e por extensão para a população do campo. Por trás disso estão aquelas relações pessoais que se estabeleceram historicamente nas propriedades pastoris da Argentina: o estancieiro visto como defensor dos peões, como a única possi-

bilidade de sobrevivência. Assim como o estancieiro só firmava esses laços participando do cotidiano da peleja, o caudilho não podia chefiar tropas se não "compartisse" as agruras da campanha militar, participando dos mesmos sofrimentos. Para ilustrar melhor esse aspecto, há uma carta que Peñaloza escreveu ao então presidente da confederação Urquiza em 6 de dezembro do ano de 1854:

*"Yo soy un gaucho que nada otra cosa entiende que de las cosas de campo, donde tengo mis reuniones y la gente de mi clase no sé porque me quieren ni porque me siguen; yo también los quiero y los sirvo con lo que tengo haciéndoles todo el bien que puedan..."*⁴

Peñaloza tinha pois noção de que sua liderança provinha da sua qualidade de "gaucho", portanto um legítimo chefe dos verdadeiros "gauchos". Como representante destes, portava-se à altura nas campanhas militares, sujeito aos mesmos percalços. Isto o alçava ao grau de única liderança capaz de realmente trazer benefícios ao governo nacional: o governo usurpador só trouxera conflitos e precisava ser mantido pela força das armas portenhast ele, ao contrário, poderia oferecer, se necessário, a enorme tropa de dez mil soldados.

Já vimos no capítulo anterior que a paz com Chacho apenas ocorreu quando foram dadas as garantias que exigiu para manter-se como autoridade de fato em La Rioja. O tratado de La Banderita representou o reconhecimento pelo governo nacional de que a única possibilidade de evitar as "correrías" em La Rioja era o próprio Peñaloza. Um dos mais empenhados pelo lado do governo em obter a pacificação nos termos de Chacho, foi o gene-

⁴ Ver Beatriz Bosch "Urquiza y el último levantamiento del General Peñaloza", in "Angel Vicente Peñaloza" Vários autores (Buenos Aires, Hachette, 1989) apud Luna op. cit., pag.213.

ral Paunero, comandante das operações militares no norte. Paunero foi para Peñaloza uma referência bastante presente no ano de 62, sendo sempre lembrado pelo caudilho quando tinha reivindicações ao governo. Numa carta datada de 28 de junho de 1862, quase um mês após o convênio de paz, Chacho escreveu a Paunero dando-lhe cléncia de seus esforços para estabelecer a ordem em La Rioja:

"No sin razón se queja usted de mi silencio; pero en vista del mal estado en que se encontraba esta provincia, la aglomeración de fuerzas y el movimiento de otras que venían en marcha, me pusieron en el caso forzoso de contraerme a hacer parar unas y disolver otras; y usted sabe con qué recursos cuesta poner en camino a ciertas gentes, y tanto más cuando no tenía recursos de ningún género. (...)"

"Yo no puedo menos que reconocer en usted el buen tacto en el nombramiento de los señores comisionados para el arreglo, como igualmente agradezco, yo y mis comprovincianos, la elección del señor gobernador de Buenos Aires, General D. Bartolomé Mitre, en la persona de mi amigo y compañero el coronel Baltar, pues que la oportuna llegada de este amigo puso término a dudas y restableció la confianza en todos los habitantes de los Llanos." 5

Explica o caudilho toda a dificuldade na proposição que tomou. Pareceria a uma primeira vista que estas diferentes tropas que ainda circulam por La Rioja não fossem as suas, e que na verdade o caudilho precisaria negociar com outros chefes. Todos os chefes de "montoneras" de La Rioja são subordinados de Chacho; as dificuldades alegadas para o enquadramento de "ciertas gentes" lhe serve, no entanto, para dar entrada num tema que mais tarde explicitaria melhor, qual seja a falta de recursos da província. Isto deveria ser entendido e apoiado per-

5 A. de Mitre, Tomo II, n.º 2605, pag. 137.

lo governo nacional. De fato, o ressurgimento do "cuatrerismo" pelos comandados de Chacho tinha raízes na profunda dificuldade econômica que apresentaram.

Também no texto fica bem claro que as negociações entre Chacho e o governo deveriam ser intermediadas por pessoas de suas relações. A habilidade de Paunero, estendida a Mitre depois, consistiu em estabelecer a aproximação desejada através de pessoas do círculo de Peñaloza, como o coronel Baltar citado na carta.

Numa carta longa mandada a Paunero em 31 de julho, Peñaloza trata de dois problemas que afligem La Rioja: a já mencionada falta de recursos para reerguer a economia provincial e a questão provocada pela ingerência de vizinhos no tratado que havia obtido do governo:

"Antes de recogerme al goce de mi hogar, no había comprendido tan bien la verdadera situación de miseria y orfandad a que han quedado reducidos mis paisanos, por el completo exterminio de todo recurso vital & que les he dejado reducido el prolongado desabrimiento por que ha cruzado esta provincia, y no encontrando medios para remediar los recursos diarios que ante mi se hacen, no debe U.S. extrañar que siempre sea molesto valiéndome para ello de la confianza con que siempre se ha dignado honrarme, porque quien palpa tales necesidades no puede ser indiferente a menos que taviese un corazón de bronce y se despidiere para siempre de sus servidores... (....)"

"Se encuentran innumerables familias no solamente privadas de todo recurso con que antes pudieran contar, sino reducidas también a la mas completa orfandad, por haber perecido en la guerra las personas que pudieran proporcionarles la subsistencia. Todos los días estoy recibiendo en mi casa estos infelices, y por más que yo deseé remediar siguiera sus más

vitales necesidades, no puedo hacerlo después de haber sufrido yo el mismo contrastes mis tropas impagadas y desnudas, y sin hallar recurso que tocar para el remedio de estas necesidades, a fin de tenerlas predispostas para quando la nación precise de su servicio.

Así es que no he encontrado otro que el recurrir al encargado del P.E.N., por una subvención, que aunque pudiera clasificársela de imprudente, es de absoluta necesidad sin que por esto deje U.S. de emplear su influencia para que oportunamente, sean reconocidos los gastos de la provincia, pues que en solo hacienda vacuna, por un cálculo estricto, se han consumido "doce mil trescientas cabeceras", sin que por esto hayan quedado exentas las especies caballares y mulares, de lo que ha quedado de todo berrida. Los cuales gastos, por la autoridad competente, se reunirán oportunidad, refiriéndome por las demás a las explicaciones verbales que respecta a todo dará a U.S. mi comisionado.

En particular sobre la jurisdicción territorial, hasta donde puede extenderse mi poder, lo cual, hasta la fecha, no está destinado, por lo que atañen que permanecer á mi lado algunos de mis fieles compañeros de armas, pertenecientes á las provincias vecinas, temerosos de que arribando á jurisdicción extraba, pudiere sobrevenirles algún mal miramiento, á pesar de las sabias disposiciones dadas por U.S. con anticipación. Particularmente el gobierno de San Juan que rehusa de todo punto la aprobación de los tratados celebrados por U.S. y se parapeta con un pie de ejército que al presente está levantando...⁶

E bastante significativa a comunicação de Peñaloza. Primeiramente, o lastimoso estado que descreve da população riojana é atribuido á guerra civil dos últimos meses. A situação de penúria das massas rurais é unificada com aquela sofrida pelo próprio caudilho: todos os habitantes de La Rioja, camandantes e comandados, encontram-se impotentes para a tarefa de

⁶ A. de Nitre, Tomo XI, n. 2641, pag. 186.

reconstrução da sociedade. O caudilho, reclamando a si a qualidade de protetor de seus servidores, lamenta sua própria carência de recursos para atender as demandas urgentes da população. Se, como veremos, o discurso do caudilho aos peões busca transferir aos seus antagonistas a responsabilidade pelas más condições de vida, nessa missiva ao representante do governo Chacho chama a si a miséria de La Rioja, que apenas poderia amainar com subsídios governamentais. Além disso, este guerra que assolou a província não parece ser responsabilidade da "montonera" chachista: todos os custos humanos e materiais ocasionados são, consequentemente, transferidos às tropas invasoras. Isso faz parte da lógica dos caudilhos: sua região era de exclusiva interferência suas quaisquer danos provenientes pelos combates travados na manutenção dessa prerrogativa caberiam aos invasores. Assim, nada mais adequado que solicitar ao governo nacional as reparações necessárias, transformando em dívida pública os prejuizos causados aos caudilhos.

O final da carta diz respeito ao desconforto que alguns vizinhos tiveram com a reabilitação de Peñaloza como comandante de La Rioja. E mencionado com destaque Sarmiento, o governador de San Juan. Defensor acérrimo do extermínio de caudilhos como Chacho, não só pela força militar mas por uma série de medidas que trariam uma modernização ao campo argentino, o sanjuanino temia represálias em sua província, tanto a partir de riojanos como de "montoneros" de sua província abrigados junto a Peñaloza. Chacho ao descrever a situação miserável da província não esquecerá de mencionar suas tropas: sem recursos,

não poderiam ser reparadas para prestar serviços ao governo; por outro lado, há uma ameaça velada de que estas hostes armadas não devem ter descontentamentos com a política governamental. O fato de manter soldados de outras jurisdições sob sua guarda é uma contrapartida do serviço militar prestado sob seu comando; elas têm a ação das autoridades de suas províncias de origem, que não estão dispostas a aceitar o tratado afiançado pelas próprias autoridades nacionais. Novamente Peñaloza estabelece uma inversão: o temor de Sarmiento é infundado, e é ele que não perdoa a presença de soldados de sua província sob as ordens de Chacho.

A questão de Peñaloza ser o responsável pela ordem em La Rioja trouxe aborrecimentos constantes ao Caudilho. Assim como Sarmiento, outros militares viram com temor a presença do caudilho controlando suas próprias armas e efetivos. Sobre esse problema, há uma interessante carta de Chacho, datada de 13 de julho, ao comandante do batalhão González:

"Con sentimiento veo, señor comandante, que usted no está al cabo de esos tratados, como veo no conoce sus atribuciones. Por esos tratados, señor y de acuerdo con el jefe del primer cuerpo del ejército de Buenos Aires, estoy yo encargado de garantir el orden en la provincia, a cuya efecto queda en mi poder el armamento que he tenido y tengo a más instrucciones que ni siquiera es dado comunicarlas a usted. Su gobierno mismo, señor comandante, no puede exigir de mí lo que no está en su derecho, como lo que usted exige. Cada uno en su puesto y no tomar las atribuciones ajenas, porque de lo contrario, no nos entenderemos. Por fin, mis convenios son exclusivamente con el gobierno nacional, cuyas órdenes obedezco, y a él, exclusivamente, corresponde exigir, tanto el

*cumplimiento de lo pactado, como darme las
órdenes e instrucciones que estime
conveniente.*"⁷

A mensagem é contundente: "cada uno en su puesto" implica seu reconhecimento como comandante de armas de La Rioja e único responsável por essas armas. O entendimento de que a única autoridade reconhecfvel acima da sua é a do governo nacional, dá bem a noção de como compreendia o caudilho a organização do Estado: cada província mantendo sua liderança "natural" aceitando a ingerência superior em casos muito limitados, que certamente não incluiam o controle policial dos "montoneros" riojanos.

A questão com Barniento persistiria por todo o ano 62. Tendo em Paunero o fiador maior do pacto estabelecido em La Banderira, mais uma vez é a ele que Chacho recorre numa carta remetida em 17 de setembro:

*"Muy satisfecho estaba yo con las
papeletas que U. S. me manda para garantía
de todos los hombres que me acompañaran en
las últimas expediciones que, felizmente
terminaron con el convenio del 30 de mayo;
pero este papel, visto e meditado bien por
mí, no encierra otro carácter que una
amnistía y no un olvido de lo pasado, puesto
que ni el gobierno de San Juan ni el de San
Luis han respetado ni el convenio ni la
papeleta en este caso, mi amigo, estamos
todos expuestos al capricho y a la venganza
de los que se llaman nuestros enemigos.*

*Llavo muy seriamente la atención
de U.S. sobre el particular, y sepa que yo
no quisiera que por alguna vez se me
clasifique de desleal a mi palabra, porque
estoy muy bien dispuesto a cumplir, mientras
tanto se cumpla en todas partes el mandato
de la ley, y que calmen todas las
persecuciones y nos unamos en gran familia
para el bien y ventura de toda la
República."*⁸

⁷ Idea, Anaque 5, Carpeta 31, Carta 38.

⁸ Idea, Tomo XI, n. 2657, pag. 213.



Para Chacho Peñaloza a anistia garantida pelo tratado, que lhe reconheceria a qualidade de belligerante e seu posto como general da Confederação, tinha que ser logicamente extensiva aos seus comandados. Sendo um convénio que empenhava o novo comando nacional, o caudilho e seus comandados estavam sob abrigo da lei, ao passo que seus adversários e que comprometiam o bom nome da República. O desrespeito ao tratado, medido pela hostilidade aos antigos "montoneros" riojanos aos quais a proteção do pacto se estendia, punha fora da lei justamente aqueles que acusavam Peñaloza e os seus como bandoleiros comuns. Essa é mais uma hábil construção do discurso de Peñaloza buscando garantir o apoio das autoridades governamentais, fiadoras da pacificação em La Rioja. Como vimos no capítulo anterior, a julgar por algumas correspondências de Paunero a Mitre houve alguma sucesso na prática do caudilho: as ações de que Sarmiento e outros fizeram reclamações foram interpretadas como atitudes isoladas, jamais comprometendo o papel de Peñaloza como árbitro da ordem em La Rioja, muito menos como inimigo da organização nacional.

Os limites para Peñaloza, equilibrando-se entre a submissão ao governo nacional e o exercício do poder regional controlando seus antigos oficiais, seriam marcados por acontecimentos ocorridos ainda no final de 1862. Alguns de seus chefes de "montoneras" se envolveram em saques em San Juan, motivando uma mais enérgica intervenção de Sarmiento. Como já foi relatado, o caso terminou com um pedido de extradição de alguns comandantes dos Llanos, sendo Peñaloza encarregado de fazer

cumprir tal determinação. Sua negativa, protegendo sua oficialidade, seria um ponto de discórdia sem solução, terminando por conduzir o caudilho de volta à trilha dos combates chefiando a sua última "montonera". Sobre o problema, escreveu ao próprio Sarmiento em 12 de dezembro de 1862 uma curta nota, mas bastante significativa:

"En su mérito, quedan disueltas
esas fuerzas que hostilizaban la
tranquilidad de San Luis y Córdoba. Los
jefes han entregado las armas que quedan en
mi poder, y ellos están bajo mi vigilancia.
Otras medidas más hubiera tomado, señor
gobernador, si no estuviera persuadido de
que esos hombres afeccionados por la
experiencia y mejor aconsejados, podrían ser
útiles a la Nación, pues que son soldados
valientes y amigos buenos y leales a la
causa a que se adhirieron y que de
conseguinte, una vez adheridos a la nuestra,
nos ayudarán a sostenerla con la decisión
que han sostenido la que acaba de expirar.
Permitame, señor gobernador, que ya abrigue
la convicción que al soldado valiente y al
amigo bueno, cuando se desvía, es más
prudente de encaminarlo que de destruirlo."
9

Este é, sem dúvida, um dos mais interessantes documentos deixados por Chacho Peñaloza. Inicia por tranquilizar o seu grande adversário comunicando as penalidades impostas aos rebeldes: a manutenção sob a vigilância do caudilho, que detinha seu armamento. Certamente essa não era a atitude conveniente ao governador de San Juan, ele próprio interessado em punir exemplarmente os danos causados à sua província. Tais homens não merecem, no entanto, represálias maiores: lhes falta experiência e aconselhamento — chega a parecer sarcástico, em se tratando de "montoneros" calejados — para que tenham uma com-

⁹ Domingo Faustino Sarmiento "El Chacho" in "Vidas de Chacho", vários autores (Buenos Aires, Rodolfo Alonso Ed., 1973) pag. 105.

preensão do novo estado de coisas.

Sendo bons soldados e seus amigos fiéis, podem continuar sendo desde que sejam atraídos pela causa nacional. Está subentendido aqui que a nação lhes deve algo, e que cumprindo com esse dever terá adeptos abnegados. Novamente não se está considerando qualquer projeto político mais amplo; a questão não está marcada por uma fidelidade ao liberalismo ou ao federalismo tradicional. Assim como foram leais àquela causa que os levou à guerra na "montonera" chachista, podem sê-lo à causa nacional. Por seu lado, ele chama a si esta causa, equivalendo-se ao próprio Garmiento enquanto defensor dos interesses nacionais e manutenção da ordem. Assim, esses soldados não o representam em suas eventuais tropelias; por outro lado, é necessário preservá-los, não porque de sua preservação dependa o próprio Peñaloza, mas pelos relevantes serviços que eventualmente podem prestar ao Estado Nacional. Assim, como a paz ministra depende de Chacho, depende também dos seus soldados: não há diferença entre caudilhos e os seus "montoneros".

Não se pode inferir dat que Chacho realmente estivesse empenhado em "encaminhar" os desviantes: o caudilho andava sobre um fio de navalha, tendo que cumprir o policiamento dos Llanos sem provocar indisposições com seus lugares-habentes. Na verdade, sem os recursos que esperava do poder central para a recuperação das atividades econômicas dos proprietários llanistas, era-lhe muito difícil evitar as "arriadas" feitas nas províncias vizinhas. As explicações de Peñaloza, se contentavam por um lado os representantes de Mitre mais distantes do cenário

rio dos acontecimentos e mais preocupados com uma "pax" portenhia, por outra parte não satisfaziam aos vizinhos já de antemão contrariados pela anistia dada ao caudilho.

Os primeiros meses de 1863 são marcados pelo crescimento desses atritos. Pefaloza compareceu a muitas reuniões dos seus capitães, feitas a pretexto de festas e comemorações. Inicia também um trabalho proselitista, mandando seus comandados mais imediatos cumprirem diversas missões, aparentemente oficiais, em vários pontos de La Rioja e outras províncias; ao que parece, já estava avaliando a possibilidade de reconstituir suas hostes. Há a partir de então uma modificação notável nos documentos enviados por Chachot aquela disposição em acatar as decisões do governo central, procurando compatibilizar a autonomia de La Rioja com os demais interesses, muda para uma retórica de forte crítica ao Estado, a quem atribui o fracasso de suas tentativas de paz, e um apelo para uma nova "patriada".

Além de Urquiza, que será o alvo preferencial de Pefaloza como veremos, o caudilho busca também novas alianças que ampliem o alcance da guerra que pretende lançar. Escreveu, por exemplo, ao coronel Isías, antigo quiroquista e agora prestando serviços ao exército nacional, em 26 de março de 1863:

"Amigo! después de los terribles acontecimientos que nuestras discusiones políticas nos hicieron sufrir, ha venido a renovarse la época del pasado, à consecuencia de la oposición en que han puesto a los pueblos los malos hijos de la patria. Nunca pude imaginar que los que nos prometían la fusión se convertieren en dictadores, y tiranizando à sus mismas hermanas, desterrando al extranjero y confiscando bienes, hasta dejar las familias

en la mendicidad. Estos terribles procedimientos han dado el resultado que ya lo palpabas usted. Todos los pueblos se pronuncian clamando por la reacción, todos piden que se les devuelva sus libertades que han sido usurpadas por un puñado de hombres discalos que no tienen más bandera que el absolutismo y conociendo por mi parte la justicia que se reclama, no he tratado apoyar tan sabios pensamientos." ¹⁰

Se compararmos esta carta com aquela que Chacho escreveu a Sarmiento três meses antes, veremos entre elas contradições óbvias. Naquela, a resistência ao poder nacional era uma causa que expirava, nessa se fala sobre ditadura e tirania impostas pelo governo de Mitre. É impossível imaginar que todas as arbitrariedades relatadas a Iseas tenham ocorrido no curto lapso de três meses; por outro lado, não há qualquer indício que tenha havido movimento de tropas intervindo e impondo condições a La Rioja, nesse tempo todo sob controle de Pefialozza. O relato da crise enfrentada pelos riojanos nas comunicações com Paunero responsabiliza a guerra de 1862; aqui ele desfila uma série de atribulações que parecem estar ocorrendo no presente, exigindo sua intervenção. É possível que Pefialozza, constrangido a voltar ao campo de luta pelos seus antigos oficiais, tenha também feito contatos com rebeldes de outras províncias que se achavam sob controle militar. As referências que mais tarde faria de uma chefia superior da sublevação faz pensar num plano maior tentando o envolvimento de Urquiza.

Em 16 de abril, no mesmo dia em que formalmente romperia com o governo Mitre, Chacho escreveu ao governador Posse de Córdoba, buscando também apoio para sua insurreição:

¹⁰ Idea, pag. 113.

"No cumpliría mis deseos y mi modo de ser que me caracteriza si no biciese saber a S.S. como lo hago por la presente, que a objeto de cumplir órdenes superiores, he abierto hace algunos días mi campaña, debiendo llevar mis jarnadas conforme a las instrucciones de mi jefe, hasta la capital de la provincia que S.S. preside; pero antes de poner en ejercicio el doloroso recurso de la fuerza, se permito dirigirme a S.S. proponiéndole alianza de nuestras fuerzas, como único medio conciliador y eficaz de evitar una lucha fratricida entre las provincias hermanas, ligadas en sus intereses comerciales que por sus propias conveniencias deben estar siempre unidas. Para lograr un fin tan deseado por el infrascripto, y cohesionar al mismo tiempo la obediencia y su cumplimiento, no menos que evitar un derramamiento de sangre argentina, no vacilo en momento en persuadirme que S.S. robustecerá mis deseos, adheriéndose a ellos hasta establecer un punto de partida que ponga a cubierto aquellos intereses, armonizándolas con los procomunales de la nación que es precisamente el pensamiento incrustado en el corazón de la mayoría de las provincias confederadas y de todo argentino amante del país de su nacimiento de ese modo, S.S. asegurará garantías para la provincia de su mando y los individuos que la componen." II

A referência a ordens superiores é um chefe dizem respeito obviamente a Urquiza. Se havia ou não alguma conspiração mais abrangente tendo o entrerriano como núcleo, é questão até hoje sem resposta. Na farfa documentação que encontram-se nos "Legados de Urquiza", há apenas uma carta de Juan Sáa de 9 de janeiro de 1863 instando-o a chefiar um movimento armado que restaurasse a situação prévia a Pavón; não há um único documento de Peñaloza ou de qualquer outro comandante riograndense

do ou conclamando para apoiar a sublevação de Chacho em abril de 63. Provavelmente a utilização da velada referência a um chefe mais importante servisse como intimidação maior para o governador cordobés, ao mesmo tempo que colocava a "montonera" chachista num projeto de alcance nacional, não uma mera aventura militar pelo norte argentino.

Noter-se ainda, que essa pretendida invasão à Córdoba, a instâncias desse "chefe superior", não deverá concluir em luta armada na qualidade de "província irmã", com comuns interesses, tem um destino também análogo ao de La Rioja, devendo secundá-la. Somente num momento posterior, quando essa luta já estiver resolvida, deverão ser buscados os interesses comuns com as demais regiões da Argentina.

Pefialozza, que meses antes invocara a questão da nação como superior nos destinos regionais, em virtude da mudança de atitude política invoca claramente a preeminência da província em relação ao Estado Nacional. Assim, a entrada de negociações com outras províncias deve passar pela identificação dos problemas e encontrar também idênticas soluções. Se o governador Posse não tiver compreensão disso, estará contra sua própria população, sendo responsável por um eventual derramamento de sangue argentino.

No mesmo dia 16 de abril seria divulgada uma "proclamação" que examinaremos adiante, e uma carta ao presidente Mitre, alertando-o para a ruptura das relações com o governo central e expondo os motivos que o levaram a comandar mais uma sublevação armada.



"Después de la guerra exterminadora por que ha pasado el país, y después de todos los medios puestos en juego para terminar ese malestar de todas las provincias, muy conforme y lleno de fe en el programa de U.E. han esperado los pueblos argentinos una nueva era de ventura y progreso; han esperado ver cumplidas las promesas hechas tantas veces a los hijos de esta desgraciada patria.

Pero muy lejos de ver realizado su sueño dorado, muy lejos de ver cumplidas sus esperanzas, han tenido que tocar el más amargo desengaño, al ver la conducta arbitraría de sus gobernantes, al ver despedazadas sus leyes y atropelladas sus propiedades y sin garantías para sus mismas vidas. Los Gobernadores de estos pueblos convertidos en otros tantos verdugos de las provincias cuya suerte les ha sido confiada, atropellan las propiedades de los vecinos, destierran y mandan matar sin forma de juicio a ciudadanos respetables sin más crimen que haber pertenecido al partido federal y sin averiguar siquiera su conducta como partidarios de esa causa. Yo mismo, que he esperado ver realizadas las promesas hechas a esta provincia y a los demás, según el tratado celebrado conmigo, he sufrido hasta el presente la más tenaz hostilización por parte de los gobiernos circunvecinos, ya teniendo y mandando ejecutar a los hombres que me han acompañado, a pesar de la garantía que por ese mismo tratado tenían, ya requiriéndome tales o quales individuos que estaban asilados a mi lado para evitar la muerte segura que les esperaba si, creyendo en esas garantías volvían al seno de sus familias; y, por último, despedazando mi crédito i haciéndome pasar por un hombre más criminal, sin más causa que haber comprendido mi deber y no haber querido prestarme a servirles de agente en sus criminales propósitos.

Mil veces se ha levantado mi voz y elevado suplicas al Gobierno Nacional, pidiendo justicia y el castigo de esos hombres, sin que haya encontrado justicia, y teniendo que someterme al azote de sus tiranos.

Es por esto, Sr. Presidente, que los pueblos cansados de una dominación despótica y arbitaria, se han propuesto

hacerse justicia, y los hombres todos, no tendría más ya que perder que la existencia, quieren sacrificarla más bien en el campo de batalla, defendiendo sus libertades y sus leyes y sus más caros intereses atrapellados vilmente por los perjuros.

Esas mismas razones y el verme rodeado de miles de argentinos que me piden exija el cumplimiento de esas promesas, me han hecho ponerme al frente de mis compatriotas y he cedido nuevamente la espada que había colgado, después de las tratadas con los agentes de U.E. No creo merecer por esto el título de traidor porque no he faltado a mis promesas, sino cuando a mí me ha faltado, y cuanto se ha burlado la confianza de todos los argentinos.

No es mi propósito reaccionar al país para medrar por la influencia de las armas ni ganar laureles que no ambiciono. Es mi deber el que me obliga a sostener principios y corresponder hasta con el sacrificio de mi vida a la confianza depositada en mí por los pueblos. Es, en una palabra, el amor a la patria, ese sentimiento natural de todos los corazones, y que debiera ser el que dirija la conducta de los primeros mandatarios para corresponder a la fe con que el pueblo argentino depositara en ellos su suerte.

U.E., como jefe de toda la Nación, es el padre de todos los argentinos, y es de quien deben esperar sus hijos el remedio para estos males, y si desayendo la voz de ellos no pasiese término a esta terrible situación veremos, con pesar, correr a torrentes la sangre de todos los argentinos y las consecuencias pesarán sobre los que la hicieron vertir." 12

Este documento apresenta alguns pontos importantes.

Primeiramente, percebe-se que o caudilho não menciona sua inconformidade com o governo mitrista no momento seguinte à derrota de Urquiza; ao contrário, cita-o como uma esperança de todos os argentinos, incluindo-se a si mesmo. Dessa maneira, é em nome desse governo - e não o próprio governo - que se cometem

12 Archivo de Mitre, apud Luna, op. cit., pag. 225-226.

os desmandos nas províncias. São os governantes liberais do interior que provocaram a situação calamitosa que o caudilho relatava como motivo de sua ruptura, não o governo Mitre! As condutas arbitrárias em relação aos "federalistas" era uma atitude revanchista de autoridades que receberam delegação de poderes de Mitre, mas que não estavam respaldadas pelos "pueblos argentinos". Diferentemente dos tempos de Urquiza, que se apoiava nos caudilhos provincianos, os tempos de Mitre trouxeram no dizer de Chacho lideranças ilogísticas. Fica portanto uma porta aberta para negociações com o governo nacional, desde que afastadas as ameaças aos verdadeiros representantes dos interesses provincianos. Mais uma vez, os governantes das províncias vizinhas são transformados nos autênticos culpados da crise riojana! Não são os antigos "montoneros" que agrideem suas comarcas, mas na verdade vítimas ameaçadas pela perseguição daqueles governantes, protegidos e amparados por Pefaloza e seu tratado.

Por outro lado, Pefaloza se refere a um permanente pedido de providências ao governo nacional. Na verdade, como vimos, são esparsas suas comunicações com Mitre e seus representantes. Nessas há referências ao caos econômico, mas não é atribuída uma culpa diretamente ao governo nacional e muito menos as autoridades provincianas. Aparece muito mais uma tentativa de apoio econômico, e queixas localizadas sobre a intolerância das vizinhas. Naquela situação de aproximação a Buenos Aires, Chacho lamenta a intromissão alheia em assuntos de sua competência, mas não desfila esse rosário de atribulações como de responsabilidade dos liberais.

A situação de desespero dos provincianos desamparados é a única razão pela sua quebra do tratado. Tendo em vista que as promessas deste tratado não foram cumpridas, Peñaloza como legítimo representante dos interesses riojanos, por extensão dos demais "pueblos argentinos", legitimar-se para condução de uma guerra total. Essa guerra, em nenhum momento da exposição se apresenta como contra Mitre, mas contra autoridades que em nome do presidente cometem tropelias. Caberia ao presidente, como chefe da nação e "pai" de todos os argentinos — como ele, Chacho é o "pai" dos riojanos, numa interpretação típica do poder dos caudilhos —, tomar medidas para evitar o banho de sangue. Tais medidas só poderiam ser a desautorização daqueles que provocaram essa situação crítica, restabelecendo os verdadeiros representantes dos provincianos e afirmando-os como as legítimas autoridades. Peñaloza se dispõe a acatar a autoridade suprema de Mitre, desde que os mitristas do interior não interfiram na política da sua província. Novamente aqui Peñaloza e os seus "montoneros" estão unificados pelo discurso, e a reação contra o governo nacional é uma "patriada" de todos.

Quase dois meses mais tarde, quando Peñaloza encontrando apoio em alguns federalistas cordobeses ocupou a cidade de Córdoba, apareceram suas primeiras comunicações com Urquiza. Pensava o caudilho que deixando para trás as tropas nacionais que o procuravam em La Rioja, poderia fazer um movimento mais amplo com Urquiza, ocupando todo o litoral e colocando em chegar que a posição de Mitre na capital. Como já foi dito, não se sabe se isso era uma manobra própria de Chacho, tentando Urquiza

com o que seria uma boa oportunidade de voltar ao poder, ou se realmente teria havido algum entendimento prévio. De qualquer forma, essa tomada de Córdoba não se deveu a uma situação do momento, mas estava planejada pelo que se deprende da carta que Chacho escreveu ao governador. A primeira carta mandada a Urquiza é de 7 de junho de 1863; o caudilho estava próximo a Comodoro, preparando-se para ocupação da capital da província:

"Halléndole en este punto, he creído conveniente mandar a U.E. a Dn. Enrique Malter de Puck, para dirigirme a U. comunicándole qe, atendiendo las quejas y intereses de estos pobres pueblos, me ha puesto a la cabeza del movimiento de Libertad igual al qe. U. hizo el 1o. de Mayo en esa heroica Provincia contra la tiranía de Rosas, si U. estaviese en estos pueblos vería cuanto han sufrido y cuanto los han asesinado y vería también qe. este mobimiento es contra otra tiranía peor qe. la de Rosas. Ya creo Señor General encontrar en esta ocasión al mismo hombre del 1o. de Mayo y por lo mismo me dirijo a U.E. para ponerme a sus órdenes seguro de qe. aprobará mi conducta y me dirá qe. debo hacer ahora." 23

E muito interessante observar-se a equivalência que Chacho faz entre sua revolta e o movimento de Urquiza que resultou em Caseros.¹⁴ Primeiro porque não associa sua insurreição à luta de Urquiza com Mitre, que pareceria a analogia mais imediata; assim, ele não está conclamando o antigo chefe a entrar numa nova luta com o governador de Buenos Aires, com quem Urquiza se encontra agora em paz. Está associando o atual estado em que se encontra a Argentina ao período de Rosas, comprometendo o entrerriano com sua mais reconhecida façanha, a vitória sobre as forças resistentes, à frente de um amplo leque de

13 Archivo General de la Nación, Legajos de Urquiza, Tomo 256, documento 101.

14 Também a categoria equivalência merece algumas considerações. Só é possível estabelecer uma equivalência discursivamente, se existir uma diferença entre os termos. A equivalência no discurso é um ato de subversão do caráter diferencial dos termos.

aliados. Se oferece a Urquiza não uma mesquinha oportunidade de revanche, mas a chance de uma vez mais ser o condutor de todos os argentinos. Sem Urquiza, um nome com muito mais possibilidades de reconhecimento pelo feito de Caseros, a revolta de Chacho tem poucas possibilidades de atingir um âmbito nacional. É interessante comparar essa nota de Chacho com uma que Urquiza recebeu de Juan Sáa - que anos depois estaria tomando parte ativa da sublevação no Cuyo - no dia 9 de janeiro:

"Ya tendrá conocimiento que, en todos los pueblos del interior, se ha establecido una tiranía igual a la que V.E. derrivó en Caseros.

Esa obra inmortal, el grandioso edificio de la nacionalidad argentina que estableció V.E. empleando para ello todo el esfuerzo de un patriotismo ha sido destruido por los ingratos, anti-patriotas enemigos de V.E. y de la prosperidad de las provincias."¹⁵

Não se apela ao Urquiza derrotado por Mitre - ou pior, ao Urquiza que convive com Mitre -, mas ao Urquiza vitorioso que representava a imposição dos provincianos sobre os portenhos de Rosas. A esse condutor, Pefaloza colocava-se como subalterno, delegando-lhe a direção geral dos assuntos das províncias, desde que fosse o "mismo hombre" de Caseros.

Em 14 de julho, já com suas tropas acantonadas na cidade de Córdoba, Pefaloza escreveria uma vez mais a Urquiza:

"...segui mi marcha à esta capital como se lo he indicado a V.E. y dos días antes de llegar recibí la noticia de que nuestros correligionarios de este Provincie habían ya efectuado el cambio político que nos proponían, lo que me hizo precipitar la marcha para poner a sello à esa grande obra de los beneméritos cordobeses.

En esos momentos llegó à esta

¹⁵ A.G. de la Nación, Legajos de Urquiza, Tomo 252, documento n.º 70.

Capital y encuentro al Sr. D. Pio Achabal encargado del mando de esta Provincias se ha entendido con él y con los demás beneméritos patriotas que le acompañan y en consecuencia puedo asegurar a U.E., que con la cooperación de ellos pondré en pocos días un ejército no tan solamente para sostenerse, sino para desbaratar todas las fuerzas que pudiesen organizar nuestros enemigos, con el íntil objeto de sostenerse.

Por fin, Exmo. Sr. puedo responder a U.E. de la situación de las Provincias Argentinas, pero es necesario que aparezca al frente de la reacción-política del país U.E. circunstancia sin la que serían estériles todos los sacrificios hechos y la sangre derramada hasta ahora para libertar nuestra patria.

Con bastante fundamento espero que U.E. no solamente se podrá en pie inmediatamente para llevar a cabo la obra que he iniciado, sino que también no perderá momento en comunicarme sus instrucciones las que serán cumplidas con la lealtad y decisión que U.E. conoce." 16

Com esta carta, foi remetida no mesmo dia uma outra detalhando mais as condições que pensava existirem para a formação de uma força capaz de fazer frente e derrubar o governo liberal representado por Mitre:

"...teniendo hasta este momento mil hombres de Infantería y mas de quinientos de caballería sin embargo de hacer solamente cuatro días a que se efectúe la revolución, por esto verá U. que con muy poco trabajo puedo tener en esta Provincia ocho ó diez mil soldados con lo que nada nos falta, sino que U. monte a caballo para concluir definitivamente la obra de reconquistar nuestros derechos y libertades. (...)"

"En una palabra, es necesario que U. mire con los ojos mas benignos a sus servidores, y haga conocer al mundo entero que nuestros enemigos no solo pretenden sostenerse contra la justicia y contra la opinión del país, sino que también para vengarse del patriotismo y valor de los verdaderos argentinos, cometem contra ellos

16 Jornal "La Nación Argentina" n. 231, 26 de junho de 63, apud. LIMA op. cit., pag. 230.

*"Los hechos mas bárbaros y atroces que no los cometieran los salvajes de las Pampas."*¹⁷

Na primeira das missivas do dia 14, Peñaloza procura estimular Urquiza pela globalidade da reação ao governo Mitre. Sua entrada em Córdoba não se constituiu na tomada de uma cidade acaso desguarnecida; os próprios cordobeses haviam derrubado um governo e estabelecido no poder correligionários, ou seja, a "montonera" chachista apenas assistira a volta de antigos companheiros. Logo, o exército que Peñaloza se dispõe a formar não se restringe à representação dos distantes Llanos riojanos: é uma tropa que representa o descontentamento de todas as províncias. Tais sacrifícios que está disposto a fazer, no entanto, dependem dum condução mais legitimamente aceita por todos, a do vencedor de Caseros. Isso contradiz o que afirma no início: se o movimento que até o momento dirige é representativo de todos os provincianos, para que a presença de Urquiza? Na verdade, o caudilho comprehende muito bem as limitações de sua investida. A possibilidade de levantar dez mil soldados em Córdoba, onde chegou com apenas 500 cavalariaos, é muito remota sem a presença de um chefe que realmente sobreponesse os limites da influência de Chacho. Por essas razões o caudilho cobra de Urquiza a liderança de uma luta que ele apenas podia iniciar: seu papel desorientando as tropas do governo e deixando-as isoladas em La Rioja acabava de terminar; a única continuidade possível seria tomar outro rumo, com um horizonte mais amplo.

Conforme Luna,¹⁸ Urquiza mesmo não tendo recebido diretamente essas comunicações de Peñaloza, que foram interceptadas,

17 Idem, pag. 230-231.

18 Luna, op. cit., pag. 229.



tadas, tomou delas conhecimento pela publicação das mesmas na imprensa, além de ser cientificado pelo próprio Mitre. Fiel às suas tratativas com o presidente, permaneceu alheio à convocação de Chacho. O caudilho foi batido em diversos confrontamentos em Córdoba, retornando a La Rioja, onde faria aquele período que mereceu a admiração do próprio Sarmiento. Talvez convencido da inutilidade da luta, agora que se restringia ao próprio território provincial, cercado por muitos efetivos, Peñaloza procura um contato com o seu mais fidalgo adversário, o governador Sarmiento, agora investido dos poderes de "Director de la Guerra". Em 26 de agosto de 1863, Chacho escreve a Sarmiento propondo negociações:

"El que firma, con el deseo de terminar la incansante lucha en que se ve comprometido con las fuerzas mandadas por U.E. de esa provincia y de las demás, ha dispuesto a dirigirse a U.E. para que le manifieste cuál es el verdadero fin que se propone al hacer a estas provincias y la suya misma, una clase de guerra, que no dará otro resultado que el constante derriamiento de sangre argentina, y el exterminio y la destrucción total de las propiedades, porque si el infrascripto se ve en el caso de hacer uso de los intereses de su provincia para sostenerse, las fuerzas de U.E. que expedicionaron a esta provincia con igual o menos derecho no solo hacen uso de lo que precisan, sino que destruyen todo o cuanto encuentran, sin respetar las propiedades y vidas de los vecinos, haciendo así una guerra enteramente vandálica y destructora, muy indigna de un gobierno culto y civilizado, y que si la nación entera ha puesto en sus manos los recursos con que cuenta, no lo ha autorizado por eso para exterminar a sus habitantes, ni destruir y arrasar las propiedades particulares.

En vista de esta dolorosa situación a que ha quedado reducido el país

entero, se dirige el que firma a U.E. pidiéndole una explicación de esta conducta, y de las razones que motivan el Gobierno Nacional a continuar en el temaz propósito. U.E. sabe muy bien que no sólo peleando se triunfa y con política y tomar medidas más conciliadoras conseguirá lo que no ha de conseguir del modo que se propone".¹⁹

Esse parece realmente o desabafo de quem está no final. Ao atribuir a Sarmiento o descalabro em que se encontram propriedades e a população riojano, usa o mesmo argumento do governador de San Juan para justificar a ferox repressão aos "montoneros" dos Llanos, qual seja, replicar a violência com igual violência. O exterminio dos chachistas se devia aos ataques a pessoas e bens das províncias vizinhas. Chacho replica que esses atentados se devem aos danos causados pelas tropas nacionais em sua província.

Volta Peñaloza ao antigo discurso de colocar um ponto final à questão por uma solução negociada, como na paz obtida no ano anterior. Para tanto, coloca a responsabilidade da atual guerra sobre os ombros de Sarmiento; bem diferentes foram suas manifestações do início da campanha, quando justificava sua abertura de hostilidades a partir do não cumprimento de tratativas feitas. Agora, a impressão que procura dar é de que lhe fizeram a guerra, e novamente a ele cabe o papel de negociador da paz e de criador das condições básicas para um convívio sem atritos. Daí o apelo a Sarmiento, o fundador na Argentina da dicotomia "civilización y barbarie", para a reflexão sobre o papel dos governos "cultos e civilizados". Ele Chacho, o "bárbaro", propõe a Sarmiento a solução "civilizada", enquanto Sar-

¹⁹ Sarmiento, op. cit., 157-158.

mento prossegue com a prática "bárbara" que é a guerra de extermínio. Chacho preocupa-se e insiste na cessação do derretimento de sangue! Sarmiento recomenda a Mitre que "não ahorre sangue de gauchos".

Deslocando Sarmiento para a condição de iniciador da luta, de empregar os métodos mais incivilizados e de não justificar suas ações a quem as delegou, Peñaloza assume o papel do único fiador da paz republicana no norte argentino, do único líder verdadeiramente capaz de restabelecer a civilização e o convívio pacífico na região. Desaparece o comandante das "montoneras" ilanistas e ressurge o chefe capaz de comandar a retirada para os lares e restabelecimento da ordem pública em La Rioja.

A guerra proposta por Sarmiento era no dizer do mesmo uma "guerra de polícia"; Peñaloza não seria mais combatido como general da Confederação, mas como bandoleiro comum, para quem não valem as condições tidas com belligerantes reconhecidos. A investida surpreendente de Chacho em território intílio, quase capturando a própria capital provinciana de San Juan, deve ter acirrado os ânimos de Sarmiento. Iniciava-se a última perseguição ao caudilho, que internava-se em La Rioja buscando refúgio. Dois dias antes de ser alcançado pela tropa de Irrazábal que o executaria, o chefe das "montoneras" alimentava ainda uma última esperança em Urquiza, para quem escreveu em 10 de novembro de 1863:

*"Después de repetidas veces que me
he dirigido a U.E. oficial y
particularmente, no he conseguido*

contestación alguna, mientras tanto he continuado yo con los valientes que me acompañan luchando con la mayor decisión y patriotismo contra el poder del Bob. que si bien algunas veces no he triunfado por la inmensa desventaja de la posición y circunstancia, no por eso ha sufrido menos su Ejército, que ha perdido la mitad de sus mejores jefes y de su tropa de Línea.

Todos estos sacrificios y esfuerzos y los que en adelante estoy dispuesto a hacer, han sido y son, Sor. Gral., con el fin de quitar a Buenos Aires los elementos y el Ejército que sin esto habría sacado de las Provincias, y hasta la mitad de su tropa de Línea la tiene constantemente ocupada en hacerme la guerra, quedando hasta el presente muchas de esos cuerpos completamente deshechos.

En una palabra, con la guerra que les hago, le quito cuanto podía tener para llevar la guerra a Entre Ríos, y a cualquier otro poder que puede servir de inconveniente a las pretensiones firmestas que contra nuestra patria tiene ese Bob.

En medio de esa asorosa y desigual lucha nada ve desaliente si llevase por parte el pensamiento de U.E. de ponerse al frente de la fácil reacción de nuestro partidos sin embargo de que cuanto he hecho ha sido fundado en los antecedentes que U.E. me ha dado, es por esto en esta vez me dirijo a U.E., y mando al Teniente Cl. D. Tomás Geli y al de igual clase D. Ricardo Rodríguez, quienes de viva voz manifestarán a U.E. la situación en que nos hallamos y cuanto se puede haber con que U.E. se dirija una contestación terminante y pronta, que será la que adelante me servirá para mi resolución, en la inteligencia que si en ella se negase a lo que nos hemos propuesto, tomaré el partido de abandonar la situación retirándome con todo mi ejército fuera de nuestro querido suelo Argentino, pues estos me dicen diariamente que si U.E. se negase con gusto irán conmigo a mendigar el pan del Extrangero antes que poner la garganta en la cuchilla del enemigo." 20

Vejanse a inverso que faz Paffaloza em relação às demais comunicações feitas a Urquiza. Até a tomada de Córdoba, o

20 A.G. de la nación, legajos de Urquiza, Tomo 259, documento 270.

caudilho age como se tivesse algo combinado em relação a um plano maior que envolvesse Urquiza, oferecendo a este uma situação consolidada, bastando ao entrerriano "montar a caballo" e usar seu prestígio para derrubar um governo golpeado de morte. Aqui ele relata que com seu esforço, apesar das dificuldades, manteve distraído o exército nacional em sua perseguição, o que evita a repressão nas demais províncias, possibilitando a ação de Urquiza. Mitre não poderá levar a guerra à Entre Ríos, o que significa que Entre Ríos pode, pela decisão de seu chefe supremo, levar a guerra a Buenos Aires. Peñaloza que meses antes podia levantar dez mil soldados em Córdoba, portanto em condições de entregar o poder a Urquiza, é agora capaz apenas de manter ocupadas as tropas nacionais. Mais do que nunca é necessária uma manifestação do entrerriano para definir os acontecimentos. A ele agora se impõe recompensar os esforços de Chacho. Ele agora se coloca inteiramente nas mãos de Urquiza: se este aderir à luta, os esforços dos "montoneros" dos Llanos não terá sido em vão; se houver recusa, Peñaloza sente-se avisado para procurar o exílio com seus comandados. Urquiza, que não iniciou o movimento, que manteve por meses a expectativa do caudilho por alguma orientação, é quem agora decidirá sobre os rumos da guerra civil.

Nessa documentação de Peñaloza endereçada às autoridades nacionais ou provincianas transparecem algumas linhas gerais. O caudilho sempre se posiciona como portador de um poder de fato, como o verdadeiro comandante de La Rioja. Esse poder se deve fundamentalmente a uma legítima representação dos inter-

ressos da população do campo: isso pode levá-lo a uma abertura de hostilidades, buscar tratados de paz, procurar soluções para os problemas econômicos. Esse poder do caudilho garante a identificação de seus interesses com os de La Rioja, por extensão com as demais províncias, vindo a adquirir o verdadeiro significado de Pátria. A guerra jamais é colocada como uma solução; o caudilho reitera a necessidade de paz como fiadora de uma pretendida "civilização", sendo a luta armada uma contingência quando são frustradas as esperanças da população que ele representa.

Os documentos que visam são todos de caráter particular enviados a autoridades regionais ou nacionais, buscando aliados para suas campanhas ou abrindo negociações com adversários políticos. Sua divulgação, portanto, foi extremamente limitada e, mesmo quando eventualmente publicadas, isso aconteceu em locais onde o caudilho não tinha a menor penetração, como na população urbana de Buenos Aires, por exemplo. A partir de agora, examinaremos os documentos que tiveram difusão ampla buscando transmitir ao máximo a palavra do caudilho, e que são aqueles que justamente procuram estender à população do campo o antagonismo de Peñaloza e seu grupo com a oligarquia portenha.

Antes de apresentar essas "proclamas", há algumas considerações a fazer. Nos capítulos iniciais desse trabalho, nos referimos a um aspecto que consideramos de vital importância na compreensão do poder dos caudilhos: o caudilho se apresenta como um "gaucho" comum, portanto representante dos demais "gauchos" que compõem suas forças; ele é o chefe não devido à

sua condição de proprietário rural, mas pelas suas capacidades superiores enquanto "gaucho" e enquanto militar.

Relata Sarmiento que no primeiro exílio de Pefaloza no Chile após ter acompanhado a campanha de Lavalle, alguém que o conhecia perguntou-lhe como passava, ao que o caudilho respondeu: "Cómo? me a dir, amigot! En Chile y a pie!". Acrescenta ainda Sarmiento nessa mesma página:

"Llamava la atención de todos en Chile la importancia que sus compañeros generalmente cultos daban a este paisano semi-barbaro, con su acento rionero tan golpeado, con su chiripá y atavias de gaucho." 21

O que para Sarmiento era uma prova da barbarie do caudilho, evidentemente que servia muito bem a Pefaloza para mostrar-se um gaucho legítimo dos Llanos rionegrenses. No Chile a pé não era nada, mas em La Rioja e a cavalo era o mais representativo dos líderes da plebe do campo. A única foto conhecida de Chacho mostrava, já passado dos cinquenta anos, mais ou menos como na descrição de Sarmiento: os cabelos presos pela "vincha", a "rastra" na cintura, de onde pendia a tradicional adaga. Mantinha, pois, a aparência de um homem do campo, quando já era um famoso general da Confederação.

Além da aparência que lhe dava a indumentária, comentam também seus biógrafos seu quase analfabetismo. Os poucos documentos em que aparecem suas próprias grafias o atestam bastante bem. Normalmente falava usando as expressões idiomáticas e o sotaque típico dos Llanos, o que mais o aproximava a seus comandados, recrutados no campo.

21 Sarmiento, op. cit., pag.71.



Mas apenas isso não seria o suficiente. Peñaloza, além de ser "un gaucho que nada otra cosa entiende que de las cosas del campo", precisava ser o melhor dos "gauchos". Tais qualidades ele demonstraria muito cedo, na primeira campanha de Facundo Quijogas na batalha de Tala, em 1826, Chacho Peñaloza percebendo a vantagem que a artilharia de Paz dava aos adversários, conseguiu laçar várias peças de artilharia, tornando-as do inimigo; mais tarde, nos combates de La Tablada e Oncativo ele repetiria a feição.²² Brasil Berson em sua biografia de Garibaldi relata o impacto que sobre as tropas austrofaçadas causou idêntico fato executado pelos gaúchos que Garibaldi levara do Uruguai;²³ no caso de Peñaloza esta impressão deve ter sido muito significativa nas tropas quiriquistas, merecendo seu autor honras militares. Peñaloza não era apenas o comandante que dava ordens; assim como o estancieiro tradicional, ele era capaz de usar os instrumentos de trabalho do peão e colocá-los em ação nas condições mais arriscadas.

Essa liderança por ser o "melhor entre iguais" o caudilho manteria até seu final. Em sua biografia de Chacho, Samiento se refere a uma discussão que Peñaloza teve com seu lugartenente Pablo Ontiveros sobre a oportunidade de atacar ou não San Juan, ao que o caudilho desgostoso teria dito: "a lo que estoy viendo yo estoy demás por aquí y no quiero ser estorbo para otros mejores que yo"; não eram "melhores", tendo todos, inclusive o recalcitrante, seguido suas ordens.²⁴

Infelizmente, esses dados sobre os modos e atitudes de Chacho são escassos, e possivelmente boa parte deles de du-

²² Luna, op. cit., pag. 182.

²³ Sarsiento, op. cit., pag. 171.

vidosa veracidade. No entanto, genericamente se pode afirmar que sua aparéncia como de um "gaucho" ser facilitadora em transformar os antagonismos; atenuava o de classe e transferia o da oligarquia regional para os peões. Partindo dele, os pronunciamentos políticos que dirigia à massa rural tinham melhores condições de receptividade que vindos de um Sarmiento vestindo uniforme francês e montado à maneira inglesa.

Os pronunciamentos que examinaremos são três; há um outro realizado quando de sua campanha contra Rosas em 1845, e optamos por deixá-lo de lado por não corresponder à limitação deste trabalho.²⁴ O primeiro que veremos, é uma proclamação aos seus soldados após o tratado de La Banderita, conclamando-os a voltarem aos lares depois da árdua campanha realizada nos primeiros meses de 1862:

"Soldados: Hubo un dia aciago para nosotros en que de vuelta de una expedición que efectuamos por orden de nuestro gobierno, nos vimos acosados y perseguidos a muerte, sin comprender por nuestra parte la causa de tanma persecución. Nosotros acudisteis como siempre al llamado de vuestro General y amigo, defensa de vuestras hogares y de vuestra vida que creíes amenazada injustamente. Compañeros! Me es grato anunciaros que estábamos en un lamentable error. La Comisión Pacificadora enviada por el señor Comandante en Jefe del I.º cuerpo del Ejército de Buenos Aires, nos asegura a nombre del Gobierno Nacional, que no es nuestro exterminio lo que se procura, sino el restablecimiento de la paz y el imperio de la ley en toda República. Nosotros sabéis que para laudables fines nunca fueron los últimos los habitantes de los Llanos. Amigos! Puesto que estábamos en error, apresurémonos a repararlo, declarando al Gobierno Nacional, que nunca fue nuestra intención rebelarnos contra su autoridad, sino simplemente defender nuestros hogares y

²⁴ Archivo de la Provincia de Córdoba, apud. Luna, op. cit., pag. 203-204.

nuestras vidas que creímos injustamente agredidos. Retirémonos, pues, tranquilos al seno de nuestras familias y allí esperemos susivos las órdenes que quieran transmisiones las autoridades nacionales y provinciales. Será el primero en ejecutarlas vuestra General y amigo."²⁵

O tratamento dado aos "montoneros" é como se a ação descrita fosse tomada coletivamente: nós efetuamos, nós estávamos, nossos lares, nossas vidas, etc. O que estivera em jogo no início das hostilidades fora uma disputa entre caudilhos, riojanos e santiagueños, pelo controle de Catamarca. Peñaloza se refere à crise com os Taboada como resultado de um dever cumprido por "todos" riojanos, obedecendo ordens emitidas pelo governo de "todos". Não só faz uma equivalência entre os chefes e seus comandados, como os remete a todos a uma referência superior, o governo nacional, que sabidamente não fora apoiado pelos comandantes riojanos. Esse desafio, a que "todos" comparecem ao chamado do chefe e "amigo", significava ao mesmo tempo a defesa das famílias e economias de "todos". É muito difícil pensar que uma questão envolvendo a fronteira de Catamarca e Santiago del Estero tivesse implicações imediatas para o cotidiano dos trabalhadores rurais de La Rioja; no entanto, o discurso do caudilho busca transformar uma questão política sobre o mando nas províncias do norte numa situação comprometedora dos interesses mais diretos de "todos nós".

Assim como "todos" comparecem ao chamado daquele que os representa, a constatação de um erro de avaliação na política dos adversários compromete a modificação do comportamento de "todos". O governo nacional não pretendia exterminar nem causar

²⁵ Dardo de la Vega Díaz "Mitre y el Chacho", apud. Luna, op. cit., pag. 214-215.

danos às propriedades de "todos"; o governo pretendia uma paz e respeito que valiam para "todos". As eventuais garantias e vantagens restituídas a Peñaloza são estendidas ao universo da população de La Rioja. Afinal, o que é louvável sempre encontra apoio em sua população. E o que era tão louvável? A recondução de seu legítimo representante à posição de maior poder na província. A intenção de "todos" riojanos jamais fora a insurgência contra seu governo, mas o temor de que estivessem em jogo suas vidas; obviamente, só o que estivera em jogo fora a posição de destaque de Peñaloza, já que, mesmo considerando os danos coletivos de uma guerra, La Rioja não enfrentara nenhuma invasão armada ao menos desde os tempos de Rosas. Os danos às propriedades e liberdades foram consequentes ao "pronunciamento" de Chacho. Mas o temor de Chacho é o temor de todos.

Finalmente, a questão da paz. A paz que restabelece Chacho também é a paz de "todos". Se o governo nacional enfim acaba por ter em Chacho a confiança, também isso é extensivo ao povo de La Rioja. A dissidência não passou de um equívoco duplo: os riojanos "todos" cumprindo uma missão do governo e sendo interpretados como rebelados, equivocadamente, e os mesmos riojanos pensando que o governo pretendia exterminá-los a "todos". Admitindo por "todos" o erro que cometiam, Chacho garantiria a "todos" a possibilidade de reconstruiram suas vidas num período de paz. Uma última observação interessante sobre esta "proclama": na única ocasião em que Peñaloza nomeia diretamente as pessoas que são alvo de seu discurso ele se refere a "habitantes de los Llanos", não de La Rioja. Isso está de acordo com

o que já falamos anteriormente sobre a área de influência dos caudilhos e da procedência dos "montoneros": eles são fundamentalmente peões de estância, nada tendo a ver com a pequena propriedade agrícola ou com o artesanato.

O segundo documento que examinaremos foi veiculado menos de um ano após o tratado de paz. A 16 de abril de 1863, simultaneamente à remessa de cartas para Mitre e para o governador de Córdoba, Chacho emitia uma "proclama" convocando para uma nova "patriada" contra o governo nacional.

"Compatriotas es llegado el momento solemne de reivindicar los sagrados derechos que los traidores y perjurios nos usurparon. La Patria nos llama de nuevo a afianzar en nuestras provincias el imperio de la ley, y las sabias instituciones que surgieron el gran día del pensamiento de Mayo, y se establecieron en Caseros bajo la noble dirección del héroe de Entre Ríos, Capitán General Urquiza.

El viejo soldado de la patria os llama en nombre de la ley, y la Nación entera, para combatir y hacer desaparecer los males que aquejan a nuestra patria y para repeler con vuestros nobles esfuerzos a sus tiranos opresores.

Vais a dar un nuevo testimonio de lealtad y valor, combatiendo, si necesario fuera de la lucha, y venciendo, porque nuestra es la victoria, desde que tenemos de nuestra parte la justicia de la causa.

Vamos a abrir una campaña y emprender una obra grande en su objeto y sufrimientos; pero llena de gloria al reconquistar vuestras sagrados derechos y libertades, reunir la gran familia argentina y verla toda entera cabujada bajo el mando sagrado de las leyes y bajo de los auspicios del padre comp.

Guardias Nacionales de los pueblos todos: al abrir esta campaña no olvidéis que vais en busca de hermanos, que el suelo todo que vais pisar, es argentina, y que el pendón de la nacionalidad no lleva el lema de la sangre y exterminio: nos la

sangre argentina debe economizarse, como los frutos de una paz duradera y beneficiosa para todos; lleváis la enseña de la ley del venerado código de mayo, ante cuya divinidad habéis postrar a esos hijos perjurados que olvidando sus deberes fueron a servir de instrumento ciego de las miras de sus propios enemigos. Nuestros nobles esfuerzos no serán aislados; todas las demás provincias responderán a nuestro llamamiento, y con un movimiento simultáneo harán desaparecer sus opresores.

El feliz resultado que han dado hasta ahora los primeros ensayos ha causado gran impresión en el ánimo de todos nuestros compañeros de causa y movidos del más patriótico entusiasmo se preparan a contribuir con sus esfuerzos, y sacrificar su existencia, si necesario fuese hasta conquistar el fin propuesto.

Adelante, pues, héroes argentinos; no desmintáis la opinión de bravos y leales que siempre habéis tenido; algunos esfuerzos más y habremos llenado nuestra misión y cumplido nuestro deber.

Contad conmigo, que no os abandonaré; antes, si, seré el primero en sacrificarme y rendir hasta el último aliento de mi vida en las aras de la patria.

Así os asegura vuestro compatriota y amigo."26

O discurso trabalha com múltiplos conceitos que estão montados numa ampla cadeia de equivalências. Os "compatriotas", convocados por um "velho soldado" que os representa, constituem a "família argentina". Essa família está nas "províncias", que em seu conjunto tem o significado maior de "nação inteira" ou de "patria", e o cumprimento do "dever" ou "missão" que lhes é inerente resultará na "justiça", no "império da lei", que é em última análise o ideal das "sagradas instituições" que surgiram na fundação da própria nacionalidade, ou seja, no "pensamento de Maio". O pensamento de Maio é diretamente relacionado a Urquiza, o "herói de Caseros", o segundo fundador dessa patria.

26 "Proyecto y construcción de una nación (Argentina 1846-1880)", organizado por Túlio Malperrin Donghi (Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1980) pag. 232-233.

Cumpre aos novos "heróis argentinos" a quem o discurso se dirige construir sobre esforços e sacrifícios as "liberdades" e "sagrados direitos", numa nova fundação daquela pátria duas vezes - Maio e Caseros - erguida e derrubada. E derrubada justamente por aqueles que esquecidos dos "deveres" para com a "nação são adeptos do "exterminio", tornando-se "filhos perjuros" ou "usurpadores" ou "tiranos opressores". Os soldados chamados ao dever devem combater os opressores economizando "sangue argentino", sendo agora os legítimos "guardas nacionais".

Pela primeira vez aparece nos documentos de Peñaloza, apesar de numa forma um tanto vaga, uma referência à Revolução de Maio; não há, no entanto, uma fixação nos momentos ou nos homens que simbolizam aquele movimento, sendo os ideais de Maio transferidos diretamente a Urquiza e sua vitória em Caseros. Urquiza é uma referência muito mais próxima em relação à luta proposta por Chacabuco: se este é o representante dos riojanos, Urquiza é o representante de todos os representantes provincianos, é o fiador de uma organização nacional que não interfere na autonomia dos caudilhos; assim, os ideais de Maio que fundamentalmente se centravam numa organização unitária e traziam propostas, algumas radicais, de mudança na economia argentina, são invertidos como significando a manutenção das tradicionais estruturas de poder nas diversas províncias, mantendo também a tradicional organização fundiária. Peñaloza, continuador de Caseros é também o continuador de Maio, e o movimento armado dos "terratenientes" dos Llanos sobrepassa seu âmbito regional para significar o anseio de toda a nação argentina.

Os usurpadores são aqueles que, como a velha ordem colonial ou como os seguidores de Rosas, interferem nas liberdades e direitos sagrados dos povos. Assim, são deslocados do âmbito portenho o ideário de Mayo - um movimento que se originou justamente em Buenos Aires - é a resistência à ditadura rosista - também enraizada nas lideranças unitárias da capital. O atual governo nacional é de maneira invertida associado ao passado colonial e a Rosas. Seus representantes são os perjuros que traíram o movimento de independência e a Confederação de Urquiza, e combatê-los é resgatar o passado mitificado de bem-estar da população conquistado nas duas fundações da nacionalidade argentina.

O combate de Peñaloza, um velho soldado da pátria, portanto em condições de ser a voz de todos os compatriotas, é pelo resgate dos direitos e liberdades que garante o império da lei, uma conquista de todos. A penúria de todos e as precárias condições de sobrevivência, que tinham sido definidas a partir da apropriação da terra ainda nos tempos coloniais, são transferidas para o antagonismo entre os caudilhos provincianos e a elite portenha exportadora: estes são os tiranos opressores que impedem aos legítimos portadores dos desejos nacionais o espaço para a afirmação das províncias, filadoras de Mayo e de Castros. Os novos heróis patrios têm sobre seus ombros a tarefa de restabelecer pelas armas a desejada autonomia provincial, única forma de novamente fundar uma nação que conte com os interesses de todos argentinos.

Em 16 de junho de 1863, dois dias depois de ter en-

viado duas cartas a Urquiza reclamando sua entrada na guerra contra o governo de Mitre, Peñaloza publicaria sua última proclamação convocando toda a população para integrar o movimento:

"Compatriotas! La propaganda reaccionaria iniciada en los Llanos de La Rioja, ha recorrido ya la mitad de su carrera.

Incorporadas a las más las numerosas fuerzas de la provincia de Córdoba vuestra General sabrá reunir los elementos necesarios para terminarla.

Cordobeses! Con la heroica revolución del 10, tenéis una gran parte en el movimiento que se ha encomendado por el ilustre patriota el General Urquiza.

Ellá ha evitado la sangre que hubiera precisamente corrido, para tomar un pueblo tan indispensable a mis medidas ulteriores.

Pocas fatigas mas, y habréis cumplido con el deber que os impone la patria.

Santafecinos! Vuestro orgullo y valor no desmentido en las largas luchas contra las pretensiones monopolistas del pueblo de Buenos Aires, me excusa indicaros la parte que os toca en este movimiento.

Imitad el ejemplo de los Lopes, Goiteas, Cobas y tantos patriotas de que abunda vuestro país.

Ved q' ésta es la causa de los pueblos, y que ella hará el porvenir santafesino.

Estranjeros! Mi marcha os probará cuan distante estoy de violar los derechos y garantías públicas, acordadas por los principios constitucionales & internacionales que rigen nuestro suelo.

Siempre seréis mirados y respectados si guardais la posición que os demarcan vuestras leyes y las nuestras.

Soldados todos de la nación!

Pocos esfuerzos se restan. Luchad con entusiasmo, el despótismo es frágil, la gratitud de la historia eterna decidid conmigo

Viva el General Urquiza

Viva la causa de los pueblos

Vivan los valientes que la sostienen!" 27

27 Jornal "El Nacional" 25 de junho de 1863, apud. Luna, op. cit., pag. 232.

Essa não é uma manifestação como aquela do início da luta, não sendo dirigida aos riojanos como os defensores últimos da nacionalidade argentina. Ao contrário, busca incorporar ao movimento iniciado nos Llanos as demais populações, até agora não envolvidas na guerra. De La Rioja partiu a resistência à opressão; se no documento anterior conclamava-se aos riojanos que mais uma vez ingressassem na defesa da causa das províncias, aqui temos o contrário; as demais províncias é que devem aderir à causa que os riojanos trazem.

Para tanto se faz necessário um referencial comum que abranja riojanos, cordobeses e santafesinos. A equivalência a ser estabelecida entre La Rioja e Córdoba deve passar pela negação de históricas rivalidades: La Rioja aparece como província justamente rompendo com a dominação de Córdoba; mais tarde foram caudilhos cordobeses, os Reynafé, que tramaram e executaram o atentado a Quiroga, temendo sua dominação sobre Córdoba. Tampouco teve Córdoba qualquer participação mais decisiva na vitória de Urquiza ou na sua posterior derrota em Pavón, sendo das primeiras províncias do interior a se incorporar à organização mitrista. Assim, Peñaloza busca a associação a partir do recentíssimo episódio da subida de Achával ao poder, sendo este "heróica revolução" o aspecto que legitima a entrada de Chacho na província. Realmente, as frágeis bases que Peñaloza procura criar para essa aliança não possibilitaram aquela idéia de incorporar à sua "montonera" amplos contingentes de cordobeses, e sua ocupação na província não resistiu muitos dias.

Santa Fé era, por outro lado, o caminho para o litoral. Além disso, tinha muito mais ligações com os movimentos armados de Urquiza no passado, e sua utilização como sendo o chefe supremo da insurreição tinha muito mais significado que em relação à Córdoba. Apela-se ainda para a tradição "montoneira" da província, notadamente o nome de Estanislao López. Aqui ocorre novamente uma inversão: López estivera no grande movimento federal dos anos vinte, quando constituiria com Rosas e Facundo Quiroga o "tríunvirato" que definira a Confederação rosista. Não havia, no entanto, uma afinidade entre os dois caudilhos provincianos: mais que aliados, disputavam áreas de influência, como a própria província de Córdoba. Também há outra inversão: no documento dirigido aos riojanos, Rosas é a antítese de Urquiza, do ideal provinciano; aqui apela-se ao nome de López, que foi seguidor de Rosas até seu final. Buscarse a invalidade de Santa Fé e Buenos Aires, definindo como chefe supremo a Urquiza, mas apela-se ao mais importante caudilho santafesino que se manteve aliado ao inimigo derrotado por aquele.

E interessante ainda nesta "proclama" algo que sobrepõe a conciliação aos habitantes das províncias. O apelo aos estrangeiros é uma via nova de legitimação do movimento: Peñaloza busca mostrar-se como respeitador de leis e direitos, podendo oferecer aos estrangeiros as mesmas garantias que estes encontram em Buenos Aires. Um eventual apoio a Buenos Aires caberia de sentido, desde que numa organização nacional não dominada pelos portenhos também haveria espaço para os não nacionais. Era importante desfazer a propaganda portenha de que os

caudilhos provincianos eram avessos à entrada de capitais estrangeiros e preferiam a manutenção de suas economias tradicionais. Também aqui assume importância a referência ao comando superior, Urquiza, que jamais se apresentou como empecilho aos interesses internacionais.

Nas três "proclamas" de Peñaloza são fundamentais as equivalências que se estabelecem entre o caudilho e a população a que se dirigem. Aos riojanos, para o desarmamento ou para a guerra, quem fala é o "velho soldado", o antigo companheiro de armas! como representante de todos os "montoneros" a declaração de Peñaloza interpreta o desejo de todos que participaram ou vão participar de ações armadas. Cabe à província, que fala pela voz do seu comandante, uma atitude patriótica, exemplar para a nação toda, seja na volta aos lares ou reiniciando a luta interrompida. Caudilho, soldados e província são equivalentes e significam o mesmo heroísmo das grandes formadas do passado nacional e seus condutores. A última proclamação, dirigida a uma platéia não riojana, busca-se de outras províncias o mesmo engajamento que La Rioja demonstrou; o sentimento de "patria", de "ser nacional", é aquele que o caudilho fielmente representa e que os "montoneros" dos Llanos dão exemplo.

O Chacho que escreve às autoridades e outros caudilhos sustenta sempre a sua representatividade como comandante provincial e líder de fato; nessas "proclamas" encontrando uma clara evidência da relação de poder que o caudilho estabelece com seus comandados. E colocandose em equivalência com os peões-soldados, sendo ele "general e amigo" mais um "velho sol-

dado", portanto representando pessoas das quais não apresenta distinções. O discurso interpela indivíduos que são da mesma natureza do caudilho, devendo agir de acordo com o mesmo. A "montonera" deixa de ser o braço armado na defesa dos interesses do próprio caudilho e adquire o significado de "guerra gaucha", da verdadeira "patriada".

CAPITULO IV

"Cinco Mil Ferocidades": Felipe Varela

*"Galopa en el horizonte
Trás guerra y polvareda
Porque Felipe Varela
Matando llega y se va"
(“La Felipe Varela” - Ríos)*

Felipe Varela não fazia uma figura de "gaucho" tão exteriortipada como Peñaloza. Existe inclusive uma foto sua onde, em companhia de Carlos Juan Rodríguez, aparece com traje de gala. Na sua fotografia mais conhecida, o caudilho se apresenta com uma vestimenta que combina partes de um uniforme militar com roupas campistas. Também não se encontram registros sobre seu linguajar, como no caso de Chacho; a julgar pelos documentos de seu próprio punho, tinha um grau de instrução mais adiantado que seu antigo chefe.

Varela tinha, no entanto, várias atribuições que podiam caracterizá-lo como "gaucho". Saber-se que por muitos anos se dedicou ao transporte de gado para o Chile; tropeiro é ainda em algumas regiões uma das mais admiradas feições que pode adquirir um "gaucho". Provavelmente em razão disso, tinha um admirável conhecimento das regiões da pré-cordilheira, um outro motivo para fazê-lo considerado pela população. Era igualmente um extraordinário cavaleiro, especialmente destro no manejo da lança, principal arma das "montoneras". Assim como Chacho, participava diretamente nos combates e neles sobressaía como



guerreiro.

Também como Peñaloza fizera uma carreira militar desde muito jovem, tendo alcançado suas graduações como oficial em campos de batalha. Legitimava-se, portanto, por uma ascensão obtida por méritos - valentia, habilidades com as armas, capacidade para comando -, não podendo ser comparado aos comandantes dos exércitos nacionais e suas burocracias.

O que mais chama a atenção em relação a Varela é a tenacidade com que enfrentava os inimigos. Nas condições mais adversas, as tropas de Varela sempre se caracterizaram pela "ferocia" com que combatiam; raramente, ao contrário de Peñaloza, Varela poupar adversários aprisionados. O próprio desaparecimento de Chacho justificava-lhe a violência exacerbada, que dera aos "montoneros" varelistas uma folclórica fama de saqueadores, violadores, associando-os às maiores atrocidades.

Não se conhecem tampouco documentos de Varela procurando acordos com seus adversários. Por outro lado, o governo nacional jamais considerou-o como um beligerante, como aconteceu com Peñaloza, propondo-lhe sempre uma guerra de extermínio. Logo, a violência com que a "montonera" se apresentava era provavelmente a única maneira de sobreviver. O pouco tempo em que Varela esteve comandando a rebelião no norte se caracterizou pela "guerra à morte", onde em poucas partidas foram jogados todos os recursos para tentar uma insurreição generalizada contra o Estado Nacional.

Examinemos os pronunciamentos de Felipe Varela. Permanecendo por um tempo muito mais curto como uma liderança im-

portante, a documentação de Varela é bem mais escassa que aquela deixada por Peralta. Há, no entanto, uma melhor elaboração em seus documentos, buscando uma articulação com outros setores da população, além de uma defesa do constitucionalismo e do panamericantismo. Sua proposta traz não só os interesses imediatos de autonomia para as províncias, mas situa-as numa plataforma com base na Constituição de 1853 e união dos povos americanos contra a opressão externa.

Como foi feito para Peralta, dividimos as manifestações emitidas por Varela. Há aqueles documentos que são dirigidos a autoridades ou outros representantes dos grupos dominantes que são contatados individualmente buscando apoio à sua causa, e aqueles públicos que procuram na população sensibilizar os futuros adeptos da sua "montonera".

Entre as comunicações mandadas a outros caudilhos, destacam-se aquelas enviadas a Urquiza. Aqui reunimos três cartas com conteúdo bem diferente: uma que mostra suas relações não só de subordinado como de encarregado de negócios particulares de Urquiza; uma segunda em que apela para que o entrerriano volte a comandar uma guerra contra Buenos Aires; a última, uma nota onde Varela justifica seu afastamento de Entre Ríos para o Chile, onde organizaria sua "montonera".

A primeira carta foi escrita durante o período em que vigorou o tratado de La Banderita, quando os proprietários de La Rioja estavam tratando de reorganizarem economicamente. Enviada em 25 de dezembro de 1862, presume-se que estivesse intermediando negócios de Urquiza no norte ou no próprio Chile.

"He tratado 1.000 mulas de buena calidad al precio de 20 \$ a entregarlas en San Juan a fines de Abril y para ese cumplimiento debo estar con U.E. en todo el mes de Febrero para marchar de allí en el mes de Marzo; porque de no hacerlo así sufriré una fuerte multa que tenemos ambos contratantes."

"Por esta parte escusado sería decirle que tiene un centinela perdido en cuanto se ofrece a sua persona. Este proveva marchando según las miras de U.E." 1

Ao que parece, Urquiza costumava com alguma frequência associar-se a correligionários seus para emprendimentos econômicos os mais variados, buscando com isso uma relação mais pessoal com seus adeptos. Varela estava sem dúvida nessa situação; além de "terrateniente", estabeleceria muitos contatos comerciais em todo norte argentino e no Chile, podendo ser utilizado por Urquiza como seu representante.

O final da nota tem um sentido dúvida: ser "sentinela" de Urquiza em La Rioja pode significar apenas aquela representação comercial nos negócios que a carta aludia; no entanto, dizer que a província anda de acordo com as intenções de Urquiza pode estar relacionado à idéia de um grande "pronunciamento" realizado em seu nome, como igualmente aparecia nos documentos de Peñaloza.

Com a derrota e morte de seu chefe imediato Chacho Peñaloza, Varela procura o exílio chileno, onde contava com muitas relações. Ainda era recente a derrota da "montonera" chachista quando Varela escreveu em 23 de janeiro de 1864 para Urquiza, colocandose às suas ordens para uma nova rebelião:

"Con respecto a la Administración

¹ Archivo General de la Nación, Legados de Urquiza, Tomo 251.

del Gral. Mitre, toda la mayor parte de la gente claman al Altissimo qe. S.E. monte a caballo aliviar de nuevo a la Repca. p-que, de lo contrario cae en un Abismo i sus habitantes serán victimas i tal vez S.E. tenga parte en esto p-que, como unico salvador de la patria i sus derechos. Todo habitante clava sus ojos en S.E. pidiendo justicia, pr. no poder soportar pr. mas tiempo las tiranias porteñas, escusado sería decir las razones minuciosamente pr. qe. toda la Repca. i a un la vecina están sufriendo el pesado llago de las tiranías porteñas, i del Sr. Mitre, quien con tanta amabilidad prometib arreglar el paiz presentando la mejor garantia al ciudadano i a la ley, i segun se ve hasta hoy todo es a lo contrario;

Los asesinatos de los porteños en las provincias, de dia se hacen mas inauditos en La Rioja han degollado niñas de siete i ocho años, i han orcado mujeres, cosas qe. no sea visto ni el año 40 qe. fue el mas arriago qe. se conoce entre la guerra i estos son los que van hacer feliz al paiz, no creo pr. qe. de relieve estan los hechos peores qe. los de D.Juan Manuel de Rosas, en finz (...)"

"En el momento de llegar a esta, trate de verme con los S.S. corls. Videla, Diaz i Rios i otros varios que se hallavan en este paiz, con quienes estamos de perfecto acuerdo, solo si nos faltan dos Elementos pa. formar una Bibn. de valer, primero la orden de S.E. segundo algunos fondos pr. no tener recursos los emigrados Argentinos, pero si pronto & cooperar con sus personas en toda cuanto nos sea posible, con tal motivo creo que formaremos una junta divn. pa. llamar la atencion a las probas, y evitar qe. esas fuerzas se reconsientren al Rosario o Bs. As. qe. siempre sera un mal a las miras politicas, o si fuese necesario otro punto sera qe. S.E. ordene. (...)"

"Mi Gral. yo estoy completamente escaso de recursos, con la compaña que hemos tenido del finado Gral. Peñaloza, ami familia le han dejado a la calle los porteñistas, no guardan consideracion alguna, ni con sus amos, mal podian dejarme ami, esto me motiba a mandar, ante S.E. manifestandole la grande necesidad de salbar estas pobres provas, qe. estan esclavizadas, si no puede mandar Letra pa. remediar lo ya.

dho, i si hubiese tiempo me manda 500 milas
vuenas como para hacer un negocio pronto i
salvar esta necesidad, el que va como
chileno puede pasar muy bien i lejero, S.E.
le dara recursos pa estos gastos, pues no
los lleva. (...)"

"Hai que lamentar la perdida de
nuestro Gral. Peñaloza, aun cuando él mismo
tiene la mayor parte de culpa pr. mas qe. ha
trabajado en arreglar sus jentes pa
liverarlo del peligro i a un liverarnos todos,
no conseguia cosa de valor, i pa. qe. se
desengafé mejor le recordare una
circunstancia muy necesaria, pues S.E. &
habrá visto qe. él pelaba pr. no cumplir
las ordenes de Mitre i qe. no tenía más que
respectar sino la orden de S.E. qe. no tenía
otro jefe, i vejo esa inteligencia no
formaba ningún programa, razon qe. sea
perdido otro trabajo, i solo males sean
visto en las pruebas pr. qe. los portenistas
se an hecho peor que tigres la amanidad
perdida."

"Si por alguna casualidad S.E. no
montase a cavalllo & campaña, en ese caso yo
tambien me retiro de la vida privada, i
necesito me sirba con el no. de milas ya
indicado pa. hacer un negocito i ver si gano
algunos pesos, i dejarle mi familia i
marcharme a esa a pagarle i seguir
trabajando como Dios me allade, esperando la
protección de S.E. este es mi modo de pensar
mi querido Gral. dispuesto siempre a sus
ordenes en cuanto fuere necesario." 2

A carta revela algumas coisas importantes sobre o
pensamento de Varela. Primeiramente, uma diferença em relação
ao que escrevia Chachot: este quando descrevia uma calamitosa
situação nas províncias costumava atribuí-la aos governantes,
não ao próprio Mitre; Varela acusa diretamente o presidente, os
"portenistas", a tirania portenha. Os que estão cometendo des-
mandos nas províncias não os estão cometendo à revelia do go-
verno nacional, mas cumprindo mandato deste. Não foram os go-
vernadores provincianos ou os militares do exército de ocupação

2 Ibid, Tom 261, documentos 149-150-151.

que atrabilariamente usaram um poder que lhes fora delegado por Mitre) é o próprio governo Mitre que deixou in cumpridas promessas feitas, impedindo quaisquer possibilidades de acordo.

Consequência disso, não há em Varela qualquer tom conciliador. Varela na sua futura insurreição jamais manteve diálogo com as autoridades constituidas; suas missivas aos adversários sempre foram chamamentos ao campo de luta. Ao contrário de Pellegrini - e provavelmente devido ao próprio fim que tem Chacho -, Varela jamais se apresentará como uma provável solução para a crise política do norte argentino. A última saída que percebe é o levantamento das "montoneras" riejanas, esperando ser apoiado pelo caudilho de Entre Ríos. Se Urquiza não se manifestar pela luta armada, Varela se dispõe ao retiro de seus negócios, mas não encontra caminho numa solução negociada.

Mitre é sinônimo de tiranias portenhases com falsas amabilidades iniciais, teria demonstrado seus verdadeiros intentos, traizando as leis que prometera respeitar e comprometendo os cidadãos argentinos, sendo equiparado a Rosas. "Toda" a República, "todas" as províncias, "todos" os habitantes são objeto desse jugo necessitando um "libertador", um "salvador", o próprio Urquiza novamente "a cavalo". O discurso associa o presidente Mitre diretamente a Rosas: Urquiza, o "libertador" que derrubou Rosas necessita retomar seu trabalho e derrubar o atual opressor, em nome de todos os argentinos. É importante aqui a veemência com que Varela construiu a situação provincial, de miséria e desamparo ante as demandas dos "portenhos": as sabidas relações amistosas entre Mitre e Urquiza após Payón

devem ser desfeitas pela opressão que sofrem aqueles "cidadãos" de "todas" as províncias, cujo comandante foi Urquiza.

Para sua guerra Varela tinha garantido no exílio o auxílio de vários chefes importantes, como Videla e outros. Estes homens teriam todas as condições de mobilizar homens armados, faltando-lhes apenas duas coisas: Urquiza e Urquiza. A referência dupla diz respeito ao mesmo tema que tanto afligia Pefaloza em sua comunicações com o entrerriano, a liderança do movimento e os recursos para levá-lo adiante. Somente a chefia de Urquiza poderia garantir uma disseminação das "montoneras" para áreas que pusessem em cheque a posição do governo central, bem como garantir o abastecimento necessário para as tropas rebeldes. A luta planejada por Varela é uma guerra de "libertação", cabendo ao "libertador" o apoio como líder supremo e liberando recursos. Estabelecendo a equivalência sua com o antigo comandante, Varela habilmente utiliza aquela referida situação de "sentinela" de Urquiza; o adiantamento de recursos pode ser uma forma da antiga parceria comercial, negociando mulas com o Chile. Urquiza não só é o chefe capaz de orientar e fornecer recursos para a "montonera", como o fiador para a reestruturação econômica do caudilho. Tanto a situação das províncias como aquela pessoal de Felipe Varela são atribuídas aos portenhos, e é contra esses que deve novamente "montar a cavalo" o entrerriano.

Uma última observação diz respeito ao seu antigo chefe, Pefaloza. É importante que Varela estabeleça uma distinção e proponha seu movimento como capaz de enfrentar vitoriosamente

as armas de Buenos Aires. Peñaloza foi derrotado, apesar dos cuidados que Varela teve para livrá-lo dos perigos da luta que se pretende iniciar agora não incorrerá nos equívocos da "montanera" chachista. Fundamentalmente o que faltava na rebelião de Peñaloza era um "programa" e a orientação de Urquiza, a liderança suprema das províncias, e em consequência todo o trabalho em arregimentar as forças e combater as tropas portenhais foi perdido, com reflexos danosos para a população. Sem Urquiza não há vitória possível, interpelando-se mais uma vez o entrerriano como o "salvador" da república. A definição de Urquiza contrária à pretensão de Varela significaria para o caudilho a retirada para afazeres privados.

Não se sabe se Urquiza comunicou-se com Varela ou se teria mandado os recursos que solicitava. Pouco mais de um ano depois, em maio de 1865, se declarava a Guerra do Paraguai, e pouco tempo depois Varela saía de seu exílio em Copiapó e vinha colocar-se ao serviço de Urquiza, designado pelo próprio Mitre para organização de exércitos e abastecimento de tropas no litoral. Ou por perceber que o recrutamento para a guerra causara extrema impopularidade na população do campo, com as inúmeras deserções dos acampamentos em Entre Ríos, ou por perceber que Urquiza estava completamente adicto ao governo de Mitre, Varela tratou de retirar-se de Entre Ríos novamente buscando refúgio no Chile. Comunicando e justificando seu afastamento, escreveu a Urquiza em 11 de dezembro:

"Hallandome hoy completamente vien de salido, suplico me permita licencia para convertar en esa con S.E. manifestandole me acompañan sierias razones para irme de un

galope a Chile; y volver en 50 ó 60 días, donde S.E. me ordene, pues en virtud de estar hoy aquel país en guerra con España, i teniendo ciertos vínculos que enlazan de negocios recibo grave perjuicio si no estar allí en estos días." 3

A curta nota mostra toda a picardia do caudilho em afastar-se de Urquiza sem provocar ressentimentos. Como oficial sob ordens diretas do comandante entrerriano, necessitaria uma razão convincente para retirar-se justamente num momento em que o superior necessitava toda disponibilidade possível, pelos problemas criados pelo recrutamento em Entre Ríos. Sempre aludindo sua subordinação ao chefe, o novo exílio de Varela no Chile é transformado numa viagem de negócios, o que era bastante familiar nas relações entre o caudilho e Urquiza. Os graves prejuizos que alegava de alguma maneira comprometiam Urquiza, quase sempre sócio ou fiador dos negócios de Varela no Chile. O caudilho mantém-se na hierarquia, solicitando a licença e estipulando seu regresso onde Urquiza o necessite; não é, pois, um deserto e mais tarde poderá novamente interpelar Urquiza como um aliado.

No início de 1867, precedido de sua célebre "proclama", Varela iniciaria sua campanha em La Rioja. Derrotado frontalmente por Taboada em Pozo de Vargas, o caudilho voltaria ao emprego da tradicional tática das "manteneras", buscando sempre uma ocasião favorável para uma rebelião em múltiplas localidades, dificultando a repressão. Alimentando essas esperanças, escrevia ao seu lugar-tenente Zalazar que havia ocupado a cidade de La Rioja com a saída das tropas de Taboada. A carta é de ³Ibid, Tomo 27B, documento 450.

22 de junho de 1867.

"Con respecto a la Prova. de Catamarca y Santiago U. está más cerca mande saber la verdad de los movimientos de dichas Provas, con hombres de confianza que deben haber en esa ciudad hasta la misma Ciudad de Catamarca pueden ir y hasta la Orqueta en la Prova. de Santiago para saber la verdad porque esto interesa mucho para nuestras operaciones."

Mañana despacho para Salta a un Comisionado que ha venido del Gral. La Torre.

Estamos arreglando un ataque al Paille Campos. Anoche he recibido la noticia que Videla y Chavero entraron a Mendoza y creo será cierto por que la Vanguardia a pasado de Chile en numero de 2.000 hombres, y por hoy mismo despacho un chasque para el sud a saber la verdad al Sgr. Coronel Lisondo ya que le he dado las ordenes necesarias para que organice todas las fuerzas que pertenecen a la Ciudad de La Rioja tanto en infantería como de caballería.

En los boletos de resistir esta pondrá Ud. presos a todos los enemigos de la causa que estén en esa Ciudad sin distinción de persona.

Nadie saldrá de ese Prova. para otro Departamento sin el pasaporte de Ud. y será dado al que convenga, menos a los enemigos.

El que no se presente al servicio de las armas para defender nuestra causa se reconocerá como enemigo y como tal se le tratará. Consideraciones con los amigos es muy justo; con los enemigos se trata como ellos nos tratan a nosotros." *

Varela é o comandante de fato de La Rioja e está habilitado a ocupar todo o norte argentino. Se a província e suas possui homens de confiança, também deve haver-los em Catamarca e mesmo na província dos Taboadas, Santiago del Estero. De maneira análoga Mendoza, se for verdadeira a notícia sobre a entrada de Videla. A presença desses "homens de confiança" é possivel em dúvida, no entanto, no próprio comunicado. Zalazar, o

* Archivo de los Taboadas, apud. Luna op. cit., pag. 285-286.

ocupante da capital provincial, deve tomar medidas repressivas contra os "inimigos da causa", restringindo os movimentos de todas as pessoas que desejem se afastar da cidade. O afastamento, na medida em que Elizondo está prestes a chegar com o fim de organizar forças, já é suspeita de traição. Por outra parte aparece explicitamente a "ferocidad" do caudilho na exigência de que aos inimigos se dê o tratamento que os "montoneros" usualmente recebem: a guerra agora é sem quartel, e a dureza com que Varela tratava os adversários era a resposta justa.

Também aparece neste documento algo que até então não era evidente: o recrutamento forçado para a "montonera". Sempre contando com a adesão das massas rurais que acompanhavam os seus chefes imediatos quando estes aderiam a um caudilho, os "montoneros" não tinham sua base sobre uma convocação desta natureza. No entanto Varela manifesta-se claramente sobre a importância que se deve fazer aos indecisos, que seriam tratados como inimigos, sujeitos a todas as penalidades destinadas a esses, em caso de recusarem a incorporação.

Meses depois, ainda em seu auxílio em Antofagasta, Varela procura novamente reencetar suas operações militares, desta vez dirigindo-se para as províncias de Salta e Jujuy. Para esse fim, manda vários comandos seus ao território visado e escreve a possíveis aliados. Um destes era o general Aniceto Latorre, antigo chefe federal, a quem Felipe Varela escreveu em 16 de agosto de 1867:

"Como proyecté la V.E. allegarme
hacia la parte del Norte, buscando nuestra

incorporación entre ambos, no me ha sido posible tomar otro camino por muchas razones que à nuestra vista le manifestaré, solo si le diré que estoy en este punto dispuesto a marchar donde U.E. me indique; la posición que ocupo no puede ser mejor para entrar en operaciones sobre... no espero más que su contesto.

El número de fuerzas que tengo en este punto son mil y tantos hombres, todos dispuestos a seguir nuestra campaña.

Espero que S.E. no demore un momento lo que haya que trabajar á este respecto, por que el número de hombres que tengo se hace mucho gasto y aun no hay donde sacarlos, como U.E. sabe lo que son estos lugares. (...)"

"Solo si le diré que el poder enemigo no está fuerte con un pequeño esfuerzo de los hijos de la patria se salvará nuestro país; la provincia de Tucumán no tiene poder, por el fraile Campos y Taboada están peleados completamente; quiere decir que teniendo una Provincia tenemos dos, y en esta época dos provincias valen mucha plata en sus manos."

Dijo despaché al Jefe de Estado Mayor ante S.E. el Señor Presidente Dí Mariano Melgarejo, dando cuenta de mi arribo á este punto, y á más buscando fusiles que tengo muy pocos tengo batallones mal armados, si S.E. tuviera por casualidad esta arma y le fuese fácil mandarla, hágala a la brevedad de un rayo.

En fin, deseo saber su resolución para así seguir nuestra política.

En los Valles de Salta, me avisará cuales son nuestros enemigos para lo que convenga." 5

Varela no exilia ainda é o comandante das "montoneras". Esta na melhor posição para atacar, conta com um número elevado de soldados aquerridos. Neste sentido, o auxilio que solicita a Latorre não aparece como uma necessidade premente, mas como uma operação coordenada de importância secundária; a disposição das "montoneras" para a campanha militar planejada

5 Francisco Centeno, "Las montoneras - Invasión de Salta y Jujuy por el célebre montonero Felipe Varela" apud Luna, op. cit., pag. 209.

sobrepassa seu eventual cansaço e a dificuldade em conseguir novos efetivos. Por outro lado, não acredita que as possibilidades das tropas nacionais sejam maiores que as suas, como no documento anterior, é otimista quanto à existência de adeptos em províncias que há muito estão em mãos de partidários de Mitre. As divisões políticas de Tucumán significam para Varela a certeza de sua incorporação caso haja a tomada de Salta.

A operação pretendida é bastante ambiciosa. Não só o alcance da guerra, comprometendo várias províncias, mas a solicitação de armas de fogo indica que Varela pensa em algo diferente da tradicional guerra das "montaneras", possivelmente na formação de batalhões capazes de enfrentar uma guerra de posicionamento. Reforçando isso, aparecem as referências ao presidente boliviano Melgarejo. Varela, exilado em terras bolivianas, refere-se ao presidente como um aliado comum, a quem informa intenções e de quem espera apoio material. Não há diferença entre Latorre, um obscuro chefe local de Salta, e Melgarejo. O centro das eventuais operações conjuntas é o caudilho, e dele virão as decisões sobre como e quando agir, e dele dependerão os planos contra o governo de Mitre.

Não se sabe com exatidão qual o nível das ligações de Felipe Varela com as autoridades chilenas e bolivianas. Havia, certamente, grande tolerância, demonstrada pela facilidade com que encontrava asilo nos países transandinos. O problema internacional gerado pela agressão espanhola às costas chilenas e peruanas, motivadora de um pacto panamericano, fora tratado com pouca importância pelo governo argentino, e o velado apoio a

Varela podia ser uma repreensão.

De qualquer forma, há em outros documentos sinais de uma possível interferência da Bolívia nos assuntos do caudilho. Antes de exilar-se, apés as tomadas sucessivas de Salta e Jujuy, Varela escreveu a várias autoridades da região fronteiriça da Bolívia:

"...porque esta es mi derecha para mis operaciones porque yo ocupo el centro asta reunirme con las fuerzas qe. manda S.E. el ssn. Presidente Melgarejo de todo esto qe. su amigo le habla tiene una fe viva como así espera buen resultado." 6

A um outro subprefeito boliviano escreveria Varela:

"En pocos días mas devo incorporarme con una columna de infantería y artillería que me manda el Señor Presidente D. Mariano Melgarejo, entonces me marcharé con una bonita columna sobre el Pueblo de Salta h Tucumán hacer pie allí basta hacer un ejército y basta irme sobre las Provincias del Sud." 7

Ainda para uma terceira autoridade boliviana Varela faria o relato de sua expedição e falava de sua combinação com o presidente Melgarejo:

"...porque el que subscribe marcha de acuerdo con su presidente el Sr. D. Mariano Melgarejo esta es la razón que me obliga hablarle a U. con la claridad del hombre que difiende los derechos de Sud-América, esto le abla mi amigo porque creo que U. comprende nuestra cuestión que no es para un día, sino para triunfar."

Ase mucho tiempo que he sacado la cara no representando la República Argentina sino su América para así no ser humillados de los malditos godos que a Uds. quieren mandarles y mucho mas Los Salvajes Unitarios de Buenos Aires quieren ponernos a la par de dichos godos para andar todo el continente americano, de

6 Archivo de los Taboada, apud Luna, op.cit., pag. 291.

7 Jornal "La Nación Argentina", 23 de abril de 1868, apud. Luna, op.cit., pag. 292-293.

*este debe d. dar cuenta à sua superior por si
el que subscribe le able à lo contrario, si
hay columna que trabaja por el bien nuestros
países es la que manda el que subscribe como
vanguardia." 8*

Nos dois primeiros documentos, persiste a tónica de Felipe Varela como centro de um movimento militar capaz de comprometer o governo Mitre, secundado pelo apoio do presidente boliviano. Varela derrotado e rumando para novo exílio ainda se apresenta como a grande ameaça ao poder de Buenos Aires.

A terceira carta é a mais significativa. Aqui Varela é mais que um rebelde argentino: é o defensor da América, do ideal maior. Sua face não é aquela que mostra o governo nacional contra o qual está em luta; é a dos humilhados da América do Sul, agredidos pelos "godos" que bombardearam as costas do Pacífico. aos "godos" o caudilho equivale os "salvajes unitários" de Buenos Aires, agressores do Paraguai e perseguidores da "montonera". Assim, a luta varelista deve ser compreendida num contexto mais amplo, e é uma guerra pela libertação da América do Sul.

Nos documentos de Varela examinados aparece claramente um aspecto: ele está empenhado na derrubada de Mitre, representante do despotismo portentoso, não estabelecendo nenhuma ressalva a eventual desobediência pelos seus prepostos, como fazia Peñaloza. Não se trata de recompor as relações de poder, restabelecendo as "verdadeiras" autoridades provinciais, mas lutar até a queda do governo nacional. Também aparece uma diferença em relação a Chacabuco: Varela jamais se justifica como chefe de

⁸ ibid., pag. 293-294.

fato de La Rioja; ele é este chefe e não dá explicações. Isso se deve provavelmente ao fato de não estar reivindicando um reconhecimento pelo governo nacional como ocorreu com Pefalozzi na sua luta contra Mitre, sendo associado ao banditismo comum que merece "guerra de polícia", o caudilho não tem razões para justificarse.

Há uma diferença entre as cartas mandadas a Urquiza em relação às demais. O caudilho escreveu ao entrerriano antes de iniciar a luta, contando com sua adesão. Neste sentido, a sua postura em relação a Urquiza é de subordinação. Varela é seu representante, eventualmente seu companheiro de negócios e seu "sentinela". Ele faz o chamamento de Urquiza às armas pois este é o verdadeiro "libertador", é o general que livrou a Argentina da tirania de Rosas e deve repetir sua cruzada contra a atual tirania, pior que a anterior. Varela, o "sentinela", informa ao comandante a situação provinciana e está certo que o chefe encabeçará a luta final contra os portenhos. Em caso contrário, o caudilho acatará o silêncio de Urquiza e se afastará das lutas armadas.

Nas demais cartas, Varela é o chefe supremo. Não há nenhuma referência a Urquiza, e os demais chefes ou pretendentes aliados estão coordenados pelo caudilho. Varela controla La Rioja ou os vales "calchaquies" de Salta, ou mesmo os movimentos de tropas bolivianas; é dele o plano de tomar as províncias do norte onde vê sinais de fraqueza, e ele o chefe capaz de restabelecer a autonomia das províncias, agora confundidas com o ideal panamericano dos países andinos. Varela se apresenta

ele próprio como o Urquiza que tentou cooptar antes de iniciada sua guerra. É símbolo desta passagem sua auto-promoção de coronel a general.

Passeando ao exame do discurso de Varela para os dominados. Há um único documento de Felipe Varela dirigido à população riojana, convocando-a para a luta armada. Parece que a sua "proclama" teve bastante difusão não só em La Rioja como em outras províncias, tendo preocupado as autoridades. A sua difusão ocorreu antes da entrada do caudilho, que procurava assim já estabelecer um clima favorável à sua chegada; era datada de 10 de dezembro, enquanto a vinda do caudilho só ocorreu no início de janeiro de 1867. Eis o texto:

"Argentinos!

El hermoso pabellón que San Martín, Alvear y Urquiza llevaron activamente en cien combates, haciendo tremolar con toda gloria en las tres más grandes epopeyas que nuestra patria incluye, ha sido vilmente enlodado por el general Mitre Gobernador de Buenos Aires.

La más bella y perfecta carta constitucional democrática republicana federal que los valientes entrerianos dieron a costa de su sangre preciosa, venciendo en Caseros al centralismo adioso de los espurios hijos de la culta Buenos Aires, ha sido violada y mutilada desde el año sesenta y uno hasta hoy, por Mitre y su círculo de espirros.

El pabellón de Mayo, que radiante de gloria flameó desde los Andes hasta Ayacucho, y que en la desgraciada jornada de Pavón cayó fatalmente en las ineptas y febríneas manos del caudillo Mitre - orgulloso autonomía política de partido rebelde - ha sido cobardemente arrastrado por los fangales de Estero Bellaco, Tuyutí, Carazú y Curupaytí.

Nuestra nación, tan feliz en antecedentes, tan grande en poder, tan rica en porvenir, tan engalanada de glorias, ha sido humillada como una esclava, quedando

empeñada en más de cien millones de fuertes, y comprometiendo su alto nombre & la vez que sus grandes destinos por el bárbaro capricho de aquel mismo porteño que después de la derrota en Cepeda, lachimando, juro respetarla.

Compatriotas! Desde que "aquel" usurpó el gobierno de la Nación, el monopolio de los tesoros públicos y la absorción de las rentas provinciales vinieron a ser patrimonio de los porteños, condenando al provinciano a cederles hasta el pan que reservara para sus hijos. Ser porteño, es ser ciudadano exclusivista y ser provinciano, es ser mendigo sin patria, sin libertad, sin derecho. Esta es la política del Gobierno Hitre.

Tal es el odio que aquellos fraticidas tienen a los provincianos, que muchos de nuestro pueblo han sido degollados, saqueados y guillotinados por los aleves pañales de los degolladores de oficio: Sarmiento, Sandes, Paumero, Campos, Irrazabal y otros varios oficiales dignos de Mibre.

Empero; basta de víctimas inmoladas al capricho de mandones sin ley, sin corazón y sin conciencia. Cincuenta mil víctimas hermanas, sacrificadas sin causa justificada, dan testimonio flagrante de la triste e insopportable situación que atravesamos y que es tiempo ya de contener.

Valientes entrerrianos! Vuestros hermanos de causa en las provincias os saludan en marcha al campo de la gloria, donde os esperan vuestro ilustre jefe y compañero de armas, el magnánimo Capitán general Urquiza os acompañará y bajo sus órdenes venceremos todos una vez más a los enemigos de la causa nacional.

A él y a vosotros obliga concluir la grande obra que principiasteis en Caseros, de cuya memorable jornada surgió nuestra redención política, consignada en las páginas de nuestra hermosa Constitución que en aquel campo de honor escribisteis con vuestra sangre.

Argentinos todos! Llegó el día de mejor parvenir para la Patria; a vosotros cumple ahora el nubile esfuerzo de levantar del suelo ensangrentado el pabellón de Belgrano, para enarbolarlo gloriosamente sobre las cabezas de nuestros liberticidas enemigos!

Compatriotas! & las armas!... es el grito que se arranca del corazón de todos los buenos argentinos!

Abajo los infractores de la Ley! Abajo los traidores a la patria! Abajo los mercaderes de cruces en la Uruguaya, a precio de oro, de lágrimas y de sangre argentina y oriental!

Atrás los usurpadores de las rentas y derechos de las provincias, en beneficio de un pueblo vano, despota e indolente!

Soldados federales! Nuestro programa es la práctica estricta de la constitución jurada, y el orden común, la paz y amistad con el Paraguay, y la unión con las demás Repúblicas americanas. Ay de aquél que infrinja este programa!

Compatriotas nacionalistas! El campo de la lid nos rostrará el enemigo; allá os invita a recoger los laureles de triunfo ó la muerte, vuestra coronel y amigo." ♦

Neste discurso de Varela destacamos os seguintes aspectos: resistência à incorporação num novo ordenamento político, tentando recuperar a antiga retórica federalista, fazendo de toda a população um problema que dizia respeito às oligarquias provincianas; articulação da situação das províncias com aquela das demais repúblicas sul-americanas, concretamente o Paraguai, ameaçadas pelo governo de Buenos Aires; idealizações de um passado de paz e prosperidade, desaparecido graças ao despotismo portenho, e que poderia ser recuperado pela luta armada que trouxesse de volta os mandamentos da Constituição de 1853. No discurso não transparece jamais alguma proposta que redefinisse as condições materiais dos grupos subalternos, como a questão da terra, por exemplo. É colocada uma situação de antinomia entre uma realidade das províncias, comum a todos seus habitantes, contra uma situação que foi criada pelos dirigentes

portenhos: é recriada uma oposição provincianos versus portenhos. Isto é realizado pela construção de equivalências.

Uma equivalência é feita entre as "glórias" do passado remoto, fundamentalmente as lutas pela independência, fundadoras da nação, simbolizada pelos grandes heróis argentinos San Martín e Belgrano, e pelo pavilhão nacional, com a vitória de Caseros, fundadora da Confederação Argentina e da constituição de 1853, cujo representante alçado a herói nacional é Urquiza. Habilmente é colocado aqui o nome de Alvear, o principal comandante na Guerra do Brasil, significando uma epopeia da nação argentina justamente contra o atual aliado na Guerra do Paraguai; se Alvear representa uma glória nacional, equivalente aquelas contra a Espanha, a luta presente em aliança com os brasileiros perde a legitimidade. A Urquiza é dado o mesmo significado dos "libertadores", e a seu federalismo a mesma magnitude da independência. Desta maneira, na medida em que a "montonera" varelista tenta resgatar o passado recente da Confederação, sendo seu grande nome Urquiza equiparado aos grandes heróis nacionais, lutar contra o centralismo portenho equivale a uma luta pela nacionalidade, sendo o dever de todo argentino patriota.

A legitimidade desta luta também se apoia numa mitificação do passado, quando se destacava a "perfeição" da carta constitucional de 1853 criasse assim uma realidade que nunca existiu, visto que a Confederação jamais garantiu à população rural um nível de vida superior a quaisquer outras épocas da história argentina. O discurso propugna uma volta ao passado, e

da Confederação, que carrega os significados de liberdade e prosperidade, ideais da independência perdidos a partir da derrota para Mitre em Pavón. Os heróis da independência são descolados de suas procedências portenhelas e desassociados do atual representante de Buenos Aires, Mitre; sendo ligados à luta antiescristã de 1852, segunda "fundação", eles pertencem à genealogia de Urquiza, a síntese dos interesses provincianos. Voltar ao passado glorioso vale dizer uma volta à Urquiza contra o inimigo de Buenos Aires: todos os provincianos, que são os verdadeiros argentinos, deverão ser os soldados federais, resgatando Caseros e os ideais nacionais dos grandes heróis.

Uma segunda cadeia de equivalência pretende a criação de uma oposição entre portenhos e provincianos. Assim, "centralismo odioso" é usado como sinônimo de monopólio e usufruto exclusivo das rendas nacionais, sendo uma usurpação de direitos provincianos, contrária aos interesses da nação. Mitre é um "inimigo da causa nacional". No discurso, Mitre é sempre tratado como governador de Buenos Aires, jamais como presidente nacional; representa apenas os interesses dos "espúrios filhos da cidade culta", associados à covardia, traição e fratricídio, aliados a tradicionais inimigos estrangeiros para fazer guerra aos "irmãos" paraguaios. Por conta dos portenhos existe a situação de "insuportável injustiça" que reduziu os verdadeiros argentinos, os provincianos, a "mendigos" vítimas de humilhações e insolências; da mesma forma estão submetidos os "irmãos" paraguaios e orientais. Uma luta contra o inimigo comum da nacionalidade, Buenos Aires, traz novamente o nome do principal

vitorioso numa luta contra os portenhos, o general Urquiza.

O nome do maior entrerriano é usado na articulação destas duas cadeias de equivalência: Urquiza é o representante dos interesses provincianos e é capaz de trazer de volta um passado de prosperidade para a nação argentina. Se evidencia no discurso a consciência de Varela quanto às suas limitações pessoais: seu nome não é uma bandeira capaz de unificar todos os provincianos numa guerra contra o governo nacional; a atribuição, pesada demais para os membros de um recentemente lugar-tentente de Peñaloza é transferida para Urquiza, grande condutor em um passado recente. A guerra de Varela é construída como ultrapassando os limites de La Rioja e se transforma em uma aspiração nacional, merecendo a citação de um "condottieri" também de âmbito nacional.

As duas reivindicações no pronunciamento de Felipe Varela: quebra do monopólio das rendas nacionais exercido pelos governantes de Buenos Aires e autonomia política para as províncias. Ambas estão contidas na reclamação pela volta dos princípios constitucionais de 1853. Varela consegue concretizar assim algo que aparecia vagamente no discurso de Peñaloza como "respeito às leis". O "federalismo" assume em Varela uma dimensão mais definida, bem como a "opressão" que realiza o governo nacional: federalismo era o que havia ao tempo da Confederação, passado este mitificado como de prosperidade para todos, tendo sido essa conquista jogada por terra a partir da vitória portenha em Pavón. Varela unifica naquele pretensão de defesa da constituição os interesses de toda a população: seu discurso

oculta a diferença de classes, sendo provinciano "mendigo" tanto o pôrto que vai ser incorporado à "montonera" como o "terratenente" empobrecido que tenta recuperar-se economicamente afastando a presença de Buenos Aires dos assuntos da província.

Essa ocultação é que possibilita a Varela apresentar-se como titular de um "programa", cuja ausência criticara em Pellegrini e inclusive culpara pelo fracasso do antigo chefe. Agora existe uma luta por objetivo concreto: restabelecida a carta constitucional que já existiu em plena vigência, voltariam os tempos de prosperidade que foram perdidos. Urquiza agora não é mais apenas um eventual aliado poderoso; é igualmente o símbolo daquele instrumento capaz de institucionalizar o bem-estar de todos os provincianos. A "mais perfeita" carta constitucional transformar-se-á em documento elaborado pelas oligarquias em "democrática e republicana", que é a aspiração do federalismo. Cumpre a todos o árduo dever de combater pelo "programa" varelista que trará a todos os benefícios previstos na constituição.

Por outro lado, o apoio de Varela ao diploma legal busca uma outra construção. Não é o caudilho e sua "montonera" que infringem a lei; esta lei foi traída por aqueles que atualmente ocupam o poder nacional. Sendo portador da bandeira de defesa da lei, não pode ser acusado pelos adversários, como ocorria, de bandoleiro e criminoso. Se não é reconhecido como beligerante pelos graus militares que alcançou quando oficial da Confederação, é porque justamente aqueles que lhe movem a "guerra de polícia" se encontram à margem da lei e afiançados

apenas pelo uso da força. Não encontramos aqui a diplomacia de Peñaloza que separava o governo nacional de Mitre e seus representantes nas províncias, responsabilizando especificamente a estes; Varela unifica Sarmiento, Sandes e Irrazábal - autoridades provincianas - com Paunero e Mitre - o próprio poder central. O governo Mitre não ampara criminosos, ele próprio é criminoso.

Outra evidência buscada para incriminar o governo nacional é sua política internacional. Descumprindo os ideais "americanos", Mitre desencadeia uma guerra de agressão ao país irmão, justamente aliado ao império brasileiro, não republicano e escravista, o inimigo combatido pelo herói Alvear. Além da importância que tinha a questão da Guerra do Paraguai devida aos impopulares recrutamentos realizados nas províncias, era necessário demonstrar o fracasso militar em que se afundava: as sucessivas derrotas, especialmente a de Curupaiti, significavam um risco imediato para os eventuais convocados. Assim, combater na "montanha" envolve menos risco de vida que lutar nos "friegates" do Paraguai; a morte certa e desonrosa contrapõe-se uma luta dignificadora e capaz de trazer a prosperidade de volta para todos.

O discurso de Felipe Varela para a plebe rural do norte argentino se constitui numa hábil articulação. O caudilho se legitima como representante de todos os habitantes, vítimas de uma opressão que apenas a luta armada poderá reverter. E refeita a identidade do "provinciano", agora articulada a uma construção maior, a de "americano". Retomar-se a expressão an-

tigamente usada por Artigas e Bolívar, e dentro de uma perspectiva mais ampla se propõe o antagonismo com Buenos Aires; os portenhos não só oprimem os provincianos, mas se colocam frontalmente contra os ideais americanos. O governo nacional envolvido no conflito impopular contra o Paraguai é, simultaneamente, anti-provinciano, anti-constitucional e anti-americano. Pela oposição, a "montonera" está resgatando o provincianismo, o constitucional e o americano. Como dissemos, este foi o único documento de Varela dirigido à população convocando-a a fazer parte de suas forças armadas.¹⁰

Retomando as páginas iniciais da segunda parte do trabalho, reiteramos que é muito difícil medirmos a eficácia do discurso se o pensarmos isoladamente. Considerando, no entanto, a sociedade concreta onde foi produzido, o discurso é seguramente capaz de criar significado. Numa La Rioja, historicamente estruturada numa rígida estratificação social, apenas o caudilho é capaz de mobilizar os peões para mais uma "patriada"; a transferência para o governo nacional dos graves problemas que por quase um século afligiam a população é então fundamental para que os peões do campo se transformem nas "cinco mil ferocidades" que fizeram a "guerra a muerte" em Pozo de Vargas.

¹⁰ No seu exílio em La Paz, Varela publicaria um longo relato da sua rebelião de 1867, desenvolvendo todos os aspectos que aparecem na "proclama" examinada. Foi, no entanto, um documento com escassa divulgação, sendo raros seus exemplares. Além disso, por ser posterior ao período em que o caudilho atuou como chefe de "montoneras", portanto sem nenhuma relação com a luta armada, optamos por deixá-lo de lado neste trabalho. Esse "Manifiesto del General Varela a los pueblos americanos, sobre los acontecimientos políticos de la República Argentina, en los años 1866 y 1867", de 01 de janeiro de 1868 em Potosí, foi reeditado em Buenos Aires em 1968 pelo Editorial Suddestada. Também Félix Luna, op. cit., reproduz grande parte de seu texto.

CONCLUSÃO

"Não morreram por essa coisa abstrata, a pátria, mas por um patrício casual, uma raiva ou pelo convite a um perigo"

(*"Os Babochos"* - J.L.Borges)

Com Felipe Varela se encerrava o longo ciclo das "montoneras" de La Rioja. O aspecto legendário desses movimentos persiste todavia nos dias atuais: na cidade de La Rioja os "anti-heróis" da "história oficial" são nomes de ruas ou avenidas, e lugares de combates famosos como Pozo de Vargas são objetos de visitação pública. Mais que isso, o presidente argentino Carlos Menem fez de sua identificação com os antigos "montoneros" um ponto importante na sua propaganda: sendo de ascendência afria, o então candidato pelo peronismo buscou inclusive uma semelhança física com Facundo Quiroga, o primeiro dos grandes caudilhos riojanos; além disso, realizou um grande peregrinagem a cavalo pelas províncias do norte, revivendo as marchas das "montoneras".

Porém impressiona mais que essa identificação com a região ou com a província, é a associação ainda feita com os interesses populares. Um autor tão conhecido como Eduardo Barileano chama Peñalosa de "guerrero gaucho" e Felipe Varela de "voz del proletariado". Há, acima de tudo, a sobrevivência de uma série de "coplas" populares onde os caudilhos de La Rioja são ainda hoje exaltados como heróis que se sacrificaram pelo bem estar dos despossuídos. Seria isso simplesmente uma manifestação de "falsa consciência", onde os dominados incorporam a ideologia de seus dominadores? Por que o Estado Nacional que se

afirmou sobre o desaparecimento dos caudilhos não foi capaz de reverter para si aquela "falsa" consciência? Por que em momentos críticos do Estado liberal ressurge a mística dos caudilhos como uma memória viva dos verdadeiros condutores do povo?

Neste trabalho procuramos algumas respostas. Primeiramente, tratamos da questão da luta de classes, luta essa ocultada nas relações dos caudilhos-estancieiros com os seus peões-soldados. Essa luta de classes tem seu ponto nodal na apropriação dos bens de produção, gado e terra. Para que se constituíssem em bens de produção, tem fundamental importância todo o processo de expansão do capitalismo, com as demandas de produtos primários que gerara a Revolução Industrial inglesa, no caso platino a de couros. De uma posição secundária em relação a outros pontos do Vice-Reinado, as planícies e suas extensas manadas de gado passaram a uma de destaque do ponto de vista econômico.

Tornou-se, pois, necessário disciplinar esse econômica para dar-lhe rentabilidade. Os que assumem a empresa de fornecimento de couros se empenham em "limpar os campos", atividade que inclui o afastamento dos elementos nocivos ao melhor aproveitamento econômico do gado; se faz necessário exterminar o "gaúcho" predador ou transformá-lo num instrumento dos empresários. A verdadeira "guerra gaucha" foi aquela em que os antigos "changadões" tentaram sobreviver, praticando o "cuatrerismo" ou eventualmente associados ao "malones" indígenas, investindo contra as propriedades daqueles que ocuparam a terra.

Foi na sociedade colonial, onde o gado e terra não possuíam valor comercial, que o gaúcho encontrou seu espaço par-

ra sobreviver; a carne - alimento básico - e o couro - matéria-prima básica - eram "bens naturais", cujo usufruto não criava atritos. O gado transformado em bem comercial e sendo apropriado por poucos privilegiados, obriga o gaúcho a dedicar-se ao saque, colocandose fora do sistema legal que protege a propriedade, ou a vender o único bem de que dispõe, sua força de trabalho? No entanto, na constituição desta força de trabalho foi fundamental a coerção, a tal ponto agiram os instrumentos de repressão ao "vago" que aparecia como única saída o trabalho na estância. O proprietário que persegue os não-trabalhadores se torna o proprietário que alimenta e protege seus peões.

O trabalho na estância é fundamentalmente o de vigiar a propriedade do patrão. Cuidar das reses e guardar os caçpos são o trabalho diurno do peão. Em troca, há a garantia de alimentação básica, moradia, "vícios" e a segurança contra as instituições que estão vigilantes em relação à população rural; o peão "conchabado" não precisa temer o engajamento nos exercícios fronteiriços ou encarregados da repressão ao índio. O peão aqui separa o Estado do seu patrão imediato: aquela repressão criada para defender os interesses do patrão é descolada deste mesmo patrão; a repressão e as malhas da lei são algo temido, cuja única proteção é manter um vínculo empregatício estável. Não é percebido que é o estancieiro o maior interessado na perseguição ao "vago", e que este "vago" era o mesmo peão antes de ser "conchabado" pelo estancieiro. Na medida em que a propriedade privada na forma de estância é a única possibilidade de sobreviver, a sua defesa passa também a ser a defesa de todos.

Os "vagos" que atacam a estância estão comprometendo também a segurança do peões e suas famílias. Pelo que, um combate ao "cuatrerismo" também passa a ser um combate dos peões.

Reforçando esses vínculos formados entre estancieiros-proprietários-peões, se desenvolve um discurso igualitário visando desfazer a diferença de classe marcada pela propriedade. Reaparecerá a figura do "gaúcho" associada às lidas do campo, aos hábitos alimentares, ao linguajar, às vestimentas, etc. Não importa que o patrão use arreios trabalhados em prata ou chiripá de merinos; importa que seja cavaleiro e se vista do mesmo modo. O estancieiro aparecerá também como um "gaúcho", portanto pertencerá à mesma comunidade. As novas "gauchos", disfarçada sua diferença de classe, se opõem, eventualmente, adversários não "gauchos". A dicotomia, tantas vezes discutida na historiografia argentina, entre a cidade e o campo, entre "civilização" e "barbarie", encontra eco na população rural que via nas tropas nacionais, nos "dotores", nas instituições, uma agressão ao seu próprio espaço vital. Não havia uma combinação conjuntural de interesses entre patrões-caudilhos e peões-soldados que os levava ao enfrentamento com os governos nacionais; havia por parte dos "montoneros" a firme convicção de que lutavam pela própria sobrevivência, colocada em risco por elementos estranhos que queriam transformar a sociedade em que viviam.

As "montoneras" não são, pois, as redentoras da campanha platina pela "guerra gaúcha". A "montonera" não procura restaurar a sociedade onde o verdadeiro "gaúcho" viveu; ela busca a manutenção de uma sociedade que condenou o "gaúcho" e o fez desaparecer. Para que os "montoneros" lutem denodadamente

pelos seus caudilhos, se constrói discursivamente o passado: nesse passado havia prosperidade, havia segurança, havia dignidades ao contrário, as forças que no presente estão impondo seu projeto comprometem a vida de todos. O caudilho, que se propõe a chefiar o movimento de retorno aos tempos idílicos do passado, é ele próprio fiador deste passado. Jamais será colocada a questão da apropriação violenta da terra, do desaparecimento do "gaúcho"; "gauchos" são todos — caudilhos e "montoneros" — ameaçados pelos que não o são, que trazem uma sociedade que não mais comporta aqueles que estão reportados ao passado.

Voltemos um pouco para a disputa dos caudilhos. Conforme pautamos no trabalho, a questão fundamental diz respeito à forma como o capitalismo se articulou com as economias regionalizadas no espaço platino. Fundamentalmente voltado para a matéria-prima couro, ao mesmo tempo em que garantia sua demanda com a produção da província de Buenos Aires, também podia abastecê-la com os manufaturados que necessitasse. Tanto a produção pecuária — de cujas unidades saíram os caudilhos — como a produção artesanal, não encontram escopo duro para seus excedentes. Algo que o espaço colonial garantira, tanto nos melhores tempos da mineração argentífera de Potosí como na Buenos Aires colonial do final do século XVIII, desaparece com a nova articulação comercial que surge.

Os produtores portenhos assistem à continuada expansão de suas atividades, ingressando na "acumulação primitiva"; os produtores não-exportadores viram, ao contrário, o fechamento de suas possibilidades de acumulação. A perda dos mercados "externos" e a não concretização de um mercado interno condena

as econômicas interioranas a um estado vegetativo de estagnação. Existem duas soluções: lutar contra Buenos Aires e derrubar os responsáveis pelo estado de coisas, ao mesmo tempo em que se procura cercar as economias regionais de todas as garantias que as preservam das concorrentes.

A luta dos caudilhos contra Buenos Aires sempre teve o resultado negativo: não se podia eliminar a província, com toda sua pujança econômica, simplesmente pela força. Os caudilhos vencem em Cepeda no ano de 1820: são cooptados uns e afastados outros e ressurge o unitarismo da década de 20. A confederação rosista, projeto afiançado pelos caudilhos do interior, foi mais uma situação em que Buenos Aires reencontrou seu crescimento em contradição com as províncias estagnadas. O cisma dos anos 50 levou a dois confrontos armados, Cepeda e Pavón, resultando mais uma vez numa Buenos Aires opulenta contraposta às províncias empobrecidas. Lutar contra, e mesmo vencer a principal província, não garantiu aos proprietários provinciais uma reversão de suas expectativas econômicas.

A outra luta acirrada dos caudilhos foi a preservação das combalidas economias provincianas com o uso de medidas protecionistas. Para garantir sua própria produção, se criaram mecanismos como pedágios, taxas de trânsito, etc., que elevassem artificialmente os preços das produções concorrentes em benefício das próprias. O resultado foi um quase permanente conflito entre as diversas províncias ao longo do século passado. Os caudilhos lutam entre si pela completa autonomia das suas províncias, ao mesmo tempo em que tentam interferir naquelas de seus concorrentes. É muito difícil, em consequência, a formação

de blocos mais amplos que traduzam em conjunto reivindicações comuns; mais difícil ainda uma articulação capaz de formar um mercado interno. Não havendo complementaridade entre as produções regionais, a concorrência é um fantasma permanente nas relações interprovinciais.

Isto não é o resultado imediato da política portenha. Os resultados obtidos no curto tempo em que vigoraram as leis protectionistas que Rosas implantou foram muito pouco significativos. As produções artesanais do interior não sofreram a concorrência direta dos manufaturados ingleses, que quando chegavam nas províncias vinham sobremaneira encarecidos, devido às dificuldades de transporte. O que impede a expansão dos artesãos é a falta de mercado. Por outro lado, a pecuária praticada nas províncias também não tinha forma de expandir-se pela concorrência da própria Buenos Aires; mesmo que tivesse estímulos para tanto, não havia, ao contrário da província de Buenos Aires, possibilidade de aumentar a fronteira agrícola. Todas as terras nas províncias do interior argentino já haviam sido apropriadas.

Persistiu por muitos anos essa situação desigual, onde um setor fundiário consegue acumular e os demais ressentem-se de sua exclusão. As lutas dos caudilhos são, em última análise, tentativas extremadas para também participar da acumulação que faziam os portenhos. Esses, por sua vez, paulatinamente se conscientizam da necessidade de repartir vantagens dessa acumulação, como única maneira de conseguirem uma organização nacional que amparasse seus projetos. A fórmula encontrada para um acordo entre os diversos setores fundiários foi a redistri-

buíção dos ingressos aduaneiros e a constituição de uma dívida pública que respondesse pelos endividamentos provinciais, ou seja, de seus caudilhos. Além disso, garantiam-se as autonomias provinciais, não comprometendo os poderes regionais dos seus "terratenientes".

A partir de então pode-se falar de uma acumulação primitiva da qual participam todos os setores fundiários argentinos. Porém esse processo de constituição do Estado Oligárquico, que parecia uma decorrência natural de Pavón, passou pelas crises internas provocadas pelas "montoneras" de Chacho Peñaloza e Felipe Varela. Esses caudilhos não conseguiram manter-se em paz com o governo de Buenos Aires; haveria um tratamento diferente para La Rioja em relação a outras províncias? Ou esses caudilhos tinham características que os diferenciavam dos demais? Que a província ou cada movimento armado que assistiu tinha suas peculiaridades não cabe dúvida; não foram no entanto particularidades notáveis a causa para o prolongamento da guerra civil em La Rioja.

Nessa província vamos ter, exacerbada pela situação da vitória de Buenos Aires sobre a Confederação, aquela disputa com outras províncias, na defesa de sua economia muito debilitada desde os dias da Independência. A falta de coesão da Confederação, na medida em que não solucionara a estagnação econômica provincial, se refletira numa ampla divisão nos apoios dados quando da guerra contra Buenos Aires. Aproveitando a situação favorável pela vitória do aliado importante, os caudilhos de Santiago tentam interferir no que era considerado pelos de La Rioja como sua área de ação. A guerra que se seguiu resultou

da tomada de posição de Buenos Aires ao lado dos santiagueños, já que não havia razão lógica para trocar de alianças. O prolongamento dessa guerra mostraria ao governo nacional as vantagens de buscar uma composição com esses adversários.

Não houve da parte de Peñaloza dificuldades em aceitar a paz oferecida. Não aparece em sua documentação qualquer alegação contrária à legitimidade do governo Mitre, tampouco uma insistência em recuperar para Urquiza o poder perdido. O caudilho aceita o governo nacional, desde que mantido em todas as prerrogativas que o poder regional lhe conferiu. A nova crise com Chacho se deve justamente à base desse poder e à capacidade do governo nacional em alcançar a Peñaloza instrumentos capazes de fazê-lo remediar a crise dos "terratenientes" dos Llanos. Sem auxílio econômico para recuperar a economia regional, os seguidores de Peñaloza dedicam-se à velha prática das "arreadas" e saqueios nas províncias limítrofes. O caudilho maior não pode, por sua vez, reprimir os seus "caudillejos" que são justamente a sua base de poder. Aberta a nova etapa de hostilidades, essa só se encerraria com o extermínio dos caudilhos riojanos. La Rioja será administrada por liberais da confiança dos portenhos, não ligados à população pelos laços pessoais que mantinham seus caudilhos. O movimento de Varela ocorre num momento que parecia propício pelo envolvimento do governo numa guerra externa impopular para a população. Varela foi capaz de mais uma vez mobilizar La Rioja, que só foi pacificada pela intervenção de grandes contingentes do exército nacional e das milícias de Santiago.

Falávamos no início deste trabalho que nos movimentos

de Peñaloza e Varela encontrámos de maneira bastante explícita o que propunhamos como essencial no caudilhismo: uma persistência tenaz ao poder centralizado, por temer a perda das últimas benesses económicas e políticas; capacidade para mobilizar a população rural, atenuando as diferenças oriundas da posição de classe e tornando seu antagonismo com outros setores oligárquicos extensivo à plebe do campo. Em relação à primeira parte cremos ter encontrado respostas satisfatórias à situação de miséria económica da La Rioja, a rivalidade regional e a ausência de um programa de compensações económicas pelo governo nacional impediram aos caudilhos riojanos aceitar a "pax" oferecida pelos partenhos.

Quanto à segunda, também temos elementos suficientes para dar uma resposta afirmativa. Os "montoneros" riojanos, desde os tempos de Quiroga, se recrutavam nos Llanos, zona de exploração pecuária. Eram fundamentalmente peões do campo, não tendo consistência algumas referências a artesãos e pequenos comerciantes urbanos. Aquelas relações de trabalho que incluiam a presença de fortes componentes pré-capitalistas são a base que sustenta a "montonera": cada "terrateniente" comparece perante o chefe que os representa com sua própria "partida", e em poucos dias pode ser formado um exército irregular de apreciável tamanho. Por outro lado, a existência de uma falência concreta dos proprietários, com suas empresas rurais arrasadas pela guerra, acentuava aquela aparente igualdade: irmanados com seus soldados, os caudilhos passavam por dificuldades para garantir a própria sobrevivência, dependendo muitas vezes de subsídios externos.

Encontramos então em La Rioja da década de 60 condições muito favoráveis para que seus caudilhos estivessem realmente parecendo "gauchos" no comando de "gauchos". Cumpria papel também relevante a carreira de armas destes chefes, sempre pautada por demonstrações de destreza e coragem no campo de batalha: o uso da lança, como do laço ou da boleadeira os fazia "campeões" entre seus soldados, aparecendo a chefia como produto de um mérito adquirido entre "iguais".

Os caudilhos de La Rioja buscam, além da identificação como "gauchos", a criação de um "sujeito provinciano", numa clara oposição a uma "ordem portenha". Esse é um processo elaborado de estabelecimento de antagonismos, que cria paradoxos interessantes: os "montoneros" de Santiago del Estero conduzidos por Taboada não são "provincianos", já que estão lutando contra os legítimos ideais das províncias; por outro lado, os habitantes de um centro urbano bastante importante para a época como Córdoba, com sua tradição clerical e universitária, serão alvo de uma convocação para combater na "montanera" dos peões riojanos.

O "provinciano" se constrói em cima de reivindicações dos caudilhos. O caudilho necessita independência para suas decisões, autonomia será um objetivo dos "provincianos". O caudilho tem sua atividade econômica obstaculizada pelo governo, este governo impede o desenvolvimento "provinciano". Isso sempre é relacionado a um passado onde os "provincianos" encontraram possibilidades de paz e prosperidade, que é associado habitualmente a situações recentes. A nostalgie que o caudilho tem dos tempos coloniais, não é associada a uma restauração da colônia;

ao contrário, passa vagamente por Mayo, sendo diretamente relacionada ao período da confederação urquicista. Transfere-se a Urquiza o papel de condutor da situação passada idealizada, onde todas as províncias tiveram plenas condições para estruturarem-se.

Sobreponde-se ainda uma outra mistificação. O próprio passado colonial não seria o mesmo para caudilhos e "montanheiros": o colonial saudoso para o caudilho é aquele da apropriação da terra e do gado, quando realmente se afirmou enquanto empresário e titular de um poder regional; o colonial que se busca para os peões é o anterior à constituição da propriedade, o que precedeu o trabalho compulsório nas estâncias. Unificam-se dois passados distintos e transfere-se isso para um período recente na história regional. A luta dos caudilhos é a única capaz de resgatar esse passado - que nunca existiu - que é a junção de dois passados não simultâneos. Não existe nesse mecanismo a diferença de classe entre uns e outros: ambos, caudilho-estancieiro e peão-soldado lutam pelo resgate de algo que ambos perderam.

Na verdade, o "provinciano" não comprehende o "nacional" e não pode ser engajado em nome da "patria". O horizonte da estância é no máximo estendido ao da "província", estabelecidas aqui as marcas regionais: um peão dos Llanos não poderá ver no médio proprietário viticultor um seu "igual". Essa igualdade diz respeito à unidade de produção e pode ser estabelecida entre o proprietário e os não-proprietários através das relações de trabalho que estabeleceram. O "nacionalismo" não resiste mesmo os limites das províncias vizinhas: "provinciano"

atacará o "provinciano", como o estancieiro "cimarrón" atacava a propriedade do vizinho para beneficiar sua própria.

Assim, o "nacional" que os caudilhos vagamente identificavam com uma proposta política "federalista", nada mais é do que uma associação fraca de unidades independentes onde não pode haver interferências externas. A bandeira "nacional" que por vezes se levanta contra adversários externos, na verdade é uma antinomia de uma organização verdadeiramente nacional. Não há argentinos; há riojanos, cordobeses, entrerrianos, correntinos, santiaguenses; podem todos eles serem interpelados por uma das partes contra um inimigo potencialmente comum, o portentino. Não há porém uma iniciativa concreta de articulá-los todos em um projeto capaz de trazer a submissão do adversário. Em síntese, o caudilho parece convocar todos para que, se quiserem preservar suas identidades e autonomias, combatam a construção nacional.

A defesa do "nacional" adquire o significado de preservação dos espaços regionais que não se integram. Por antinomia, o Estado, o Exército, as instituições do governo, seus representantes, passam a ser "anti-nacionais", "anti-provincianos". Perdem sentido as leis congressuais, as autoridades escondidas, etc. O discurso é fundamentalmente anti-liberal e as instituições do governo nacional serão armadilhas para destruir o espaço onde realmente se constituem as relações do interesse de todos; é no caudilho que mantém e protege sua gente, sem necessidade de mediação de artifícios legais, onde se poderá resgatar o bem comum. Mesmo num apelo pela aplicação de uma constituição tipicamente liberal como aquela de 1853, não se está

convocando para a defesa dos artigos que buscam o ordenamento liberal; buscarse nesse instrumento a garantia dada para o exercício das autonomias regionais e o funcionamento dos mecanismos tradicionais do poder local.

O peão que recupera uma nova imagem de "gaucho", passa a "provínciano", a "argentino" e no final da equivalência a "americano"? O mesmo governo perseguidor de "gauchos", dos "provincianos", dos verdadeiros "argentinos", passa a se associar com os inimigos da independência americana. O conflito com o Paraguai, motivador de um recrutamento indesejado, exige que os verdadeiros "americanos" resistam à atitude de desergão dos exércitos nacionais passa a ser a verdadeira opção para os que realmente são "argentinos" e "americanos". Além de um óbvio apelo a um panamericanismo capaz de encontrar ecos em países vizinhos à região onde se lutava contra as tropas nacionais, procurar-se anular as condenações à luta desenvolvida como sendo anti-patriótica. O "gaucho" é também símbolo do verdadeiro "americanismo", a altura dos grandes heróis e eventos pátios.

Todas essas equivalências tiveram sentido e criaram os significados propostos numa realidade social específica. O tempo dos caudilhos, conforme antecipara Sarmiento, terminaria com o telégrafo, com as estradas de ferro, com os alambramentos. O tempo dos caudilhos que se apoiavam nas relações prê-capitalistas terminaria com a expansão do capitalismo para suas regiões. Não terminaria a propriedade privada da terra; o caudilho não mais seria caudilho, mas continuaria como "terratenente", tomaria parte na acumulação primitiva, se tornaria membro da oligarquia que controlava o Estado, participaria como

deputado ou senador. O Estado que se afirmava reforçaria o latifúndio, inviabilizando cada vez mais a sobrevivência das que estivessem marginalizados da posse da terra.

Restaria o discurso anti-liberal, anti-institucional e atenuador das diferenças de classe. Esse discurso sobre vivente das antigas lutas "montoneras" não encontraria como objeto o descendente do "gaucho" que engrossara a população das "villas-miseria" das grandes cidades argentinas? O "descamisado" não teria recebido o legado do "compadrito", do "orillero", que por sua vez o receberia do "gaúcho" provinciano, um legado de desconfiança e receio do Estado liberal? Um discurso com mecanismos similares de criação de antagonismos e equivalências poderia, muitos anos depois do fim das "guerras gauchas", estabelecer significados para os dominados, colocando-os novamente em fileiras cerradas em torno de líderes com projetos de outra classe social?

RESUMO

Este trabalho procura uma explicação para o fenômeno do caudilhismo na região platina durante o século XIX. É feita uma análise da formação da grande propriedade pecuária no território da atual Argentina no século XVIII, a estância, definindo como classes sociais os proprietários de terra - futuros caudilhos - e os não proprietários, trabalhadores rurais - futuros "montoneros". Definem-se as condições sociais que originaram os últimos movimentos armados contra o Estado Nacional que se tentava organizar na Argentina, as guerras civis promovidas pelos caudilhos de La Rioja, Pefalozza e Varela. Finalmente, são abordados os diversos pronunciamentos, cartas, documentos, que compõem o discurso dos últimos caudilhos da Argentina, procurando mostrar como conseguiram a adesão dos trabalhadores rurais numa luta política que dizia respeito a interesses dos grupos dominantes.

ABSTRACTS

This research-work wants for an explanation to the "caudillism" of the River Plate region during the nineteenth century. The author makes an analysis about the constitution of the great properties dedicated to cattle creation, the "estancias", defining different social classes, the land owners - the future "caudillos" - and the land workers - the future "montoneros". The social conditions originated the last armed movements against the National State that tried to rise in Argentina, the civil wars promoted by the regional chiefs of La Rioja, Pefaloza and Varela. The discourse of the "caudillos" - multiple public speeches, letters, documents - are studied to explain how these chiefs got the leadership of the land workers in a political fight between groups of the dominant class.

BIBLIOGRAFIA

1. ALBERDI, Juan Bautista. Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina. Buenos Aires: Plus Ultra, 1981.
2. _____. Cartas guillotanas. Buenos Aires: Estrada, 1945.
3. _____. La guerra del Paraguay. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1988.
4. ALVAREZ, Juan. Las guerras civiles argentinas. Buenos Aires: Eudeba, 1983.
5. ANSALDI, Waldo. La forja de un dictador. El caso de Juan Manuel de Rosas. In: CAMPO, Julio L.M. del. Dictaduras y dictadores. México: Siglo XXI, 1986.
6. _____. Montoneras. In: Términos latinoamericanos para el Diccionario de Ciencias Sociales. Buenos Aires: Claves-Paidós, 1976.
7. _____. Notas sobre la formación de la burguesía argentina, 1780-1880. In: Orígenes y desarrollo de la burguesía en América Latina - 1700, 1955. México: Nueva Imagen, 1985.
8. ARAMBURU, Julio. Historia argentina. Buenos Aires: El Ateneo, 1949.
9. ARNAUD, Pascal. Estado y capitalismo en América Latina (Casos de México y Argentina). México: Siglo XXI, 1981.
10. ASSADOURIAN, Carlos S., BEATO, Guillermo, CHIARAMONTE, José C. Argentina: de la conquista a la independencia. Buenos Aires: Paidós, 1985.
11. ASSUNÇÃO, Fernando. El gaucho. Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay. Montevideo: 1958-59. Tomo XXIV.
12. BAGIS, Sergio. Los unitarios, el partido de la unidad nacional. In: Unitarios y Federales. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1987.
13. _____. Tres oligarquías, tres nacionalismos. Chile, Argentina, Uruguay. Cuadernos Políticos. México: 1975. n.º jan-mar.
14. BANDEIRA, Moniz. O expansionismo brasileiro. Rio de Janeiro: Philobiblio, 1985.
15. BANDON, Héctor R. El pronunciamiento de Urquiza. Buenos Aires: Ateneo, 1950.

16. BARBA, Enrique M. Unitarismo, federalismo, rosismo. In: Unitarios y Federales. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1987.
17. BAZAN, Raúl et al. Felipe Varela: su historia. Buenos Aires: Plus Ultra, 1979.
18. BEYHAUT, Gustavo, BEYHAUT, Hélène. América Latina: de la Independencia a la segunda guerra mundial. México: Siglo XXI, 1986.
19. BORON, Atilio, PEGORARO, Juan. Las luchas sociales en el agro argentino. In: CASANOVA, Pablo González (Coord.). Historia política de los campesinos latonoamericanos. México: Siglo XXI, 1985.
20. BORTNIK, Rubén. Alberdi, un esbozo de biografía. Revista Todo es Historia. Buenos Aires: 1984. n. 206, jun.
21. BOSCH, Beatriz. El caudillo y la montonera. In: Unitarios y Federales. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1987.
22. "Urquiza y su tiempo." Buenos Aires: Eudeba, 1980.
23. BURGIN, Miron. Aspectos económicos del federalismo argentino. Buenos Aires: Solar, 1982.
24. BUSANICHE, José L. Historia argentina. Buenos Aires: Solar, 1984.
25. CARAVAGLIA, Juan Carlos. Las actividades agropecuarias en el marco de la vida económica del pueblo de indios de Nuestra Señora de los Santos Reyes Magos de Yapeyú 1768-1806. In: FLORESCANO, Enrique (Coord.). Haciendas, latifundios y plantaciones. México: Siglo XXI, 1975.
26. "Economic growth and regional differentiations: The river plate region at the end of the eighteenth century." Hispanic American Historical Review. Durham: 1985. 65(1).
27. DARCAND, Ramón J. De Caseros ao XI de Setembro. Rio de Janeiro: Divulgação de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores, 1939.
28. "Guerra del Paraguay." Buenos Aires: Domingo Vieu, 1941.
29. "Juan Facundo Quiroga." Buenos Aires: Losada, 1960.
30. CARDOSO, Ciro F., BRIGNOLI, Héctor P. Historia económica de América Latina. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
31. CARMAGNANI, Marcello. Estado y sociedad en América.

- Latina. Barcelona: Grijalbo, 1984.
32. CASTRO, Isaac E. Sarmiento ante la montonera. Buenos Aires: Litex, 1970.
33. CASTELLO, Antonio E. El gran bloqueo. Revista Todo es Historia. Buenos Aires: 1982. n. 182 jul.
34. CHAVEZ, Fermín. El revisionismo y las montoneras. Buenos Aires: Teoría, 1984.
35. CHIARAMONTE, José C. Genesis del diagnóstico feudal en la historia hispano-americana. In: Formas de Sociedad y Economía en Hispano-América. Barcelona: Grijalbo, 1983.
36. ———. Nacionalismo y liberalismo económico en Argentina. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1971.
37. CONI, Emilio. El cauce. Buenos Aires: Solar, 1982.
38. CONDE, Roberto Cortés. Hispanoamérica: la apertura al comercio mundial 1850-1930. Buenos Aires: Paidós, 1974.
39. ———, GALLO, Ezequiel. La formación de la Argentina moderna. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.
40. ———, ———. La república conservadora. Buenos Aires: Paidós, 1987.
41. CUEVA, Agustín. Desarrollo del capitalismo na América Latina. São Paulo: Global, 1983.
42. DONOHI, Túlio Halperin. Argentina: de la revolución de independencia a la confederación rosista. Buenos Aires: Paidós, 1972.
43. ———. Hispanoamérica después de la independencia. Buenos Aires: Paidos, 1972.
44. ———. Guerra y finanzas en los orígenes del Estado Argentino. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1982.
45. ———. Reforma y disolución de los imperios ibéricos. Madrid, Alianza, 1985.
46. ———. Revolución y guerra: formación de una élite dirigente en la Argentina criolla. México, Siglo XXI, 1972.
47. ———. Tradición política española e ideología Revolucionaria de Mayo. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.
48. ———. Una estancia en la campaña de Buenos Aires, Fontevedra, 1753-1809. In: FLOREZCANO, Enrique (Coord.). Haciendas, latifundios y plantaciones. México, Siglo

XXI, 1975.

49. ----- (Org.) Proyecto y construcción de una nación (Argentina 1846-1880). Caracas, Ayacucho, 1980.
50. FERNS, H.S. Gran Bretaña y Argentina en el Siglo XIX. Buenos Aires: Solar, 1979.
51. FERRER, Aldo. La economía argentina. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1980.
52. FRANCO, Luis. El General Paz y los dos caudillos. Rosario: Editorial Rosario, 1946.
53. FURTADO, Celso. A economía latinoamericana. São Paulo: Nacional, 1978.
54. GALEANO, Eduardo. Historia del fuego III Las caras y las máscaras. México: Siglo XXI, 1988.
55. ----- Alveias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
56. GANDIA, Enrique de. Caudillos y montoneros. Revista Rumbo Social. Buenos Aires: 1976. n.º 3 nov. p. 20-24.
57. GIBERTI, Horacio. Historia económica de la ganadería argentina. Buenos Aires: Solar, 1962.
58. GONDRA, Luis R. Historia económica de la República Argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 1943.
59. HEREDIA, Edmundo, A. Primeras relaciones entre Venezuela y Argentina. Revista Todo es Historia. Buenos Aires, 1984. n.º 205 Mayo.
60. HERNANDEZ, José. Vida del Chacho. In: Vidas del Chacho. Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1973.
61. MERRERA, Luis A. La culpa mitrista. Buenos Aires: Pampa y Cielo, 1965.
62. NOSSBbaum, Eric. Bandidos. Rio de Janeiro: Forense, 1976.
63. ----- Rebeldes primitivos. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
64. INGENIEROS, José. La evolución de las ideas argentinas. Buenos Aires: Ateneo, 1951.
65. IRAZUSTA, Julio. El federalismo de Rosas. In: Unitarios y Federales. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1987.
66. JAURETCHÉ, Arturo. El medio pelo en la sociedad argentina.

- Buenos Aires: Peña Lillo, 1984.
67. KAPLAN, Marcos. Formação do estado nacional na América Latina. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
68. KATRA, William. Sarmiento en los Estados Unidos. Revista Todo es Historia. Buenos Aires: 1980. n. 225 Sep.
69. KONETSKY, Richard. América Latina: la época colonial. México: Siglo XXI, 1984.
70. KOSSOK, Manfred. El virreinato del Río de la Plata. Buenos Aires: La Pleyade, s.d.
71. ——— et al. Las revoluciones burguesas. Barcelona: Crítica, 1983.
72. LACAY, Celina. Sarmiento y la formación de la ideología de la clase dominante. Buenos Aires: Contrapunto, 1986.
73. LEVENE, Ricardo. Síntese de história da civilização argentina. Rio de Janeiro: Serviço de Cooperação Intelectual do Ministério de Relações Exteriores, 1939.
74. ———. Lecciones de historia argentina. Buenos Aires: Lajouane S.R.L., 1950.
75. LOPEZ, Vicente Fidel. Manual de la historia argentina. Buenos Aires, L.J. Rosso, 1951.
76. LUNA, Félix. Buenos Aires y el país. Buenos Aires: Sudamericana, 1982.
77. ———. Los caudillos. Buenos Aires: Peña Lillo, 1973.
78. LUNA, Ricardo Mercado. Los coronelos de Mitre. Buenos Aires: Plus Ultra, 1974.
79. LYNCH, John. Las revoluciones hispanoamericanas (1808-1826). Barcelona: Ariel, 1980.
80. MARX, Karl. El capital. México: Fuente Cultural, s.d.
81. ———. Formações económicas pré-capitalistas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
82. ———. A origem do capital (A acumulação primitiva). São Paulo: Global, 1979.
83. MEJIA, Francisco Ramos. El federalismo argentino. Buenos Aires: L.J. Rosso, 1951.
84. MELLID, Atilio García. Montoneros y caudillos en la historia argentina. Buenos Aires: Eudeba, 1985.

85. ———. Proceso al liberalismo argentino. Buenos Aires: Peña Lillo, 1974.
86. MITRE, Bartolomé. Historia de Belgrano. Buenos Aires: Eudeba, 1967.
87. MOLINA, Ramón Torres. Unitarios y federales en la historia argentina. Buenos Aires: Contrapunto, 1986.
88. MORAGA, Enrique G. O Estado nas sociedades dependentes. O caso da América Latina. Lisboa: Martins Fontes, 1977.
89. MORENO, Mariano. Plan revolucionario de operaciones. Buenos Aires: Plus Ultra, 1975.
90. MORENO, Nahuel. Método de interpretación de la historia argentina. Buenos Aires: Pluma, s.d.
91. NEVARES, Guillermo F. Cómo de desintegró el Virreinato del Río de la Plata. Buenos Aires: Plus Ultra, 1987.
92. NEWTON, Jorge. El Chacho, Angel Vicente Peñaloza. Buenos Aires: Plus Ultra, 1973.
93. ———. Manuel Taboada, caudillo unitario. Buenos Aires: Plus Ultra, 1972.
94. ODDONE, Jacinto. La burguesía terrateniente argentina. Buenos Aires: La Vanguardia, 1930.
95. ORTEGA, Exequiel D. Cómo fue la Argentina (1516-1972). Buenos Aires: Plus Ultra, 1975.
96. ORTIZ, Ricardo. Historia económica de la Argentina. Buenos Aires: Plus Ultra, 1987.
97. PALACIO, Ernesto. Historia de la Argentina. Buenos Aires: Abeledo-Perrot, 1986.
98. PAGO, Leonardo. Los caudillos: historia o folclor? Buenos Aires: Silaba, 1969.
99. ———. Los caudillos y la organización nacional. Buenos Aires: Futuro, 1965.
100. PENA, Milciades. La era de Mitre. De Caseros a la guerra de la triple infamia. Buenos Aires: Fichas, 1975.
101. PENA, Rodolfo Ortega, DUHALDE, Eduardo. Facundo y la montonera. Buenos Aires: Contrapunto, 1987.
102. ———. Felipe Varela contra el imperio británico. Buenos Aires: Peña Lillo, 1966.

103. " " Reportaje a Felipe Varela. Buenos Aires: Jorge Alvarez, 1969.
104. PANETTIERI, José. Argentina: historia de un país periférico 1860-1914. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1986.
105. PLA, Alberto J. Ideología y método en la historiografía argentina. Buenos Aires: Nueva Visión, 1972.
106. POMER, León. Argentina: Raízes coloniais do Estado. In: BRUIT, Héctor. Estado e burguesia nacional na América Latina. São Paulo: Icone, 1985.
107. " Cinco años de guerra civil en la Argentina (1845-1870). Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
108. " Os conflitos da Bacia do Prata. São Paulo, Brasiliense, 1979.
109. " A guerra do Paraguai. São Paulo: Global, 1981.
110. PUIGGRÒS, Rodolfo. Los caudillos de la Revolución de Mayo. Buenos Aires: Contrapunto, 1987.
111. RAFAEL, Juan. El federalismo y las intervenciones nacionales. Buenos Aires: Plus Ultra, 1982.
112. RAMA, Carlos M. Nacionalismo e historiografía en América Latina. Madrid: Tecnos, 1981.
113. RAMOS, Jorge Abelardo. Revolución y contrarrevolución en la Argentina. Buenos Aires: Plus Ultra, 1974.
114. REAL, Juan José. Notas sobre caudillos y montoneros. Unitarios y federales. Buenos Aires: Hispanoamérica, 1987.
115. REICHEL, Heloisa J. Contribuição para o estudo da formação social capitalista da América Latina: o caso da Cidade de Buenos Aires - 1830-1840. (Tese de Doutorado) São Paulo: mimeo, 1989.
116. " Fundamentos económico-sociais do federalismo argentino à época da Revolução Farroupilha. Revista do IFCH/UFRGS. Porto Alegre: 1985. v.13 p.144-153.
117. ROMERO, José Luis. Breve historia de la Argentina. Buenos Aires: Abril, 1987.
118. " Las ideas políticas en Argentina. Fondo de Cultura Económica, 1987.
119. ROSA, José María. La guerra del Paraguay y las montoneras.

- argentinas. Buenos Aires: Peña Lillo, 1985.
120. SALDIAS, Adolfo. Cómo se formó la Alianza Antirrosista. Buenos Aires: Plus Ultra, 1974.
121. SARMIENTO, Domingo Faustino. El Chacho. In: Vidas del Chacho. Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1973.
122. ———? Facundo. Buenos Aires: Sopena, 1982.
123. ———? Las ciento y una. Buenos Aires: Claridad, s.d.
124. SCENNA, Miguel Angel. Lamarírid, el guerrero destrozado. Revista Todo es Historia. Buenos Aires: 1980. n. 155, abr.
125. SCOBIE, James R. La lucha por la consolidación de la nación argentina 1852-1862. Buenos Aires: Solar, 1964.
126. SOLER, Ricaurte. Idea y cuestión nacional latinoamericana. México: Siglo XXI, 1980.
127. STEIN, Stanley , STEIN, Barbara. A herança colonial da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
128. STREET, John. Gran Bretaña y la independencia del Río de la Plata. Buenos Aires: Paidós, 1967.
129. TORRE, Nelson de la et al. Artigas, tierra y revolución. Montevideo: Arca, 1967.
130. TORRES, Haydée Gorostegui de. Argentina. La organización nacional. Buenos Aires: Paidós, 1987.
131. TOURNON, Lucía Sala de, ELOY, Rosa. El Uruguay comercial, pastoral y caudillesco. Montevideo: Ed. de la Banda Oriental, 1986.
132. ——— et al. Artigas y su revolución agraria (1811-1820). México: Siglo XXI, 1978.
133. VARELA, Felipe. Manifiesto del General Varela a los pueblos americanos. Buenos Aires: Sudestada, 1968.
134. VARGAS, Guillermo S. Oribe y su significación frente a Rosas y Rivera. Buenos Aires: Pellegrini Impresores, 1958.
135. VARGAS, Otto. Sobre el modo de producción dominante en el Virreinato del Río de la Plata. Buenos Aires: Agora, 1985.
136. VICTORICA, Julio. Ucúiza e Mitre. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1918.

137. VILLALOBOS, Sergio. Comercio y contrabando en el Río de la Plata y Chile. Buenos Aires: Eudeba, 1966.
138. YUNQUE, Alvaro. Breve historia de los argentinos. Buenos Aires: Ateneo, 1950.
139. ZALAZAR, Roberto. El Brigadier Ferrey y el unitarismo porteño. Buenos Aires: Pampa y Cielo, 1965.
140. ZORRILLA, Rubén. Extracción social de los caudillos. Buenos Aires: La pleyade, s.d.

FONDES PRIMARIAS

I - IMPRESOS

1. ANSALDI, Waldo. Rosas y su tiempo. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984.
2. ALIZA, Néstor T. Documentos para la enseñanza de la historia argentina (1852-1890). Buenos Aires: Pannedille, 1970.
3. BARBA, Enrique. Correspondencia entre Rosas, O'Donoja y López. Buenos Aires: Solar, 1975.
4. BOSSH, Bestriza. Urquiza y su tiempo: la organización nacional. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984.
5. ETCHART, Martha, ODUZON, Martha. Documentos de historia argentina. Buenos Aires: Cesarini Hermanos, 1969.
6. MUSEO MITRE. Correspondencia Mitre-Urquiza (1860-1868). Buenos Aires: Fundación Banco de la provincia de Buenos Aires, 1984.
7. SEGRETI, Carlos S.A. La economía del interior en la primera mitad del siglo XIX - Cuyo. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1981.

II ARQUIVOS

1. ARCHIVO GENERAL DE LA NACION.

Archivo del General Justo José de Urquiza (Tomas 252, 254, 259, 261, 266, 267, 269, 271, 278).
 Archivo de Marcos Paz (Documentos no Publicados, Legajo 10)

2. ARCHIVO DE MITRE.

Tomo VI (Guerra del Paraguay)
 Tomo XI (Pacificación y Reorganización Nacional).

3. ARCHIVO HISTÓRICO DE LA RIOJA.

Documentos 29, 32, 33, 40, 41, 75, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 147, 149, 152, 181, 272 e 273.
 Archivo Particular del profesor Darío de la Vega Díaz (Carpeta 21, Folios 14, 31, 41, 43, 68).